



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO EM LETRAS
Campus I – Prédio B3, sala 106 – Bairro São José – Cep. 99001-970 - Passo Fundo/RS
Fone (54) 3316-8341 – Fax (54) 3316-8330 – E-mail: mestradoletras@upf.br

Anelise Toni Blos

NARRATIVA ORAL: UMA ARTE MILENAR

Passo Fundo, junho de 2007.

Anelise Toni Blos

NARRATIVA ORAL: UMA ARTE MILENAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Professora Dr. Fabiane Verardi Burlamaque.

Passo Fundo

2007

Anelise Toni Blos

Narrativa oral: uma arte milenar

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Fabiane V. Burlamaque – UPF – Orientadora

Prof^a. Dr. Tania M. Kuchenbecker Rösing – UPF – Examinador

Prof^a. Dr. Teresinha Bastos Scorsato – UPF – Examinador

Passo Fundo

2007

*Para Lucas e Rodrigo, meus filhos, pelo amor e a alegria;
para Lori e Harri, meus pais, pelo encorajamento e auxílio;
aos meus irmãos Marlise e Márcio, pela amizade e ajuda;
aos meus sobrinhos Marco Aurélio, Bárbara,
Helena e Vítor Afonso, pelo carinho e afeto;
a todos os amigos e colegas por sua companhia e solidariedade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do mestrado em Letras, Dr. Fabiane Verardi Burlamaque, Dr. Márcia Saldanha Barbosa, Dr. Miguel Rettenmaier, Dr. Paulo Becker, Dr. Renata Junqueira de Souza, Dr. Ronald Jobe e Dr. Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing, que colaboraram para que os Estudos Literários fizessem ainda mais parte da minha vida pessoal e profissional; obrigada pelos ensinamentos que foram mediados durante as aulas e pela colaboração no desenvolvimento da minha dissertação.

Meu reconhecimento maior é para minha orientadora, a Prof^ª. Dr. Fabiane Verardi Burlamaque, pela orientação significativa, competente, generosa, criteriosa, pela amizade e disponibilidade.

Agradeço à Prof^ª. Dr. Márcia Saldanha Barbosa e ao Prof. Dr. Miguel Rettenmaier, coordenadores do curso de mestrado em Letras, cujos esforços permitiram meu aprimoramento nesta pós-graduação.

Gostaria de agradecer também à minha família, em especial a meus pais Harri e Lori, por terem me proporcionado uma educação que hoje condiz com a pessoa que me tornei, e aos meus irmãos Marlise e Márcio, pelo incentivo e motivação. Meu reconhecimento ainda à Silvana, pelo carinho e amizade.

Agradeço em especial aos amigos Neusa e Renato, pelo apoio em todos os momentos de minha vida.

Aos amigos e colegas de curso Dinara, Fabiano, Izandra, Madalena, Marilene, Olivete, Rodrigo, Rozélia e Zilá.

Aos alunos, professores e à gestora da Escola de Educação Básica Arabutã, que, com seus testemunhos preciosos, tornaram possível esta pesquisa, além de terem ensinado muito em termos de aprendizado e vivência.

Agradeço também as sugestões da banca examinadora, formada pelos Professores Doutores Tania M. Kuchenbecker Rösing e Teresinha Bastos Scorsato.

E, apesar de todos os agradecimentos já feitos, não poderia deixar de reconhecer que durante minha vida tenho sido abençoada por uma luz divina. Obrigada, Senhor!

RESUMO

Esta pesquisa consiste numa investigação sobre as narrativas orais, uma arte milenar. O estudo, realizado na Escola de Educação Básica Arabutã, no Município de Arabutã, Santa Catarina, Brasil, aborda os processos, os fatores e as instâncias que interferiram, determinaram e influenciaram os itinerários em relação ao tema como um modo de socializar e interagir com a leitura entre os alunos de diferentes faixas etárias que se encontram no ensino fundamental e ensino médio da escola investigada. Com base em pesquisas vinculadas com a Narração Oral, Educação, História da Leitura e a história dos sujeitos envolvidos no estudo, buscou-se averiguar se a narração de histórias, neste trabalho entendida como a contação de histórias, auxilia os docentes, na escola em questão, em sua prática pedagógica, questionando se essa arte pode servir de motivação para a prática prazerosa da leitura. Por meio da análise e comparação de depoimentos obtidos nos questionários, e com base nos pressupostos da teoria funcional, buscou-se informações sobre a experiência com as narrativas de histórias orais por parte dos sujeitos pesquisados. Dessa forma, foi possível traçar o perfil desses sujeitos e constatar seus diferentes modos de interação com a oralidade. O exame permitiu também a edificação de um panorama capaz de apontar as narrativas orais em circulação, os modos de transmissão, a divulgação e a socialização, os ambientes, as táticas de troca das histórias, as práticas adotadas pelos indivíduos estudados e a diversidade de competências na escola em questão, a prática pedagógica dos docentes e a motivação para a prática prazerosa da leitura.

Palavras-chave: narrativas orais, ensino, aprendizagem, leitura, socialização, interação.

ABSTRACT

This research investigates the oral narratives: a millenary art. The study that took place in the school of Basic Education Arabutã in the Municipal District of Arabutã, Santa Catarina, Brazil, approaches the process, the factors, and the instances that interfered, determined and also influenced the itineraries in relation to the theme as a way of socialize and interact while reading among students of different ages that are in the Fundamental Education and Secondary Education of the school. This research, that are based on studies linked with the Oral Narration, Education, History of Reading, and History of the Subject involved in the study tried to learn more about the narration of stories, in this work known as the telling of stories, helps the teachers in their pedagogical practice, questioning if this art can serve as a motivation for the pleasure of reading. Through the analyses and comparison of the statements in the questionnaires, and based on the presuppositions of the functional theory, it's looked for information with the test individuals about the experience with the oral narratives. Like this, it was possible to trace the profile of these individuals and to see their different ways of interacting with the oral. This exam also allowed the construction of a panorama capable of pointing the oral narratives in circulation, the ways of transmission, divulgation and socialization, the environment, the methods of changing histories, the practices adopted by the studied individuals and the diversity of competences in the studied school, the pedagogical practice of the teachers and the motivation for the pleasure of reading.

Key-words: oral narratives, teaching, learning, reading, socialization, interaction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
1.1 As primeiras histórias orais	14
1.2 As teorias sobre as narrativas de histórias.....	20
1.3 A arte e a ciência: um processo de aprendizagem	32
1.4 A narrativa oral no ensino fundamental e ensino médio	38
1.5 O papel do educador e a narração de histórias	53
2 A PESQUISA.....	72
2.1 A pesquisa exploratória.....	73
2.2 O contexto da realização	76
2.3 O corpus da pesquisa.....	78
2.3.1 Os alunos.....	79
2.3.2 Os professores	79
2.3.3 A gestora.....	80
2.4 Os questionários.....	81
3 OS RESULTADOS	83
3.1 Os dados revelados pelos alunos.....	83
3.2 Os dados revelados pelos professores	87
3.3 Os dados revelados pela gestora	92
3.4 Aspectos comuns revelados nos questionários e encontros com os pesquisados	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
BIBLIOGRAFIA.....	104
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Suspiro, murmúrio, admiração, respiração, grito, emoção...

Quem nunca ouviu uma história fascinante, daquelas que ficam guardadas no coração e que, às vezes, podem até mesmo transformar uma vida?

As narrativas orais parecem músicas. Narrar ou ouvir uma história é fonte de prazer, de fascínio e sensação de viagem pelo imaginário, pelos sonhos, pelas imagens, pelos encantamentos, pelas atenções, pelos desejos mais ocultos do ser humano. Narrar um feito, uma história, um fato real ou inventado, dirigidos a uma coletividade de crianças, adolescentes e adultos, é um importante meio de socialização de saberes, interesses, gostos, idéias e pensamentos semelhantes ou diferentes do ser humano, que poderão compensar a tendência de um possível leitor a voltar-se para si mesmo e para o mundo que o cerca.

O empenho pelo resgate da narrativa de histórias orais, nesta pesquisa entendida como o ato de contar histórias, se dá, no Brasil e no mundo inteiro, por ser ela um patrimônio cultural, mesmo em meio à resistência de forças políticas para que não se revele o que se conta e se ouve a respeito de remotas recordações. Apesar de muitas pessoas, em virtude das mais variadas formas de repressão, terem sido emudecidas, há cada vez mais indivíduos que acreditam que a narração de histórias orais pode aprimorar a capacidade de observação, desenvolver a memória e a imaginação, promover a criatividade, despertar ou expandir o gosto pela leitura, fazer vencer a timidez, enriquecer o vocabulário, apurar e aprimorar a linguagem, habituar a organização das palavras, analisar gestos, adquirir fluência, a fim de expressar-se melhor oral e corporalmente, sincronizar o desenvolvimento da trama com o tom de voz e o ritmo, organizar verbalmente seqüências temporais e, principalmente, ser uma

maneira de dar voz à liberdade das pessoas para que possam desenvolver também seu lado social, político e econômico.

Narrar histórias orais é uma arte, é algo precioso, e o narrador de histórias é um artista que dá respostas às aflições, pois tal faculdade é um convite para uma aventura, para um caminho rico de peripécias, enigmas, tentações, sucessos. O contador de histórias que renuncia às inteligências psicológicas mais facilmente armazenará o que narra na memória do ouvinte; esta se assimilará à sua própria experiência, de forma que ele também desejará recontá-la um dia. Ao referir-se a essa questão, Benjamin afirma que

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (1994, p. 205).

A narração oral é mais antiga que a narração escrita; mesmo assim ela perpassa sua intimidade em relação ao que conhecemos. Ong, mediante isso, lembra que

Grande parte do estudo acerca do contraste entre oralidade e cultura escrita ainda está por ser feito. O que se aprendeu recentemente sobre esse contraste continua a ampliar o entendimento não apenas do passado oral, mas também do presente, libertando nossas mentes do texto e colocando sob novas perspectivas boa parte daquilo com que há muito tempo estamos familiarizados. (1998, p. 175).

As palavras de Ong advertem que a cultura escrita transforma a consciência e o pensamento, que parecem ser evidentes, mas que só se tornam possíveis se a mente lança e internaliza a tecnologia escrita.

Para Betty Coelho (2004, p. 14), “geralmente, uma boa história agrada a todos”, o que evidencia que crianças, adolescentes e adultos gostam de ouvir histórias, inclusive as mesmas histórias, porque é uma maneira de apreenderem a existência humana e o conhecimento.

A arte do narrador de histórias foi e é apreciada nas mais diversas classes sociais, nas

histórias, nos boatos, nas credices, nos contos tradicionais e modernos, nas fábulas etc. Os contos referem-se ao passado, o qual, muitas vezes, é um passado indeterminado, sendo apresentado pelo “Era uma vez...” que encanta desde a mais tenra idade. Eles são conhecimentos que vêm de berço, trazendo à nossa lembrança nossos avós, pais, vizinhos e alguns professores presentes em nossa memória. Esse pensamento é evidenciado nas palavras de Fanny Abramovich (2004, p. 16), para quem “o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós”, e de Nelly Novaes Coelho, que pergunta: “quem teria inventado essas estórias que os avós dos nossos avós já conheciam e contavam para as crianças, nas noites de serão familiar?”. (2003, p. 21).

O narrador de histórias é um texto vivo que empresta seu corpo, sua voz e seu amor ao texto que conta e, assim, o texto passa a ter sentido; é aquele que envolve em sua narração a todos, independente de sua idade, permitindo manter valores ou nutrir o inconsciente coletivo, o arquétipo, que se nutre do que vivemos e do futuro que estamos criando. O narrador adapta nossa maneira de entender o mundo e de nos entendermos, pensamento também sustentado por Cléo Busatto (2003, p. 10), quando afirma estar “falando do velho contador de histórias. Sempre que solicitado, lá estava ele, narrando façanhas de heróis e vilões...”. As palavras da escritora lembram Ong, que fala “de um contador ainda ligado às culturas primárias”. (1998, p.17).

Aquele que ouve uma história potencializa a capacidade de atenção, respeito, silêncio, memorização, relacionamento e diálogo, porque vê os gigantes, as bruxas, os ogros e os objetos mágicos que representam o sobrenatural, e, também, o herói e a heroína que devem levar adiante seu intuito, que revelam situações simbólicas ou maravilhosas, que falam da vida e das dificuldades cotidianas, da procedência e das vivências dos homens.

A necessidade de relacionamento constante com outras pessoas requer habilidades comunicativas. As crianças, os adolescentes ou os adultos que chegam a qualquer instituição escolar conhecem e dominam sua língua; dessa forma, a eles compete o aprofundamento e a ampliação de seus conhecimentos. Nesse sentido, a contação de histórias pode acompanhar e nortear a aprendizagem intelectual e afetiva, além de auxiliar no alívio de crises e confusões, desbloqueando o desenvolvimento psicológico.

É necessário discutir e repensar a escola no momento atual, o que é importante para a sociedade e para a educação, assim como a formação do professor que trabalha com alunos do

ensino fundamental e ensino médio. Nesse contexto, é preciso saber se a narração de histórias orais constitui um recurso que se fez e faz presente no dia-a-dia da comunidade escolar, se as experiências vivenciadas na infância, na adolescência e na vida adulta são importantes para alunos, professores e gestores, se é possível, através da narração de histórias, promover o ensino e a aprendizagem nas mais diferentes áreas do saber, e se, de fato, tal arte pode aliar-se à ciência e ser utilizada eficientemente na promoção de leitores.

Vários estudos e experiências vivenciadas e compartilhadas por alguns educadores com a pesquisadora no seu ambiente de trabalho têm mostrado que a narração de histórias na Educação Infantil e de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental é uma prática que estimula crianças para o gosto e a prática da leitura, contribuindo para a que as aulas e a escola de modo geral se tornem mais estimulantes, mais cheias de vida. Porém, não encontramos nenhum estudo que trate especificamente da narração de histórias orais para alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e para alunos de 1ª a 3ª séries do ensino médio.

Nesse sentido, pretende-se investigar se os alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e os alunos de 1ª a 3ª séries do ensino médio, bem como os professores e a gestora da Escola de Educação Básica Arabutã ouvem e narram histórias; se a narração de histórias é uma prática de sociabilidade e interação entre as pessoas das mais diferentes faixas etárias que se encontram nas séries pesquisadas; se essa atividade poderia ser instrumento de motivação para a prática da leitura; e, finalmente, se a educação discute a contação de histórias como uma ferramenta a mais para a construção e a apropriação do conhecimento.

O trabalho de investigação, que compreende uma pesquisa de campo e qualitativa, foi realizado com 14 alunos que freqüentam a 8ª série do ensino fundamental e 17 alunos que freqüentam a 3ª série do ensino médio, bem como com os 10 professores que atuam em todas as disciplinas dos alunos das séries pesquisadas e a gestora da Escola de Educação Básica Arabutã, localizada no Município de Arabutã, no Estado de Santa Catarina. Os alunos, os professores e a gestora responderam questões subjetivas acerca de suas vivências pessoais, das experiências individuais de leitura, do ensino e da aprendizagem, da narrativa de histórias no ensino fundamental e no ensino médio.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, nos quais as informações dos questionados são constantemente cruzadas com a teoria proposta.

No primeiro capítulo, apresenta-se uma revisão dos pressupostos teóricos que

amparam esta pesquisa. Aborda-se, inicialmente, a sociedade contemporânea e a representação do conhecimento, relacionando as mudanças que ocorreram nesse contexto dentro das escolas. A prática docente em relação à narração de histórias também é discutida nesse momento, a fim de se entender se esta ocorre na ou se é excluída da escola, se pode motivar os alunos a serem leitores. Posteriormente, indaga-se os educadores, procurando saber se estes, na sua formação inicial, bem como na formação continuada, tiveram contato com a narração de histórias. Por fim, investiga-se os alunos, procurando descobrir se estes aprendem com maior facilidade os conteúdos dos professores que recorrem à contação de histórias durante as aulas.

O segundo capítulo explica a metodologia empregada na pesquisa, explicitando a forma de abordagem dos sujeitos. Num primeiro momento, faz-se a apresentação dos informantes e da forma como se realizaram os questionamentos. Em seguida, parte-se para uma análise individual dos questionários e, depois, são estabelecidas comparações e características dos depoimentos afins, suas semelhanças nos vários aspectos levantados junto a alunos, professores e ao gestor, fazendo-se, também, reuniões dialógicas com os grupos.

O terceiro capítulo apresenta as análises e os resultados dos dados e informações coletadas durante a pesquisa, os quais, ao serem cotejados, representam as conclusões evidenciadas neste trabalho.

Doze anexos ainda complementam esta pesquisa, nos quais constam fotos que registram vivências dos pesquisados; além do questionário e a transcrição deste questionário proposto aos alunos, aos professores e à gestora.

Este trabalho não pretende solucionar os problemas que envolvem a educação; ele apenas discute se a narração de histórias pode ser mais uma ferramenta para a escola proporcionar o ensino e a aprendizagem e socializar saberes, bem como interagir entre os alunos das mais diversas faixas etárias e níveis de ensino, auxiliando os docentes na sua prática pedagógica.

1 OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 As primeiras histórias orais

Já disse o poeta: o silêncio é o clamor de tudo o que não fala. Do interesse despertado pela história pode resultar silêncio.

Malba Tahan

As histórias que se narram trazem sempre para mais perto o sono e o sonho ao anoitecer. Ao amanhecer, trazem o desejo de tudo aquilo que deixa saudade.

A arte de narrar é uma das mais antigas culturas do mundo. Segundo Coelho,

Perde-se na noite dos tempos – ou seria madrugada? – a origem da arte de narrar. Fico a pensar no homem primitivo, à entrada da caverna, noite de luar, fogueira acesa para aquecer o corpo. De que falariam entre si? Da faina do dia, caçadas, peixes que pescavam, chuva, sol, contendras, troféus, estrelas distantes que talvez fossem deuses, lendas contadas pelos antepassados. (2004, p. 8).

O homem primitivo emudecia diante daquele que melhor narrasse uma história,

daquele que cobrisse de pormenores, que mais fantasiasse, que depositasse todo o sentimento, como se estivesse participando do que sua voz estava narrando para os ouvintes.

Os narradores de histórias orais sempre foram reverenciados no passado, uma vez que eram eles que traziam o conflito ou a procura dos personagens de suas histórias, descreviam as limitações e as provações a serem vencidas, enfrentavam o temor, o risco, a frustração, o encontro com o afeto, com o humor, os encantos, a magia, a morte, para ao final da narrativa transformar os personagens, tornando-os distintos e melhores do que no começo da história. As narrações bem contadas traziam para mais perto o desejo de um mundo repleto de valores importantes como a dignidade, a bondade, o amor, o afeto, a amizade e a probabilidade de poder alcançar os sonhos, os anseios, de solidificar as aspirações de cada pessoa, fazendo com que a noite chegasse mais cedo com seus mistérios, e que o amanhecer trouxesse consigo uma nova aventura, uma nova conquista, um novo alento, uma nova expectativa a fim de que as pessoas pudessem sonhar e viver para alcançar seus propósitos, seus sonhos. Enfim, todos precisavam das histórias.

As histórias se juntavam umas às outras e já não eram mais as mesmas, eram compartilhadas; não importava se eram antigas, verdadeiras ou imaginárias, elas simplesmente faziam com que o homem primitivo visse-as como estrelas que estavam sempre a brilhar, como se inúmeras das narrativas orais estivessem prontas para serem descritas e ouvidas e todos soubessem a infinita necessidade de cada uma delas.

Para os antepassados, as histórias orais sempre se faziam presentes e, mesmo com o passar dos tempos, muitas delas permaneceram na memória de muitas pessoas, passando de geração a geração, auxiliando na memorização do conhecimento a ser comunicado. Além das palavras, os sinais, o ritmo, a dicção, a expressão facial e o silêncio também eram marcantes para que a lembrança registrasse o que era contado. Muitas dessas histórias foram compiladas e figuram em livros porque o homem mudou e, com ele, o mundo também mudou, havendo assim a necessidade de se registrar por escrito a sabedoria, o conhecimento transmitido de pai para filho.

Na história da humanidade, a literatura oral se veiculou por meio da voz dos contadores de histórias. A partir do século XVIII folcloristas, historiadores, literatos e outros admiradores das narrativas orais começaram a colher e registrar esses contos, escrevendo-os ou deixando-os registrados através de outras formas, como desenhos. Muitas dessas pessoas

passaram a sobressair-se em diferentes lugares por trazerem a vida, os costumes, os valores, as crenças de um determinado povo. Mas de onde brotaram os contos da tradição oral? Quando surgiram? Quem os criou e por que foram inventados? Estudos buscam responder essas indagações, nenhum deles, entretanto, mostra-se completamente plausível. A busca de respostas para tais interrogações iniciou sua sistematização no Ocidente e tornou-se pesquisa científica no século XIX, a partir do Romantismo.

Acredita-se que há muito tempo alguma pessoa teria idealizado os contos da tradição oral e os passado adiante por meio da oralidade. Aprofundadas as pesquisas, estas levam a acreditar que tudo se originou no Oriente, com *As mil e uma noites* e tantas outras histórias. O francês Galland (1646-1715) publicou em 1707, na França, a primeira tradução impressa de *As mil e uma noites*. Ele encontrou dados de contos datados do século XIII, em suas viagens de pesquisa ao Oriente, e apresentou-os à Europa, aguçando a curiosidade dos europeus do século XVIII. O trabalho de Galland teve influências européias dessa época. Na sua tradução, o autor suprimiu rezas muçulmanas, as quais acreditava que não eram interessantes aos leitores ocidentais.

O homem sempre quis esclarecer sua origem e a origem das coisas, explicando sua vivência. Assim, acredita-se que as narrativas criadas pela imaginação humana coincidem com a primeira categoria do homem, a do *Homo Sapiens*.

Para Giambattista Vico (1668-1744), a imagem, que também narra histórias e acontecimentos, surgiu porque está relacionada com os estrondos do trovão e a idéia da divindade. Para ele, o homem, quando ouviu esse som, entendeu que existia uma força superior. Brota, então, o pensamento mitológico, conferido por Joseph Campbell (1993, p.49) à época do homem de Neandertal. Segundo o autor, acreditava-se que o cérebro tivesse sido maior naquela época do que o cérebro do homem moderno, o que também correspondia a uma transformação da consciência. Isso se manifestava através dos sepultamentos e da adoração de crânios de ursos das cavernas. O nosso ancestral viveu um longo período envolvido nesses acontecimentos que corresponderam à glaciação, período este que se estendeu de 200.000 a.C. a aproximadamente 40.000 a.C., segundo Busatto. (2005, p. 21).

Desse modo, aparece o conto de tradição oral numa perspectiva de se ler o mundo e cativar o ser humano, criado pelo mesmo. Essas épocas de supostos fatos expressivos na vida do ser humano são capazes de ilustrar a localização do conto através dos tempos.

Na Mesopotâmia, 4.000 a.C., nascem os primeiros sinais de um código de escrita. A idealização do alfabeto que hoje conhecemos surge aproximadamente em torno de 700 a.C., na Grécia (Havelock, 1996). Numa cerâmica com data de 5.000 a.C. passava a existir o desenho de um minotauro primitivo, com cabeça humana e corpo de touro. A figura mitológica do minotauro tornou-se notória, denotando que os contos eram recheados de personagens híbridos, heróis destemidos e astutos. Tais histórias foram difundidas e sustentadas por meio da oralidade e também através de pinturas, mas o registro escrito sobre a lenda do minotauro e do labirinto só deu-se por volta do século I ao II a.C. por meio de alguns poetas daquele tempo, como Apolodoro de Atenas e Ovídio.

A Esopo, herói popular da Trácia, se reputa o ofício de ter sido, no século VI a.C., um proeminente contador de fábulas. Esopo, no entanto, não escrevia suas fábulas. Até surgirem as duas coletâneas mais antigas desse gênero, datadas do ano 1 d.C., sua transmissão era exclusivamente oral. A primeira delas foi escrita em latim por Fedro, que levou Esopo para os romanos; a outra, em grego, é da autoria de Babrius¹.

No entanto, por muitos séculos, o domínio da escrita ficou restrito a uma camada muito pequena da sociedade, e o ato de contar histórias continuou a ser predominantemente oral. Assim, o contador de histórias ganhou as mais diversas funções sociais, sendo, desde um agente difusor da tradição do costume de um povo, até mesmo um defensor de idéias, crenças e tradições². O conto oral era fonte de conhecimento e de difusão das idéias de um povo, e por meio dele era possível recomendar comportamentos, resgatar valores e, até mesmo, curar; pois acreditava-se que ouvir um conto e internalizá-lo, em muitas circunstâncias, poderia ser um remédio para restabelecer a tranquilidade emocional e as condições físicas do ouvinte.

De acordo com Cléo Busatto, “o conto de tradição oral, seja ele conto de fada, mito, lenda, fábula, ou conto de ensinamento, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior” (2003, p.17). Assim, ao ouvir uma narrativa oral, a pessoa cria seu próprio cenário, imaginado a musicalidade, as cores, o cheiro, o lugar, o tempo, a ação. Cada pessoa o sente de uma maneira individual, única.

Para Ong, “no entanto, apesar das raízes orais de toda verbalização, o estudo científico e literário da linguagem e da literatura, durante séculos e até épocas muito recentes, rejeitou a oralidade” (1998, p. 16). Isso leva a acreditar que a narração de histórias orais começou a ser

¹ Disponível em {http://www.amigodaalma.com.br/conteúdo/artigos/contos_fadas.htm}. Acesso em 07 jan. 07.

² Disponível em {http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Contadores_de_Hist%C3%B3rias}. Acesso em 07 jan. 07

estudada com mais exatidão apenas no último século, passando a ser vista também com mais importância.

No início do século XX, Milman Parry (1902-1935) revelou que as obras *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, consideradas a primeira literatura escrita do Ocidente, eram originalmente poemas orais e que estes haviam sido registrados pela escrita entre 700 e 550 a.C. (Cléo Busatto, *apud* Havelock 1996, p.163). A descoberta de Parry, segundo Ong, poderia ser resumida da seguinte forma: “Virtualmente, todo traço distintivo da poesia homérica deve-se à economia imposta pelos métodos orais da composição” (1998, p. 30). Essa descoberta, conforme o teórico, era revolucionária nos círculos literários e traria enormes repercussões em toda parte na história cultural e psíquica.

Os estudiosos ainda estão elaborando e especificando as implicações de Parry, lembra Ong (1998, p. 37). O teórico cita, também, Albert B. Lord e Eric A. Havelock, dizendo que Lord, em 1960, levou adiante e ampliou o trabalho de Parry, realizando pesquisas de campo e gravações de atuações orais por cantores épicos servo-croatas, bem como entrevistas com esses cantores. Para Ong, Havelock estendeu as descobertas de Parry e Lord sobre a oralidade na narrativa épica oral a toda a cultura grega antiga oral, demonstrando como os inícios da filosofia grega estavam ligados à reestruturação do pensamento produzido pela escrita. Na cultura ocidental a mitologia grega, assim como os contos de fadas, fábulas, lendas, mitos de diferentes partes do mundo, provenientes da cultura oral, tornou-se conhecida, graças ao exaustivo estudo e coleta de inúmeros compiladores.

As fadas nasceram com os povos celtas, para os quais os elfos representavam as divindades do ar, os anões seriam os espíritos da terra e as ondinas os espíritos das águas. Tais seres foram muito disseminados por meio dos contos de fadas. Aproximadamente no século XII, magos e fadas estavam presentes nos romances de cavalaria, como o ciclo do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, coligido por Chrétien de Troyes.

Os contos de fadas alastraram-se pela Europa a partir do século XVII, através das compilações do francês Charles Perrault (1628-1703), que coletou contos da memória oral e publicou o livro *Contos da mamãe gansa*, que veio a público em 1697, conferindo a autoria a seu filho, na ocasião com 10 anos.

Jean de La Fontaine viveu no século XVII. Filho de burgueses, teve o apoio da nobreza para se dedicar à literatura. Escreveu poesias e adaptações de comédias, porém foram

As fábulas, escritas em versos e reunidas em doze livros publicados entre 1668 e 1694, que o tornaram conhecido no mundo inteiro. Graças a uma apurada sensibilidade para mesclar imagens poéticas e de humor, as fábulas de Esopo ganharam vida nova com La Fontaine, que as reeditou tornando-as conhecidas no mundo ocidental.

O francês Antoine Galland (1646-1715), como já citado anteriormente, apresenta em 1707 ao Ocidente *As mil e uma noites*, coletânea de fascinantes histórias de magia e aventura, inventadas e preservadas na tradição oral pelos povos da Pérsia. Tais histórias foram traduzidas de manuscrito datado dos séculos IX, X e XI, localizado na Síria.

Presume-se que *As mil e uma noites* tenha sido reinventada em várias épocas, sem perder, apesar disso, a sua principal qualidade: os inumeráveis contos narrados por uma das mais emblemáticas contadoras de histórias da humanidade: Scherazade, filha do grão-vizir do sultão Shahrair. Shahrair tinha o hábito de se casar a cada dia com uma mulher diferente, matando-a, na manhã seguinte, por medo de ser traído. Scherazade, então, se oferece para se casar com ele. Na noite de núpcias começa a lhe contar uma história, mas não a acaba. O rei, curioso para saber o fim da história, resolve adiar a morte da esposa por mais uma noite. Na noite seguinte, Scherazade acaba a história iniciada anteriormente, e começa uma nova, ganhando mais um dia, e, assim, sucessivamente. Scherazade consegue continuar a viver, dia após dia, e, quando chega a milésima primeira noite, depois de 1.001 histórias, precisamente dois anos, duzentos e setenta e um dias, a princesa já tem três filhos e o sultão está totalmente apaixonado. Assim, Shahrair acaba com sua determinação de assassinar suas esposas a cada manhã e o reino volta à tranquilidade.

A técnica de Scherazade, a interpolação – arte de articular uma história na outra, constituindo-as todas entre si – é a grande chave do sucesso da contadora de história e de sua salvação. Em cada um dos narradores vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está sendo contada.

Alguns anos depois, na Alemanha, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), lingüistas e folcloristas, em busca da nacionalidade alemã, publicaram os contos coletados da tradição oral popular, especialmente da camponesa Katherina Wieckmann. A maior parte dos contos que fizeram parte de seu primeiro livro, *Contos para crianças e para o lar*, foi narrada por ela. Os Irmãos Grimm coletaram contos de encantamento por toda parte da Europa. Os contadores eram camponeses, pescadores, caçadores, lavadeiras, costureiras e

tantos outros que difundiam as narrativas populares. Tais histórias originaram *Os contos de fadas dos Irmãos Grimm*, lançados de 1812 a 1815, em dois tomos, que, desde então, vêm sendo adaptados em quase todos os idiomas.

1.2 As teorias sobre as narrativas de histórias

Desde Charles Perrault, no século XVII, intensificou-se o interesse pela narrativa de tradição oral, surgindo posteriormente investigações a partir de diversos pontos de vista de estudiosos da literatura, folcloristas, historiadores, lingüistas, psicólogos e etnólogos. É nesse contexto que surge a escola finlandesa de folcloristas, que no século XIX e no início do século XX pretendia chegar à forma primordial de um conto popular por meio do registro e classificação de suas variantes e dos caminhos de sua propagação. Nessa escola produziu-se uma obra que, mais tarde traduzida e ampliada pelo americano Smith Trompson, serviu de alusão para futuros pesquisadores. *The types of folk-tale – a classification and bibliography*, publicada em 1928, apresenta a reunião e a catalogação de uma admirável quantidade de contos populares encontrados em vários países da Europa, um trabalho adaptado ou criticado por muitos outros autores.

Teses foram contrapondo-se umas às outras pelos estudiosos que as criaram. Assim, no século XIX, o alemão Theodor Benfey (1809-1881) acreditava que a maioria dos relatos populares do mundo havia se originado na Índia, por volta do século IV d.C., numa coleção de contos e fábulas denominados *Panchatantra* (os cinco livros). Essas histórias teriam sido escritas para polir os príncipes hindus, dando-lhes conhecimentos sobre política, ética e aspectos fundamentais da vida.

Benfey organizou uma trilha histórica de difusão dos *Panchatantra* e descobriu que essa coleção foi levada para a Pérsia no século VI e ali traduzida no idioma *pahlavi*, que era a língua persa clássica. No século XII, foi traduzida para o árabe, depois para o hebraico e o latim. Depois da primeira tradução feita por Benfey, em 1859, surgiram outras traduções em toda a Europa. Atualmente essa obra se encontra também em francês, russo, holandês, italiano e outras línguas.

O estudioso alemão Max Muller acreditava que os contos populares teriam se originado de mitos cosmológicos arianos da Índia pré-histórica. Ele estudou os contos como

herdeiros de práticas e crenças tribais, encontrando neles motivos que chamou de vestígios do xamanismo e do canibalismo.

Compartilhando a mesma idéia, Paul Saint-Yves, no início do século XX, situou a origem dos contos em rituais de iniciação, na celebração das estações e em outras cerimônias de povos arcaicos. Em 1923, em sua obra *Les contes de Perrault et les récits parallèles*, formulou a hipótese ritualista sobre a origem dos contos, apoiando o pensamento do inglês Andrew Lang, o qual acreditava que os contos são anteriores aos mitos.

Seguindo Saint-Yves, o folclorista soviético Vladimir Propp³ considerou os contos populares russos relacionados a ritos totêmicos de iniciação. Propp publicou seu livro *Istoriceskie Korni Volsebnj Skazki (As raízes históricas dos contos de fadas)* em 1946.

Até agora (...) se colhia um motivo ou tema qualquer, se recolhiam as possíveis variantes escritas e então se estabeleciam as conclusões a partir da contraposição e comparação dos materiais (...). Do mesmo modo foram estudados temas concretos. (...) Os estudos desse tipo são bastante numerosos, fizeram progredir notavelmente nosso conhecimento da difusão e da vida dos motivos concretos, mas não resolveram os problemas da sua origem. Por isso nos recusamos a estudar o conto do ponto de vista do tema. Para nós, o conto maravilhoso constitui um todo, todos os seus temas acham-se reciprocamente ligados (...) O motivo só pode ser estudado dentro do sistema do tema, os temas só podem ser estudados em sua recíproca conexão. (1979, p. 18-19).

Dessa forma, Propp recusa-se a estudar o conto do ponto de vista do tema, porque acredita que o conto maravilhoso constitui um todo, uma vez que todos os seus temas acham-se reciprocamente ligados, em conexão.

O autor averiguou a composição do conto maravilhoso, firmando-a à realidade histórica do passado. Baseando-se na teoria marxista, que constitui fases contínuas durante o desenvolvimento histórico – partem do comunismo primitivo até o socialismo –, Propp notou que há uma estrutura comum a uma certa variedade de contos. Percebeu um caráter iniciático, ordenado e significativo, envolvendo as histórias maravilhosas, referindo-se a um cenário imaginário, descrevendo ritos que revelam um comportamento histórico, arquetípico, da psique humana. Entretanto, aprisionado pela ideologia marxista, quis relacionar esse caráter a um determinado estado de cultura, o que decorreu em arbitrariedade, estando em desacordo

³ PROPP, Vladimir. *Las raíces históricas Del cuento*. Madri: Fundamentos, 1979.

com a própria realidade histórica. Para ele, o que importa é a estrutura do conto, a função dos personagens em relação ao desenvolvimento do relato, independente de quais forem os personagens e de como exercem sua função.

Posteriormente, vários autores revisaram e criticaram esse modelo apontado por Propp. Regina Machado cita os modelos de Claude Brémond, do folclorista americano Alan Dundes e o modelo actancial de Greimas, apresentados na obra de Michele Simonsen, que fala das abordagens sobre o conto popular até três quartos do século XX. A escritora detém-se à abordagem de André Jolles, que busca definir uma possível função para o conto tradicional dentro da produção literária, pelo fato de considerar a originalidade de sua contribuição. Ela afirma que Jolles busca na linguagem a raiz do fenômeno literário. Machado assim se refere a Jolles:

Ele pesquisa legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso memorável, conto ou chiste “que se produzem na linguagem e que emanam de um labor da própria língua, sem intervenção – por assim dizer – de um poeta”. Esse labor da linguagem é para Jolles um dos três trabalhos que fundam a unidade de um grupo humano: o camponês produz, o artesão fabrica, e para que esses dois trabalhos sejam possíveis torna-se necessário o trabalho de interpretação, fazendo com que os dois primeiros tenham sentido para o ser humano e que a compreensão desse sentido conduza à plena realização desse trabalho. (2004, p. 160).

Dessa maneira, o pensamento e o conhecimento conduzem ao trabalho de interpretação da linguagem, o que resulta numa melhor e maior compreensão para as pessoas, fazendo-as entender que isso pode levá-las à realização pessoal.

As narrativas populares são estudadas por vários autores no decorrer do século XX, entre os quais Bruno Bettelheim e Marie-Louise von Franz, teóricos que aprofundaram o assunto. Bettelheim faz uso da psicanálise para compreender a função dos contos tradicionais dentro do processo psíquico infantil, descrevendo a infância como um esforço doloroso, que constantemente necessita ser dominado devido às decepções narcísicas da primeira infância, em função dos traumas do desmame, aos laços de dependência infantil e seus laços parentais, os conflitos edipianos e as angústias que eles acarretam. Segundo ele, o conto seria uma forma de socialização, mostraria uma visão otimista do princípio da vida, oferecendo possibilidade de um ego harmonioso para todo ser humano.

O folclore e a arte, para a abordagem psicanalítica, serviriam para o estudo do psiquismo humano e as recorrências aos contos seriam as fantasias comuns a toda a humanidade. Bettelheim, discípulo de Freud, estudou o texto do conto levando em consideração o estudo dos sonhos; porém o próprio Freud afirmou que sem as associações do sonhador, sem conhecer as circunstâncias em que ocorreram, os sonhos não lhe diziam nada.

Marie-Louise von Franz, discípula de Jung, estudou em muitas obras os contos de fadas, do prisma da psicologia profunda. Jung acreditava que os contos descreviam o processo psíquico da individualidade por meio da representação de fenômenos arquetípicos. As religiões, os mitos e contos maravilhosos, as atitudes humanas, seriam comparações comuns a toda a humanidade, seriam as manifestações do inconsciente. Desse modo, personagens e situações dos contos de fadas foram estudados por Marie-Louise e foram vistos como transformadores da personalidade, por meio do inconsciente coletivo e do inconsciente pessoal. Entretanto, Jean de Vries argumenta que o conto não é uma criação espontânea do inconsciente, como o sonho, mas sim uma criação literária; e o psicológico, cogitando planos abstratos, deixa de considerar a evolução dos temas literários populares e a história dos motivos folclóricos.

Outros estudiosos têm uma visão radical dos racionalistas ocidentais, porque se movem no quadro das referências do simbolismo tradicional, associando tradições do ensinamento como o budismo, hinduísmo, sufismo e judaísmo, entre outras.

Ananda Coomaraswamy fala do folclore, assinalando a procedência divina das sagas e do conto popular, numa visão semelhante a dos irmãos Grimm. Seu pensamento é o de que o saber depositado nos contos desde sua procedência é um mistério, sendo o significado idealizado por diferentes interpretações, porém comuns ao folclore do mundo inteiro e inerente às escrituras sagradas que os originam.

René Guénon atribui ao povo a função de memória coletiva. Para ele,

(...) quando se trata de elementos tradicionais no verdadeiro sentido da palavra, por mais deformados, diminuídos ou fragmentados que possam estar, às vezes coisas que têm um valor simbólico real, tudo isso, longe de ser origem popular, não é nem mesmo de origem humana. O que pode ser popular é unicamente o fato da sobrevivência, quando esses elementos pertencem a formas tradicionais desaparecidas. (1934, p.147-148).

Cláudio Mutti, estudioso dos contos na perspectiva das ciências tradicionais, como Guénon, diz que o conto, na maioria das vezes, conserva ensinamentos significativos, escondidos em elementos fantásticos, nos quais o investigador careceria buscar a simbologia encoberta em sua significação metafísica e não psicológica. Para Mutti, o elemento simbólico é fundamental na maioria das sagas, lendas e fábulas, o que o leva a declarar que o simbolismo é a linguagem mítica por excelência. Na visão do autor, não é preciso reconhecer apenas o aspecto objetivo e supra-individual dessas composições narrativas, mas também a significação metafísica do símbolo. Dessa forma, sua presença, aliada a elementos da iniciática, mostra, segundo Mutti, a afirmação dos Grimm sobre a origem divina das sagas e fábulas.

Nas referências da ciência tradicional, a investigadora Eve Leone discorre, amparada nos principais autores que falam sobre o simbolismo tradicional, que o racionalismo moderno reduz-se à idolatria, à ciência e à técnica, em meio a uma sofisticada barbárie, e, assim, não alcança o significado dos contos de fadas. Regina Machado (2004, p.165) faz referência às seguintes palavras de Eve Leone:

Colocamos sob a lupa do racionalismo, os contos de fadas resistiram a todas as teorias, eles foram analisados, psicanalisados, forçados, subestimados, traídos e ignorados, e quanto mais se tenha retorcido as ideologias para apanhá-los em suas redes, mais longe se está do verdadeiro que permanece intacto em sua maravilha. (1991, p. 12).

Leone contrapõe-se radicalmente ao conjunto das visões científicas oferecidas até o momento, abrindo perspectivas para refletir em outras direções.

Regina Machado (2004, p.165) questiona a insuficiência para explicar a natureza mais profunda do universo maravilhoso dos contos tradicionais, chamando a atenção para quando os irmãos Grimm dizem que os contos são fragmentos espalhados pelo chão de uma jóia preciosa que se quebrou e só olhos perspicazes podem descobri-los. A autora lembra que os estudiosos tradicionais propõem-se a discorrer sobre essa jóia e nos leva a pensar sobre nossa incapacidade de acompanhá-los, por não termos acesso ao simbolismo tradicional pelas vias do conhecimento científico disponível.

Regina Machado ainda aponta para as diferentes visões da palavra iniciação, lembrando que Propp fala dela como fenômeno histórico, datado, que teria se conservado nos motivos do conto popular como reminiscência de um estágio cultural inferior, típico de um momento evolutivo da humanidade. Ele elabora um modelo dentro do qual os contos devem se encaixar, o que nem sempre é possível. Já do ponto de vista dos discípulos de Jung, a iniciação contida nos contos de fadas seria uma aventura pessoal de integração psíquica.

Todas as interpretações dos estudiosos ocidentais têm em comum a concepção de que os contos tradicionais podem ser explicados com formulações teóricas construídas pelo investigador. Entretanto, os autores falam do sagrado como uma realidade que não pode ser explicada racionalmente, agregando o mistério de uma esfera supra-humana como dado essencial a ser avaliado no material de estudo.

Julius Evola distingue a cultura profana da doutrina tradicional, dizendo que a ciência moderna dá valor aos contos pelo que podem conter em termos de história da humanidade, ao passo que seria indispensável dar importância à história em virtude do seu conteúdo mítico.

Os estudos do século XIX, focalizados na assunto das origens e da propagação, cederam lugar, no século XX, à pesquisa da estrutura e função dos contos. A lingüística, o marxismo e o movimento formalista russo do início do século XX, serviram de referência. As abordagens do estruturalismo, da semântica e da semiologia especificaram a forma literária do conto popular.

A psicanálise e a psicologia profunda serviram de alusão a estudiosos para traçarem nos contos tradicionais a compreensão e os subsídios desse material para o desenvolvimento psicológico do ser humano. Autores ocidentais e orientais, adotando as ciências tradicionais como referência, ponderam os contos do ponto de vista metafísico, possíveis de ser compreendidos somente pelo estudo do simbolismo.

Tolkien acredita que as histórias precisam ser saboreadas para se sentir o efeito do conto lido ou escutado. Para ele, as histórias de fadas abraçam não somente o estado onde existem as fadas, mas também os anões, as bruxas, os gigantes ou dragões, o sol, a lua, o céu, a terra e todas as coisas que estão nela. O autor fala ainda do encantamento, do propósito da sátira, da aventura, da fantasia que realiza o poder do homem como subcriador.

O pensamento de Tolkien remete aos contos da oralidade dos africanos, pouco

conhecidos entre nós. Para eles, tudo nasceu e teve origem na terra, por isso creditam que o sol, a lua e as estrelas viviam na terra antes de subirem ao céu, que os animais geram filhos humanos e que estes são devorados por feras mitológicas. Blaise Cendrars narra os mitos africanos que chegaram até o Ocidente, os quais, de acordo com Ong (1998, p. 38), advindos de culturas muito diferentes da européia, seriam iluminados.

No Brasil, os contos populares foram registrados por antropólogos, viajantes, folcloristas. Luís da Câmara Cascudo destaca-se por ter sido um grande ouvinte das narrativas do povo, de suas lendas, seus contos, costumes e as tradições do Brasil. Tais histórias e outras colhidas pelo folclorista estão registradas nos livros *Histórias que o tempo leva*, *Vaqueiros e cantadores*, *Dicionário do folclore brasileiro*, *Contos tradicionais do Brasil*, *Lendas brasileiras*, *Jangadas: uma pesquisa etnográfica*, *Rede de dormir*, *A cozinha africana no Brasil*, *Antologia do folclore brasileiro*, *Literatura oral no Brasil*, *Trinta estórias brasileiras*, entre outros.

Vários desses contos compilados por Câmara Cascudo são como os contos de fadas da Europa, pois têm o mesmo estilo, a mesma forma de serem moldados ao contexto onde são narrados, adaptando-se a quem os contou, mas de acordo com a realidade brasileira.

Busatto, no que diz respeito ao conto na literatura oral, afirma:

(...) o conto de literatura oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade, sem que, com isso, possamos lhe atribuir paternidade. Saber da sua provável origem mostra-se apenas uma curiosidade, porque o conto se molda ao contexto onde ele é narrado e, como camaleão, vai se adaptando às cores e aos tons de cada povo, de cada contador que narrou. Cada voz imprimiu a sua sonoridade, cada corpo, as suas emoções. Ele mudou de nome e de roupa, mas a sua essência continuou inalterada. O conto de tradição oral é um retrato da magia e do encantamento, uma fantástica criação da mente humana. (2003, p.28).

Desse modo, a origem dos contos de literatura oral está associada com a cultura de um povo. As histórias foram sendo introduzidas, adaptadas, afeiçoadas, conforme a cultura de cada grupo, valorizando a sua etnia, a sua cultura, a sua religião, instigando as pessoas a reconhecerem nos contos e nos seus sujeitos criadores, a complexidade de um povo, as suas diferenças, as diversidades entre os povos, e mostrando-lhes que isso traz conhecimentos em

relação ao mundo em que vivem.

O conto sempre tem o poder de encantar. Segundo Bruno Bettelheim, em seu estudo sobre os contos de fadas, isso acontece graças às suas “qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte” (1980, p.20). Para o teórico, os contos de fadas, em razão de seus elementos simbólicos, criam uma ponte com o inconsciente, agregando os conteúdos arquetípicos e oportunizando à criança aconchego e consolo no que se refere às suas emoções.

Assim, ao escutar um conto, o ouvinte cria seu próprio cenário, imaginado a musicalidade, as cores, o cheiro, o lugar, o tempo, a ação. Cada pessoa irá senti-lo de uma maneira individual, única, e cada qual sentirá prazer e alegria de um jeito diferente. Ele igualmente realizará novas leituras do meio no qual está inserido e este poderá servir de estímulo para que novos conhecimentos possam ser percebidos com mais desenvoltura. O ato de ouvir uma história também oportuniza a quem a escuta a arte de recontá-la, desenvolvendo, assim, competências importantes, como a de se expressar diante das outras pessoas com desembaraço e propriedade; ao mesmo tempo, o ouvinte poderá entrar em contato com seus sentimentos e aprender a lidar com seus problemas, superando seus obstáculos, suas limitações e, assim, amadurecendo para o saber ouvir.

As pessoas já não se sentam mais para ouvir a palavra falada ao redor de fogueiras quando chega a noite, como os narradores tradicionais faziam há muitos anos atrás. Hoje, não há mais tempo, as pessoas estão cada vez mais atarefadas, mais preocupadas com seu trabalho e em suprir suas necessidades materiais, deixando de lado a comunicação oral.

Girardello (2004, p. 13), ao tratar da narração de histórias orais, traz à lembrança que a primeira pessoa que ouviu falar sobre as técnicas de narração oral foi a mestra argentina Dora Pastoriza de Etchebarne. Era 1979, em Porto Alegre, e ela entrou na sala de aula muito ofegante e composta em seu tailleurzinho cinza, dizendo pouco depois: “não usem brincos ou colares, prendam os cabelos – nada deve distrair a criança das imagens que a história faz brotar em sua mente”. A autora assegura ter sentido “que ela tinha razão, ao ver como sua figura discreta desaparecia facilmente atrás das imagens de seus personagens (...) que se materializavam como holografias à nossa frente enquanto ela narrava”.

Girardello, anos depois, assistiu a uma palestra de outra contadora de histórias, a

italiana Gioia Timpanelli e sobre ela destaca que:

Ao entrar na sala ela literalmente tilintava, chacoalhando seus muitos brincos e colares, afastando do rosto o cabelo esvoaçante. Depois de fazer uma longa e erudita exposição sobre tradição e estruturas narrativas (...) disse: “Olhem, tudo isso é muito importante. Mas, ao contar uma história para vocês, o que realmente me interessa é o *borrrbulhar* do nosso encontro... Sou da linha jazzística de narração de histórias!” – e deu uma risada. Claro, aos poucos descobri que as duas mulheres tinham razão. Afinal, a grande beleza da narração oral está em que cada pessoa conta do seu jeito. (2004, p. 13).

Nesse sentido, hoje, no Brasil e no mundo, a narração oral é sinônimo de riqueza cultural, porque referencia o ser humano e as suas mais profundas aspirações. Os narradores sabem do poder das palavras, das narrativas, observando somente o olhar dos ouvintes, enquanto contam suas histórias. Sim, pois elas maravilham, divertem, fazem imaginar, sonhar, mas também podem amedrontar, manipular e constranger. Para Ortiz, “um conto não é uma arma, nem uma fraude, nem uma chantagem, nem uma liçãozinha de moral, nem um castigo, nem tampouco um sermão. Um conto é afeto e verdade. Nos contos está toda a verdade dos sonhos”. (2004, p. 107).

Antigamente, os homens se reuniam ao redor das fogueiras para contar aos demais suas façanhas do dia, suas conquistas, suas caçadas. As crianças faziam parte de tais momentos, situação bastante diferente das crianças da contemporaneidade, em que o mundo é dividido em dois: um para adultos e outro para as crianças. Naquele tempo, as tristezas, as conquistas e derrotas eram sentimentos compartilhados. Assim, as crianças iam aprendendo, com base nas histórias que ouviam, os valores importantes para seu povo. Dessa forma, cultivar o hábito de contar histórias desde cedo contribuía para que as novas gerações aprendessem a identificar diversos valores como: o bem e o mal, o errado e o certo, o bonito e o feio; ajudando-os a desenvolver um senso crítico que os acompanharia para o resto de suas vidas.

Os contos de fadas são, geralmente, relatos de origem popular transmitidos oralmente por meio de personagens como fadas, bruxas, ogros, dragões, gigantes, duendes etc. São encontrados tanto no Ocidente como no Oriente e, mesmo na atualidade, modernizam-se através das versões oferecidas pelo rádio, pelo cinema, pela televisão – através de seus desenhos animados –, pelo CD ROM, pela internet etc.

Ítalo Calvino fala da variedade e da repetição dos contos tradicionais, e assegura que os contos criados num determinado lugar e tempo ressurgem sempre entre os povos de épocas diferentes, repetindo-se na sua característica que alguns chamam de arquetípica, mas variando segundo a lembrança de narradores de diferentes culturas.

A comunicação e o entendimento entre os povos, o conhecimento de cada um deles se propagou inicialmente através da narração oral, prática que se perpetuou através dos tempos, mesmo com o surgimento do registro escrito. O narrador de histórias orais propagou seus conhecimentos de geração em geração. Foi ele o responsável por estar viva a existência de cada personagem que hoje se conhece da literatura oral e foi ele quem fez perceber a relação de cada um com o todo.

Dessa forma, o contador de histórias tem a preocupação e, ao mesmo tempo, a incumbência de cativar o público e, para isso, precisa observar bem quem são seus ouvintes a fim de saber se estão dispostos a agir ou reagir, e, a partir disso, mudar a sua própria história. Para que isso aconteça e para que o narrador de histórias tenha sucesso ao contar seu conto e assegure a audiência, ele precisa tocar o coração de quem escuta logo de início, de forma surpreendente, atraindo a atenção para si desde o primeiro instante. É preciso que o ouvinte vivencie cada personagem da narrativa, cada fato que vai se sucedendo, cada fenômeno da natureza que ocorre no conto. Mais do que isso, é necessário que o ouvinte perceba as palavras, os gestos, a fim de que a curiosidade se aguace, para que o contador, então, passe a brincar e inventar, com o olhar atento e o silêncio a seu favor, pois o que se internaliza dessa forma jamais se perde.

Para Sisto o contador de histórias

Também é atingido pela felicidade de compartilhar. E a melhor prova de que houve reciprocidade (identificação, reconhecimento, envolvimento – são muitos os meandros da comunicação!) entre o narrador e ouvinte é o desejo de ouvir de novo. Especialmente porque o ouvir provoca ecos e deixa ressonâncias. Além de liberar toda uma “memória poética”, o narrar promove pequenas epifanias, permite que o outro se “alimente”, incentiva novas buscas. Enquanto uma história reverbera no ouvinte, ela é capaz de habilitá-lo para “mergulhos” mais ousados e profundos. Não é a curiosidade de acompanhar a história (e saber como tudo termina) que serve de permissão para ir além, mas a necessidade de deixar-se penetrar por uma experiência única – ainda que os sentimentos sejam momentâneos, ainda que depois exija mais e mais. (2004, p.91).

De tal modo, o significado e o poder de uma história são capazes de produzir efeitos dinâmicos, reações naqueles que contam e nos que ouvem, e de trazer ao coração inúmeros sentimentos de confiança, paz, amor e poder para saber escutar o silêncio, que faz com que os sentimentos sejam mais intensos. Algo está para acontecer, porém não se sabe o que é, como será; é um momento de espera, de expectativa, de emoção.

Malba Tahan, autor do livro *A arte de ler e contar histórias*, também acredita no significado e no poder de se narrar histórias orais, e afirma:

De um modo geral a história lida é menos interessante do que a história contada. Para as crianças devemos preferir, sempre, as histórias contadas (...) Para as classes pré-primárias e primárias as histórias devem ser sempre contadas e nunca lidas. (1961, p.144).

Assim, a arte de narrar histórias orais vai ao encontro dos sentimentos mais profundos de uma pessoa, gerando uma infinita capacidade de aprender a valorizar tudo o que a cerca, bem como os sujeitos que compõem o cenário em que vive. O contador de histórias entende que as narrativas têm a magia de maravilhar e atingir a atenção de todos, provocando um deslumbramento. Ele também sabe que elas são apropriadas para que a existência humana seja cada vez melhor.

Contudo, não se pode esquecer que o narrador de histórias precisa se preparar para esse ofício. Não se trata apenas de aprender técnicas, de saber usar a voz de maneira clara e expressiva de acordo com cada personagem, mas de saber escolher a história a contar para cada faixa etária, de como decorar a história, de onde colocar as mãos e para onde olhar, de que maneira atrair e manter a atenção das pessoas que a ouvem. Para isso, é preciso deixar falar mais alto o lado criança presente em cada um, recordando a curiosidade que se tinha na infância ao perguntar o porquê de tudo o que se revelava diante de nossos olhos, desafiando o desconhecido, recordando situações, fatos, brincadeiras, “briguinhas”, disputas etc., e descobrir, então, que se narra histórias orais a cada momento, a cada instante, porque a vida é uma grande história e todos possuem a sua. O contador de histórias é aquele que vê a história e faz com que os ouvintes igualmente a vejam.

Sisto também fala da seriedade do ato de ouvir as narrativas de histórias e do que esta atitude tem a contribuir para o aprendizado humano, defendendo a seguinte tese:

Da mesma forma que o contador conjuga palavra e olhar (e o trânsito entre eles nem sempre é tão livre!), o ouvinte aprende a ouvir e a ver. Ver através da sugestão do narrador. Ouvir além do que é dito. Ouvir também o que é calado. Ouvir o silêncio. (2004, p.88).

Gilka Girardello (2004) faz lembrar que as narrativas das histórias encantam, podem até mesmo mudar uma vida. As histórias são precursoras do rádio, dos folhetins, do cinema e da televisão, dois dos maiores símbolos da era moderna, que encantam tanto porque tocam em algo que só nós humanos possuímos: a imaginação. Narrar histórias é uma maneira de divertir, de estimular a união e, principalmente, uma forma de ajudar o ser humano a buscar o autoconhecimento e a compreensão do mundo que o rodeia. Em muitas comunidades a narração de histórias orais é uma atividade que está sendo vista como positiva, na medida em que une as pessoas e pode fazer com que estas expressem seus pensamentos sem receio de serem repreendidas.

Schedlock, ao falar da narração oral, assegura que:

(...) no Oriente ainda sobrevive, e não é raro ver-se uma multidão reunida em uma esquina em torno da simples narração de um conto. Há sinais no Ocidente de um crescente interesse nessa antiga arte, e talvez ainda cheguemos a viver para ver o renascimento dos trovadores e menestréis, cujo apelo vai então rivalizar com o do orador das multidões e do político itinerante. (2004, p. 20).

Narrar histórias é uma arte sem idade e sem lugar. As pessoas gostam de ouvir a voz do contador de histórias; as crianças se enternecem com o possível e o impossível; os adolescentes vêem um caminho para suas buscas e incertezas e os adultos são cativados ao enxergar um caminho que lhes restaure os anseios. Segundo Reyzábal:

Em muitas regiões do mundo habitadas por seres humanos que não sabem escrever, a tradição oral é a principal fonte de comunicação com o passado. Também, conhecendo-se ou não a escrita, muitas fontes históricas, culturais e literárias, antigas e mesmo quase coletâneas descansam sobre a transmissão

oral. (1999, p. 259).

Desse modo, as histórias narradas durante séculos escondem sabedoria. A noite se tornava mais curta, o medo diminuía, assim como o aborrecimento e o frio. Para Reyzábal, a escola que dá valor a essa sabedoria tem um êxito maior no que diz respeito à educação de seus alunos:

Na escola, freqüentemente, subestimou-se este especial caudal expressivo em virtude do prestígio da letra impressa: é importante, porém, destacar o valor da voz. Toda comunidade possui tradições orais constituídas por conceitos relacionados com atitudes diante da vida, comportamentos, experiências, desejos, idéias... A tradição oral nos encaminha para nossas raízes e permite sermos partícipes da existência em coletividade. Iniciar meninos e meninas na palavra evocadora, nos ritmos e tons, facilita-lhes a aquisição e o desenvolvimento da motricidade, da fantasia, ajuda-nos a desenvolver a memória, a estruturar o pensamento, a desfrutar esteticamente, a comprovar que é gratificante sentir-se acompanhado por longínquas e sugestivas vozes. (1999, p. 259).

Nesse sentido, as vozes que tocam o íntimo de cada ser humano e levam ao coração das pessoas alento para seguirem seus propósitos, suas aspirações, suas conquistas, ao mesmo tempo, podem cativar ou aprisionar. É a capacidade de cada ser humano de ponderar e observar o que é o melhor para si e para o outro que vai levá-lo a viver de forma harmoniosa num todo ou, até mesmo, a agir de forma egocêntrica e desumana. Então, a contação de histórias desempenha um enorme e admirável papel, quando chega nas famílias, na escola e na comunidade, com a intenção de modificar estruturas e pensamentos, no sentido de se ter uma sociedade mais pensante e possuidora de um conhecimento maior.

1.3 A arte e a ciência: um processo de aprendizagem

A perspectiva do ser humano que gosta de ouvir e contar histórias, que vislumbra a possibilidade de uma pedagogia que agregue a aprendizagem da razão e da imaginação faz do narrador de histórias orais alguém que acredita que a arte não serve à ciência, num papel de

dependência, mas ambas cultivam sua forma peculiar, como a estrutura, os subsídios, os princípios e leis. Malba Tahan alia a ciência matemática e a arte narrativa; salientando o poder que o ser humano tem de conhecer.

O professor de matemática e contador de histórias brasileiro Júlio César de Melo e Sousa, conhecido pelo heterônimo de Malba Tahan, dedicou-se a investigar a matemática e condensou em sua obra *O homem que calculava*, publicada em 1936, o conhecimento humano da educação, da matemática, da cultura, amparando-se na filosofia oriental (detendo-se ao mundo árabe) e na narrativa tradicional que se interpenetram e se completam no todo da narrativa, alinhavada pela imaginação. A narrativa é repleta de problemas matemáticos, ética, poesia, filosofia que acabam formando um conceito de educação.

De acordo com Regina Machado, “Malba Tahan resolve uma questão pedagógica que está além do seu tempo, antecipando a seu modo uma resposta para formulações apenas enunciadas por pensadores como Gaston Bachelard” (2004, p. 188). A concepção moderna de educação deslocou a transmissão autoritária de conteúdos para o processo de aprendizagem do aluno, para o “aprende-se fazendo”, o que foi compreendido por muitos como a busca da concretude dos fatos pedagógicos. Várias propostas surgiram com o intuito de vestir conceitos abstratos com a realidade de fatos concretos, fazendo com que o aprender se tornasse mais acessível pela proximidade com a realidade do fato.

Regina Machado (2004, p. 189) apresenta Duborgel na análise que faz de Bachelard, quando afirma que a função da narrativa não é concretizar os problemas, mas munir um exemplo do papel da imaginação dentro da experiência do aprender. Duborgel faz uma analogia que convida, tanto quanto o pensamento matemático, ao distanciamento do concreto, a uma ruptura com o real, ao afirmar que “o educador da alma poética convida-a a transcender o real percebido pelo ato de imaginá-lo. O educador do espírito de objetividade convida o pensamento a transcender o concreto pela abstração”. (Duborgel apud Machado, 2004, p. 189).

Para Machado (2004, p. 189), Durand estudou a visão da imaginação, desde a filosofia clássica até os autores contemporâneos. Bruno Duborgel, seu seguidor, ancorou-se na pedagogia positivista, na qual o monoteísmo da verdade e do processo racional considera o conceito como mais importante do que a imagem. A partir da obra de Durand e ainda de Bachelard, Duborgel investigou as estruturas que impedem as expressões do imaginário

escolar, mostrando como esta agride a riqueza humana ao privilegiar o pensamento direto do conceito e excluir, submeter e alastrar o pensamento indireto da imaginação simbólica. Duborgel cita Bachelard como um novo espírito pedagógico, no qual as pessoas que sonham e que pensam cientificamente possam chegar ao conhecimento, num projeto educativo que assegure a harmonia desses aspectos de nossa unidade psíquica.

Nesse plano, o papel da imaginação não seria um subsídio do pensamento científico, subordinada ou entendida como um aprendizado infantil. A imaginação seria considerada como a capacidade de desenvolver imagens que superam a percepção medíocre da realidade. Então, segundo essa visão, o professor, para Duborgel:

(...) enquanto monitor do psiquismo imaginante, não seria um neodicionário prático e descritivo de coisas; ele redescobre e revela as coisas no seu modo de ser poeticamente possível; convida o aluno a abrir o livro real, rigorosa e regularmente, como se abre um ícone ou um livro de maravilhas (...) para que o mundo se multiplique, para que os mitos ressurgam da terra, para que o aluno se ponha junto com seu professor cúmplice na atividade de sonhar, a ter uma visão prospectiva do invisível e do maravilhoso dentro do visível e do cotidiano. (Duborgel apud Machado, 2004, p. 190).

Essa nova proposta pedagógica, divulgada por pensadores contemporâneos, tem o intuito de promover a união da razão e da imaginação, que podem ser complementares dentro de um processo de aprendizagem. A obra de Malba Tahan supracitada é um exemplo de prática pedagógica dessa proposta, mediante o emprego da narrativa tradicional como cenário mitológico que une o exercício de pensar.

A narrativa de história, objeto de estudo dessa pesquisa, reporta a uma experiência de integridade. A imaginação traz à lembrança os valores, a poesia, a natureza, os cenários que se multiplicam, os príncipes, as princesas, o desconhecido, os lugares magníficos em que tudo é possível, a vida e a morte, onde fazemos parte da história de qualquer tempo. Desse modo, o papel das narrativas de histórias orais é alimentar a alma poética e dar sentido à significação para o mundo. No que se refere às narrativas e a sua necessidade de significar o mundo, Umberto Eco afirma:

(...) ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao ler uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. Esta é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana. (1994, p. 93).

O conto tradicional e o poder das palavras no processo de aprender já eram conhecidos e difundidos por Malba Tahan. Um exemplo disso encontra-se no capítulo XVI, no livro *O homem que calculava*, onde está narrada a lenda sobre a origem do jogo do xadrez (1985, p. 81). O jogo criado por Lahur Sessa ensina ao rei como aprender a entender de outra maneira um problema que o deixava aflito: a morte de seu filho num combate, o que fez com que sua vida perdesse o sentido. Quando começou a aprender a jogar xadrez o rei disse:

Não creio que o engenho humano possa produzir maravilha comparável a este jogo interessante e instrutivo! Movendo estas tão simples peças, aprendi que um rei nada vale sem o auxílio e a dedicação constante de seus súditos. E que, às vezes, o sacrifício de um simples peão vale mais, para a vitória, do que a perda de uma poderosa peça. (1985, p. 84).

Através de uma metáfora, o rei entendeu “que o sacrifício de um príncipe é, por vezes, imposto como uma fatalidade, para que dele resultem a paz e a liberdade de um povo” (1985, p. 84). A partir dessas palavras, Regina Machado alerta:

Mesmo hoje em dia, ainda há uma ignorância generalizada da importância e função das narrativas tradicionais dentro de um contexto educacional. Muitas vezes, a utilização pedagógica desses contos modifica os relatos no sentido da escolarização da linguagem, banalizando e neutralizando seus conteúdos. (2004, p. 192).

Machado compartilha das idéias de Duborgel, que afirma:

O conto, para tornar-se compatível com a pedagogia, devesse a todo custo adaptar-se a ela, ou seja, à idéia particular que dela se faz tanto da “bela

linguagem” (escolar, acadêmica), quanto da linguagem para crianças (superprotetora e tola). (1983, p. 426).

Partilhando as idéias de Duborgel e Machado, nesta pesquisa os contos também são considerados como suportes para que o aluno aprenda a ler, a escrever, a colocar sinais de pontuação, tempos verbais, entre outros. No entanto, é preciso averiguar as propostas pedagógicas contemporâneas, sobre o que é essencial, e, também, indagar sobre a possibilidade de a narrativa de histórias orais contribuir para a aprendizagem no ensino fundamental e no ensino médio, porque ela abarca a complexidade da condição humana.

Malba Tahan cita exemplos de aspectos que, segundo ele, dão importância às histórias: sua universalização, sua influência, as saídas que oferece aos educadores e os benefícios que poderá adequar à humanidade. Ele usa, no livro *A arte de ler e contar histórias*, uma citação retirada de um livro de Otília de Oliveira Chaves, com a qual concorda em partes, pelo que se percebe:

A história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam ao patrimônio moral de nossa vida. Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, inconscientemente, já vivemos na história. Por isso, em nossos dias, pais e professores bem orientados e inteligentes empregam a história como meio eficaz de corrigir faltas, ensinar bons costumes, inspirar atitudes nobres e justas, enfim. (1961, p. 16).

Esse caráter moralista aparece também em outras passagens do livro *O homem que calculava*, o que não faz da obra algo sem valor, uma vez que esta convida o leitor a aventurar-se pela poesia, pelas imagens que alentam a alma. Os fatos não carecem se consolidar, mas o sentido que promove o aprender é o que importa. Malba Tahan contribuiu para que o pensamento racional não ficasse esquecido, assim como também não o oferece como o único e exclusivo modo de se apreender o conhecimento. Ele entende o pensamento matemático como algo ligado à vida, que não é nada independente, alimentando a curiosidade, a astúcia, a percepção, o pensamento coerente e a imaginação.

Malba Tahan elegeu a matemática, mas suas idéias poderiam ser desenvolvidas em outras disciplinas. O autor acredita que conhecer não se resume a resolver problemas, nem a

aprender no ponto de vista da relação causa e efeito, mas saber da sua significação, do ato de pensar e descobrir relações lógicas e matemáticas porque estas fazem parte da existência do ser humano, do mundo em que vive, da sua relação com os outros e consigo próprio. E é disso que discorrem as narrativas orais, elas passam a fazer sentido assim como o ser humano passa a ter significado.

Portanto, Malba Tahan, através de sua obra, leva o leitor a pensar que tudo acontece dentro de uma história, seqüência de ações dos personagens, cuja estrutura é a do conto tradicional. Nela, o protagonista Beremiz passa por aventuras e, em seguida, conhece a manifestação do amor e encara e vence provas decisivas. A narrativa mostra descrições de aspectos da vida como as refeições, as roupas, as paisagens, as características físicas; fala do humor, dos poemas, do suspense, dos preceitos morais e da consagração da beleza e do amor, importantes ao saber. Por meio dessa fábula, Malba Tahan se refere aos múltiplos, que são sete planos de significação do conhecimento matemático, através das sete provas-questões feitas a Beremiz por sete sábios diferentes.

A primeira questão fala da força da memória e de operações e regras comuns de cálculo; a segunda aborda o valor da ciência histórica, do desenvolvimento e do avanço da matemática através dos séculos, mostrando o legado dos grandes matemáticos às gerações subseqüentes; a terceira trata do raciocínio que leva à verdade, à reflexão sobre a falsa indução; a quarta apresenta o matemático como uma pessoa que carece ligar o material ao espiritual, solucionando dificuldades humanas e transcendentais; quinta profere que o apreço de um sábio só pode ser avaliado pela força de sua imaginação; a sexta trata do treino da lógica; finalmente, a sétima questão apresenta a metáfora da leveza como um plano sutil do conhecimento matemático na sua profundidade, onde a dissolução de um problema é, ao mesmo tempo, um poema de beleza e simplicidade, um ato de amor.

Assim, compreende-se que é indispensável entender abstratamente as operações matemáticas, percebendo seu sentido, oferecendo significado à atividade de calcular, vendo-a como um todo. Compreendendo essa estrutura e costurando-a na narrativa que se desenha é que se aprende a matemática e passa-se a gostar dela, vivenciando-a.

Destarte, a matemática é oferecida no sentido de levar ao sonho e ao pensamento, para apreciar sua beleza, sua veracidade e seu significado. Ela é auxiliada pela narrativa e pelo cálculo que se desenrolam por meio da fábula. Malba Tahan é, infelizmente, pouco conhecido

pelos educadores brasileiros. Contudo, a sua proposta pedagógica é capaz de fazer com que a prática dos professores e a troca de experiências – a qual se apóia no respeito recíproco e no afeto, que é alento para compartilhar as emoções vividas pelo ser humano – possam proporcionar um caminho de maior sentido para a educação como um todo. Esse caminho para a aprendizagem é trilhado por todas as pessoas diariamente, e somente entendendo-o é que se chegará mais facilmente ao conhecimento.

De acordo com Sisto,

Existem muitas maneiras de se chegar ao mundo. Existem algumas maneiras de se conhecer o mundo. Mas não há como escapar: o mundo é uma grande história que se lê diariamente. De olhos abertos podemos perceber que cada um faz parte desse grande livro. Às vezes nos colocamos na história como personagem principal, às vezes como aquele que se opõe ao herói, ou aquele personagem nem tão principal, mas que está sempre ao lado do “mocinho” e é seu amigo inseparável. (2001, p. 29-30).

De tal modo, apresenta-se a contação de histórias como uma possibilidade para que os anseios pessoais do ser humano, bem como os da coletividade, possam mais facilmente se tornar reais no âmbito da vida particular e também da educação, atribuindo sentido não só para a matemática, mas também para todas as outras áreas do conhecimento que fizerem das histórias orais uma proposta pedagógica que é capaz de trazer significado para educadores e educandos.

A arte e a ciência, numa proposta pedagógica de unir a imaginação e a razão, estimulam a reflexão acerca do processo de aprendizagem numa perspectiva em que as narrativas de histórias orais mostram-se como um caminho que poderá mais facilmente levar os educadores a repensarem o sentido da educação e, possivelmente, abrir novos caminhos para o conhecimento.

1.4 A narrativa oral no ensino fundamental e ensino médio

A educação discute posturas, diagnostica problemas reais e sugere alternativas para a

sua solução, colocando conceitos em prática, metodologias, atitudes apropriadas e relacionadas às aprendizagens futuras. Todo ser humano tem um grande potencial, e educá-lo para que essas potencialidades sejam assumidas e, posteriormente, se concretize o caminho da aprendizagem é a razão da existência do ensino.

Gadotti afirma que a educação

Não é só ciência, mas é também arte. O ato de educar é complexo. O êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem, vale dizer, “fazer aprender” e de seu projeto de vida de continuar aprendendo. (2005, p.41).

A educação precisa ser refletida e compreendida como processo de formação do ser humano nas suas múltiplas dimensões. Os saberes e competências precisam ser construídos no reconhecimento das famílias como parceiras ativas e essenciais na educação de um modo geral. Dessa maneira, o Projeto Político Pedagógico carece de uma discussão maior, de uma análise mais profunda e necessita estar direcionado na finalidade de envolver toda a comunidade escolar. É nesse sentido que Kramer & Bazílio afirmam que,

Nos processos humanos, razão e sensibilidade não se opõem, mas estão juntos (...), não acredito ser possível separar estas duas instâncias: a prática pedagógica e o projeto político-pedagógico envolvem, necessariamente, conhecimentos e afetos, saberes e valores, cuidados e atenção, seriedade e riso. (2003, p. 80).

Dentro dessa perspectiva, é também pelo apropriar-se do meio natural e social repleto de significados que o ser humano constrói seu conhecimento. Para tanto, a razão e a sensibilidade precisam andar juntas.

As escolas estão cada vez mais empenhadas em compreender o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de seus educandos, para que eles possam se tornar cidadãos comprometidos e envolvidos na sociedade da qual fazem parte. É nesse sentido que a inclusão do ser humano também passa a estar associada à formação docente, a qual, por sua vez, precisa estar agregada ao pensamento de que a inserção das pessoas no mundo passa pela rediscussão das práticas de ensino. A escola é uma instituição capaz de ajudar os educandos a

se construírem como seres humanos e não se tornarem meros expectadores do cenário que se apresenta. A esse respeito, Goergen salienta:

O homem educado não é aquele que reúne um grande cabedal de conhecimentos singulares ou de informações, mas aquele que tem uma visão de totalidade que lhe permite uma leitura coerente dos fatos e acontecimentos isolados. A escola como instituição que se dispõe a ajudar os jovens na tarefa de se constituírem como seres humanos não pode ver sua função social esgotada na informação. Ela precisa saber educar e isto significa precisamente ajudar a construir este núcleo pessoal a partir do qual é possível a cada um ordenar as coisas desordenadas, orientar as suas decisões como indivíduo e cidadão. (2001, p. 82).

A escola não pode se curvar perante os interesses do lucro, da exploração de trabalho do ser humano, da globalização dominante, fundamentalmente excludente e cruel, a qual é capaz de condenar o mais fraco e indefeso a soterrar os seus sonhos. Não cabe à escola aceitar a discriminação da raça, do gênero, da religião, dos costumes, da classe social. A educação precisa ser comprometida com a emancipação e o conhecimento científico do educador, precisa afinar-se com os problemas apresentados pela sociedade, buscando sempre a superação das dificuldades, permitindo que isso aconteça por meio do diálogo e da tomada de atitudes capazes de transformar o que precisa ser modificado no contexto que se apresenta. A mudança se faz necessária e somente através da formação continuada há uma possibilidade de que isso aconteça. O educador não pode ser um mero executor do currículo e a educação já não pode mais ser vista como uma propriedade da escola, mas de toda a comunidade. No que se faz referência aos currículos escolares, a Proposta Curricular de Santa Catarina sugere:

O currículo é um projeto de relações que se desenvolvem na Escola; portanto, ele é a expressão das experiências e visão de mundo de seus construtores e isso implica pensar eixos que norteiem a formação de cidadãos(ãs). Sendo assim, se buscarmos na formação de nossos(as) alunos(as), encaminhamentos a fim de prepará-los(as) para interagirem de forma participativa e produtiva dentro da sociedade, devemos lembrar que o currículo deve considerar que a Escola é palco de constantes transformações e, portanto, utiliza-o como um documento “em movimento”, aberto a reelaborações para atender às demandas provocadas por essas mudanças. (2005, p. 101).

Nesse sentido, faz-se necessária a construção de uma escola contextualizada, que

trabalhe na perspectiva de construir conhecimentos significativos para seus alunos. A aprendizagem que tem sentido para o educando possui mais qualidade nas relações e experiências do universo das novas gerações. Pensando nisso, entende-se que a inserção de novas culturas na escola, como a música, as narrativas orais, a linguagem, a interação, os costumes, entre outros, pode auxiliar professores e alunos a obterem uma vivência mais digna, mais condizente com suas expectativas.

A educação que se aproximar mais dos aspectos éticos, da coletividade, dos comportamentos, dos valores, das emoções, da inclusão das tecnologias de informação e comunicação, alcançará um ensino mais democrático. Sabe-se que novos saberes precisam fazer parte do planejamento do educador, da organização do currículo, das estratégias que o corpo docente poderá vir a adotar para resolver os problemas que se apresentarem, oferecendo a pesquisa como meio de adquirir mais conhecimento, fazendo do relacionamento com a comunidade um meio de melhorar a convivência e, assim, também, de desenvolver a mudança de atitude nas pessoas. Goergen espera que a escola seja um ambiente de formação de novas idéias, novos conhecimentos, quando diz que “a escola não é senão um dos ambientes de formação das novas gerações talvez especialmente importante, porque é na escola que os jovens passam grande parte do seu tempo”. (2001, p. 82).

Para tanto, o educador precisa de persistência. Urge redefinir o sistema de ensino das escolas e (re) avaliar o papel do educador hoje na sociedade, condição essencial para que o desafio de educar com mais qualidade seja alcançado e não somente esperado. As possibilidades que o educador for capaz de criar para que seus educandos possam aprender, conviver e viver melhor são aquelas que construirão um ser humano apto a tocar o coração e a mente de todas as pessoas. Não importa se ele é um educador que trabalha com crianças, jovens ou com adultos, é preciso que lute pela igualdade de direito e por uma educação de verdade, com currículos mais flexíveis que levem o aluno a pensar. A respeito do papel do professor como mediador no processo de construção do currículo escolar a Proposta Curricular de Santa Catarina menciona:

É relevante reforçar a abordagem do currículo como expressão de uma cultura provisória, ou seja, em construção, como já indicado anteriormente. Esse é um pressuposto que, adotado, permite oportunizar ao (a) aluno (a) a participação em uma prática importante da vida escolar. Cabe aos (as) educadores (as) assumirem o papel de mediadores nesse processo, evitando centrar todas as

responsabilidades na pessoa do professor (diretores, especialistas etc.) e oferecendo instrumentos e ambiente dialógico para que isso ocorra. (2005, p. 102).

Em consequência disso, é preciso um olhar atento e reflexivo capaz de reconhecer idéias, atitudes e comportamentos das crianças, dos adolescentes e dos adultos, para que haja a possibilidade de explorar as diferenças e as semelhanças em seus pontos de vista, para que a educação seja sensível às questões que trazem entraves para o desenvolvimento da sociedade e para que a mesma atenda a todos de uma forma mais sensível e, ao mesmo tempo, digna. Tudo isso depende muito da comunidade escolar, dos gestores, dos professores e dos funcionários que estão à frente dos trabalhos escolares. Goergen acredita que cabe à educação

Aperfeiçoar a natureza humana pela formação da razão e pelo acesso ao conhecimento. O suposto era de que o aprimoramento da razão otimizaria sua capacidade de transformar a humanidade numa sociedade culta, eticamente boa, politicamente justa e igualitária. (2001, p. 60).

De tal modo, algo carece ser feito no sentido de se poder lidar melhor com as diferenças encontradas em nossa sociedade. A educação é um meio para que isso possa acontecer, mas ainda é preciso buscar alternativas para que a escola oportunize a ciência como algo comum a todos no processo de aquisição do conhecimento. Nessa perspectiva, apresenta-se a contação de histórias, objeto deste estudo, como uma proposta para que o ensino e a aprendizagem caminhem no sentido de aliar a arte e a ciência.

O narrador de histórias, em especial, tem habilidade para lidar com as diferenças, porque explora o senso de humor, a alegria, a tristeza, a revolta, a angústia, a expectativa, a esperança, a magia. Por que, então, não incluir a contação de histórias no Projeto Político Pedagógico das escolas? Por que não fazer da contação de histórias um projeto de trabalho comum em todas as áreas de conhecimento, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio?

É grande o desafio de efetivar uma prática pedagógica na qual os alunos que vivem uma dicotomia, ainda muito forte, entre educação infantil e ensino fundamental, possam se sentir articulados nos mais diferentes níveis de ensino. Para tanto, também é preciso considerar a

especificidade da faixa etária.

Nesse sentido, segundo Bazílio e Kramer, a escola necessita conceber que

Todas as crianças, inclusive as que freqüentam a escola fundamental; (...) têm direito à brincadeira, a um espaço digno e sadio, ao conhecimento. Têm direito à educação (...) de qualidade, com professores que também sejam tratados, se vejam e atuem como sujeitos da história. (2003, p. 81).

Essa articulação entre educação infantil e ensino fundamental é um tema polêmico e desafiador. A educação de qualidade que procura aliar-se a todos os níveis de ensino oferece uma escola de maior qualidade, de modo que todos os elementos da comunidade escolar sintam-se senhores de sua própria história.

Se a articulação entre educação infantil e ensino fundamental já é complicada, mais difícil ainda é a articulação entre ensino fundamental e ensino médio. É um grande desafio efetivar uma prática pedagógica, na qual as crianças, os adolescentes e os adultos sejam respeitados nas especificidades das faixas etárias. Sobre a participação dos jovens como sujeitos do processo escolar, a Proposta Curricular de Santa Catarina assegura:

Provocar um novo aprender construído no coletivo faz com que o (a) jovem compartilhe um poder há tempo monopolizado nas mãos dos mestres. Considerar a participação juvenil na Escola é efetivamente aceitá-los e envolvê-los como sujeitos no processo escolar. (2005, p. 95).

O aprender edificado no coletivo faz com que todos partilhem do conhecimento, independente de sua faixa etária. Educar no coletivo significa também acolher os adultos que, por alguma razão, quer por dificuldades de acesso, quer por trajetórias escolares acidentadas, foram excluídos da escola. Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina,

Os mecanismos de exclusão (...) tornam-se mais contundentes em seus danos quando se trata da relação com o saber sistematizado, que, conforme sabemos, exige uma mediação que favoreça não apenas a apropriação do conteúdo, mas

também exercite o manejo dos instrumentos teórico-metodológicos que possibilitem uma apreciação crítica do conhecimento produzido e a possibilidade criativa de produzir conhecimentos novos. (2005, p. 111).

A narração de histórias, inserida no Projeto Político Pedagógico da escola, é uma possibilidade a mais de trabalhar de modo coletivo e mais humano com os alunos que foram excluídos de alguma forma. Vincular a arte à ciência, procurando articular todos os níveis de ensino nas instituições escolares, é tarefa difícil para a educação. Contudo, em meio aos obstáculos, há a persistência por parte daqueles que ainda acreditam numa escola pública e gratuita que possa atender aos anseios da sociedade e que sonham com um mundo melhor do que o que se apresenta e, para tanto, procuram fazer algo nesse sentido. Para Fox e Girardello, “a narração é uma forma de vivência artística plena que podemos oferecer às crianças – seja como espectadores, seja como contadoras – sem precisarmos de nada além de nosso corpo, nossa voz, nossa imaginação e o ‘mar de histórias’”. (2004, p. 116).

Fox e Girardello ainda falam do prazer que o ser humano sente ao ouvir histórias, o que representa um forte argumento para que a família, bem como toda a comunidade escolar, gestores, professores e funcionários, façam dessa arte algo comum nos ambientes escolares e também nas disciplinas oferecidas pela unidade escolar. Além do prazer, há ainda outros motivos para que as narrativas de histórias orais sejam contadas em todos os lugares e, principalmente, na escola, não somente para crianças da educação infantil, mas também para os alunos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental e de 1ª a 3ª série do ensino médio, em todas as disciplinas.

As narrativas de histórias podem levar à coletividade, assim como facilitam a articulação entre os níveis de ensino porque permitem o respeito entre as pessoas e suas idéias. Segundo Girardello e Fox, as narrativas de histórias

Oferecem também um caminho atraente para dentro da própria literatura. Os mitos dos diversos continentes foram primeiro *contados*, e talvez ainda seja a melhor forma de conhecê-los, já que os contadores podem adaptá-los a cada platéia específica. Narradores e ouvintes trabalham juntos na criação de imagens mentais, levando cada ouvinte a “possuir” a história, a fazê-la sua. Trata-se da mesma habilidade, é claro, necessária às crianças que lêem livros solitariamente, trazendo à vida as palavras impressas na página; e as crianças que aprendem a ler têm sorte se ouvirem histórias regularmente. (...) O amor por ouvir histórias leva as crianças a quererem mais – e mais – histórias. E isso leva as crianças, com naturalidade, a quererem ler histórias quando não há ninguém

por perto disponível para contá-las, ou quando o desenvolvimento de preferências e idiossincrasias exige um atendimento particular. (2004, p.126-127).

Os autores supracitados também falam da capacidade de imaginação que os contos orais proporcionam e impulsionam. Os teóricos levam a refletir sobre a influência que as narrativas de histórias podem proporcionar sobre um possível diálogo entre as famílias e, também, na escola que acolhe crianças, adolescentes e, muitas vezes, adultos.

Girardello e Fox salientam que a probabilidade de as narrativas de histórias orais trazerem o conhecimento de forma mais prazerosa é maior porque

Ao ouvir histórias bem contadas, as crianças aprendem como os fatos e personagens podem ser desencadeados e recriados para a informação e a satisfação dos outros. Sem dúvida, a habilidade de atribuir um “padrão” às nossas próprias experiências, e às alheias, é necessária em qualquer ato comunicativo, do mais formal ao mais pessoal. Sem essa habilidade ficamos desorientados, sem contato com os outros, nem mesmo conosco. As culturas que nos antecederam sabiam disto, e estaremos correndo um risco, em nosso tempo, se desconsiderarmos essa verdade. (2004, p.126).

Desse modo, a vida com as narrações de histórias tem mais significado. A escola, transformada num ambiente em que os contos orais acontecem, auxilia os professores a desenvolverem suas aulas de forma mais dinâmica, alegre, participativa, com resultados mais positivos, proporcionando de forma lúdica e prazerosa a ciência, através da interação, da troca de experiências e de saberes do educador com o educando.

No entanto, para que isso se efetive, a escola necessita repensar suas posturas frente ao processo de aprendizagem, analisar seus currículos que, diversas vezes, estão repletos de conteúdos que fazem distinção entre uma disciplina e outra, como se os conhecimentos gerados por cada matéria fossem estanques. Tal equívoco é assimilado pelos alunos, que concebem e retêm o conhecimento adquirido em cada disciplina de forma isolada, como se as guardassem em compartimentos isolados, sem a menor interação entre as mesmas.

As atividades de ensino e aprendizagem, devidamente pensadas, farão a diferença na apropriação dos conteúdos para a elaboração e reelaboração dos conceitos científicos, garantindo, assim, aprendizagem significativa. As atividades educativas escolares que têm a

finalidade de levar uma educação melhor para todos precisam ser planejadas e projetadas no currículo escolar. A Proposta Curricular de Santa Catarina confirma a importância desse processo:

Um aspecto que consideramos relevante sobre a questão curricular se refere às atividades educativas escolares responderem a uma finalidade intencional e necessitarem de um planejamento determinado, por estarem a serviço de um projeto educativo. É através do currículo que vamos explicitar este projeto, que não deve ser apenas um enunciado genérico e teórico das intenções educativas, mas estar alicerçado na prática concreta de sala de aula, ou corre-se o risco de não ter nenhuma utilidade. (2005, p. 101).

Partindo dessa compreensão, a união da arte e da ciência será possível se for concretizada através do currículo escolar, explicitada num projeto construído com a participação da comunidade escolar. Esse processo de ensino e aprendizagem acontece por meio da interação, provocando o interesse do aluno pelo conhecimento, no confronto de idéias, nas trocas de experiências e na socialização.

O governo, na busca da inserção de currículos mais condizentes com a sociedade brasileira, apresenta, nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a inclusão da Ética, do Meio Ambiente, da Saúde, da Pluralidade Cultural e da Orientação Sexual nas diversas disciplinas ofertadas pela escola. Os PCNs divulgam conceitos e valores fundamentais à democracia e à cidadania, traduzindo, assim, as preocupações do país e levando a sociedade a refletir e confrontar as idéias que se apresentam.

Os PCNs apontam a transversalidade, bem como a transdisciplinaridade – ou seja, a reunião das contribuições de todas as ciências do conhecimento –, numa ação de elaboração do saber voltado para o entendimento dos fatos, notando o encontro de competências e de alternativas para se agir sobre elas e poder modificá-las se necessário, colocando-a em prática, tanto na metodologia de ensino quanto na proposta curricular e pedagógica. A transversalidade aparece, hoje, como um princípio inovador nos sistemas de ensino de vários países.

A interdisciplinaridade consente um grande progresso na integração curricular, porque trabalha com todas as disciplinas, respeitando os interesses próprios de cada uma; este é o princípio da transversalidade e da transdisciplinaridade que visa à superação do conceito de disciplina. O diálogo entre as disciplinas possibilita que um assunto seja abordado com um

objetivo comum (transversal). De tal modo, não tem sentido trabalhar os temas transversais através de uma nova disciplina, mas através de projetos que agreguem as diversas disciplinas. Alves e Garcia, falam do sentido geral da interdisciplinaridade:

O sentido geral da interdisciplinaridade parece-me transparente: é a consciência da necessidade de um inter-relacionamento explícito e direto entre as disciplinas todas. Em outras palavras, a interdisciplinaridade é a tentativa de superação de um processo histórico de abstração do conhecimento que culmina com a total desarticulação do saber que nossos estudantes (e também nós, professores) têm o desprazer de experimentar. (2002, p. 27).

As autoras mencionam a desarticulação do saber com que os estudantes, e também os professores, deparam-se. Partindo desse princípio, acredita-se que a interdisciplinaridade possa ser um caminho para que os currículos escolares estejam mais articulados com todas as disciplinas, que, por sua vez, estariam mais próximas do conhecimento e estariam respeitando as individualidades de cada ser humano.

Alves e Garcia também discorrem a respeito da criação da transdisciplinaridade afirmando:

Os epistemológicos, ainda não satisfeitos com os efeitos da interdisciplinaridade, criaram a *transdisciplinaridade*: integração global de várias ciências. Superior à interdisciplinaridade, que não apenas cobriria as investigações ou reciprocidades ente projetos especializados de investigação, mas também situaria tais relações num sistema total que não teria fronteiras sólidas entre as disciplinas. (2002, p. 26).

A interdisciplinaridade pode articular as disciplinas escolares, organizando o ensino e a aprendizagem. Ela é capaz de defender a idealização de metodologias que coordenem essas disciplinas escolares no que se refere à informação; na relação dos diferentes conteúdos em torno de problemas que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos e a transformação da informação dos diferentes saberes disciplinares em conhecimentos próprios. Assim, as atividades, os projetos interdisciplinares que se desenvolverem em conjunto, na escola, ajudam os alunos a serem mais conscientes de seu processo de aprendizagem. Fazenda salienta que “o que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa, é a

transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir” (1997, p. 159). Nesse sentido, os educadores também necessitam responder aos desafios que estabelecem uma estruturação muito mais aberta e flexível das disciplinas escolares, sendo capazes de compreender que a interdisciplinaridade garante a construção de um conhecimento global, que rompe as fronteiras das disciplinas.

Desse modo, para a educação integrar os conteúdos é necessária uma postura interdisciplinar por parte dos educadores com o intuito da busca do envolvimento, do compromisso, da reciprocidade diante do conhecimento, o qual é consequência da interação entre o aluno e o meio em que vive, sendo ele o próprio construtor do conhecimento. Segundo Fazenda, o pensar interdisciplinar

Parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como *válido*, pois é através do cotidiano que damos sentido às nossas vidas. Ampliado através do *diálogo* com o conhecimento científico, tende a uma dimensão maior, a uma dimensão, ainda que utópica, capaz de permitir o enriquecimento de nossa relação com o outro e com o mundo. (1997, p. 156).

Assim, partindo da concepção de que a interdisciplinaridade volta-se para o diálogo com outras formas de conhecimento, permitindo que este seja interpenetrado por elas é que acontece a interação entre uma, duas ou mais disciplinas, num processo que pode ir do simples entendimento de opiniões até a relação mútua de intenções, de objetivos, de apreciações, de conteúdos, de metodologias, de procedimentos, de dados e de formas de organizá-los e sistematizá-los no processo de elaboração do conhecimento. Entende-se que as narrativas de histórias orais, por serem uma arte, também precisam ser inseridas nas discussões da escola acerca da transdisciplinaridade, uma vez que esta rompe com as fronteiras entre as disciplinas, evidenciando que, no cotidiano os acontecimentos, não se apresentam de maneira isolada nem tampouco se aprende as coisas de maneira individual.

Pensando na interdisciplinaridade, nas discussões da escola no que se refere à transdisciplinaridade, entende-se que o processo de ensino e aprendizagem, como já apresentado, ocorre através da interação e do empenho em provocar o interesse do aluno pelo conhecimento, por meio da troca de vivências e da socialização. A escola está sempre em

busca de atividades de aprendizagem que ocorram espontaneamente e não baseadas na improvisação. Sobre esse aspecto, a Proposta Curricular de Santa Catarina garante:

Não é possível pensar em um processo de ensino e aprendizagem baseado na improvisação, em que atividades de sala de aula vão surgindo, uma após as outras, de acordo, apenas, com o interesse manifestado pelos alunos. O professor é o responsável pelo ensino e, conseqüentemente, pela elaboração das atividades que conduzirão à aprendizagem. (2005, p. 40).

A idéia de provocar o interesse do ser humano pelo conhecimento remete os educadores a buscarem atividades que caminhem no sentido da interação dos educandos com as diferentes disciplinas, nos diferentes níveis de ensino.

Hans Magnus Enzesberger na obra *O diabo dos números* conta a história de Robert, um menino de onze anos que tem medo da matemática e começa a ser assombrado por pesadelos, que, num certo dia, passam a ser uma seqüência de doze sonhos. Teplotaxl, o diabo dos números, ou seja, um demônio que faz todo tipo de bruxaria com os números, vence as resistências do menino quanto à matemática. Na apresentação da obra, Enzesberger observa:

Estará errando quem pensar que Teplotaxl é algum bandido que mereça ser castigado, pois o único vilão desta história é o medo que os números podem provocar nas pessoas - o medo da matemática, que às vezes toma conta de nós assim que pomos os pés na escola pela primeira vez.

O autor, por meio de histórias narradas nos sonhos de Robert, combate o medo do menino com relação aos números. Tais histórias levam à reflexão sobre o temor que causam certas disciplinas como a matemática. Enzesberger, através da personagem Teplotaxl e por meio de histórias, mostra que a matemática pode estar ao alcance do menino, fazendo com que ele deixe de lado a angústia e o desespero em relação à matéria. Tal obra é exemplar no que tange ao efeito produzido pelas histórias nas crianças. Um medo tão comum a grande maioria dos estudantes passa a ser desmistificado através das palavras. Assim, contos, termos abstratos, passam a ter sentido e tornam-se interessantes. Se tais estratégias fossem trazidas à realidade escolar, certamente, a interação entre professor, aluno e conteúdo seria outra, pois a

pessoa que conta e a que ouve uma história partilham do mesmo encanto durante o momento da narração.

A sala de aula apresenta um ambiente ideal para a interdisciplinaridade, assim como a transdisciplinaridade acontecer, a partir do momento que oportuniza um círculo de histórias. Esta atividade de interação não exige, necessariamente, que os alunos sentem-se em círculo. O importante é que o ambiente seja acolhedor e que todos narrem e ouçam as narrativas de histórias orais, para que o lado humano prevaleça, a confiança e a harmonia se instalem entre professores, crianças, adolescentes e adultos, acolhendo também as visitas de avós, pais, vizinhos e toda a comunidade, com vistas a um envolvimento cada vez maior entre todos, e ao enriquecimento da atividade escolar e, também, da comunidade.

A habilidade do gestor e dos professores é o que pode motivar o sucesso dos círculos de histórias, da inclusão dessa atividade no currículo escolar, bem como a dinâmica psicológica do grupo e ações rotineiras da escola. O compartilhamento das narrativas de histórias orais pode proporcionar saídas para determinadas dificuldades pelas quais passam a escola e a sociedade.

Aos professores cabe a seleção do melhor momento para que aconteça a narração oral, a fim de que as histórias possam ser ouvidas e exploradas, oferecendo, assim, às crianças e aos adolescentes a oportunidade de ouvir com prazer e não por imposição. Os mestres que fazem uso dessa prática acabam desenvolvendo rituais que auxiliam os alunos do ensino fundamental e do ensino médio a adentrarem nas histórias, beneficiando-se da experiência estética e cultural, partilhando com todos a emoção e a fruição que as narrativas trazem, proporcionando uma ação educacional com voz ativa para aliviar certos problemas com os quais todos se deparam diariamente.

O círculo de histórias pode ser enriquecido ainda mais no ambiente escolar com a participação de contadores de histórias da comunidade em geral, sejam eles profissionais ou não, bem como de pessoas envolvidas com teatro, dança, música, pois não existe um jeito único de se praticar essa arte tão especial. Cada um tem uma maneira de fazê-lo e, assim, encantar aos que compartilham desse momento. Porém, de acordo com Fox e Girardello, o sucesso das narrações orais “depende da professora da classe”. Os autores não acham recomendável “que um contador de histórias visitante seja deixado sozinho com a classe enquanto a professora se ocupa de outras coisas”, pois pode levar o aluno a pensar “então isso

não é tão importante assim, se nem a professora vai assistir!”. (2004, p. 150).

A narração de histórias é uma prática que traz os contos tradicionais, as histórias bíblicas que viajam pelo mundo inteiro, as histórias da família, as narrativas semi-inventadas por pessoas que relatam acontecimentos históricos ou que conheceram pessoas importantes. Ela remete ainda às narrativas pessoais ou anedotas de contadores das mais diferentes idades. É possível contar histórias nos mais diversos lugares, em parques, calçadas, praças, escolas. Crianças, adolescentes, adultos, pessoas da terceira idade, todos se sentem cativados ao ouvir histórias e isso é algo que os contadores percebem, mesmo os iniciantes nesse ofício. As histórias são um presente aos ouvidos e corações das pessoas.

Walter Benjamin em *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história* expõe seu sentimento de grande inquietação ante a possibilidade de a arte de narrar estar em extinção, em virtude de que são cada vez mais raras as pessoas que sabem contar histórias devidamente. De acordo com o teórico, as pessoas ficam embaraçadas quando são solicitadas a narrar alguma coisa. O autor receia que a narração oral até mesmo possa desaparecer, pois

Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. (1994, p.198).

Nesse contexto, percebemos a necessidade de se modificar o que está incutido na mente do ser humano há muitos anos. Saber falar, se defender contra as arbitrariedades, saber impor sua vontade com respeito e lutar por suas idéias torna-se cada vez mais necessário para que o indivíduo se sinta mais livre, participativo e respeitável na sociedade. Sonhar e crer que esse sonho possa se tornar realidade é permitir que todos tenham acesso à ciência, ao saber, ao conhecimento e, para isso, a arte de narrar pode auxiliar na modificação da realidade que se apresenta.

Os educadores que fazem uso da narração de histórias orais crêem que nem mesmo as mudanças sociais, econômicas, políticas, as inovações tecnológicas e a hipermodernidade poderão excluir essa arte milenar. Muitas são as pessoas que acreditam que o contador de histórias não está esquecido. Sisto reforça essa opinião ao afirmar que,

Dos pequenos núcleos familiares ou populacionais às salas das bibliotecas e teatros, o contador de histórias manteve-se na ordem do dia. Alguns o quiseram esquecido, outros acreditaram na força solidária de quem junta pessoas para encantar pela palavra. Mais do que agregar, o contador de histórias tornou-se obrigatório na promoção da leitura e no resgate do lúdico e da fantasia. Ao invés de virar fumaça no tempo, o contador de histórias se multiplicou. (2001, p. 79-80).

Nesse sentido, o narrador de histórias pode, também, promover leitores. Conseqüentemente, a figura do contador de histórias com toda a sua bagagem de sabedoria e de viver, precisa continuar fazendo parte desse cenário. Desse modo, também os contos tradicionais vêm difundindo-se cada vez mais entre as pessoas que recorrem a livros que os apresentam, geralmente em versões adaptadas em busca do conto da tradicional oral.

Em relação aos contos de tradição oral e aos seus narradores, Benjamin afirma que se valem da experiência:

Passa de pessoa a pessoa é fonte a que se recorrem todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre eles existem dois grupos, que interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar” diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (...) Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (1994, p.198 - 199).

Dessa forma, narra histórias aquele que conheceu muitas realidades diferentes, povoados diversos, mas também narra contos o que sempre esteve morando em sua comunidade, porque este herdou de seus antepassados as narrações que trouxeram conforto e sabedoria ao seu povo. Assim, não é preciso viajar por muitos e muitos lugares para se poder contar histórias; elas é que viajam pelos lugares através dos tempos e chegam aos ouvidos das pessoas, trazendo a sabedoria das mais diferentes e distantes comunidades.

A escola que busca articular a educação infantil com o ensino fundamental, e este, por sua vez, com o ensino médio, entende que a interdisciplinaridade, seguida da transversalidade, pode fazer da arte de narrar histórias orais um caminho para a ciência. As experiências com as

narrativas orais são interações que a educação apresenta como uma forma diferente de visualizar o universo cujas cenas, para existirem, necessitam do desenho, da poesia, da musicalidade, do brincar com as palavras e da maneira como se contam as histórias. A educação que modifica padrões e estruturas pré-estabelecidas auxilia alunos, professores e gestores a encontrarem, em si próprios, seres capazes de se entenderem, de aprenderem uns com os outros, de compartilharem seus conhecimentos de forma mútua. Enfim, abre-se um caminho possível de ser trilhado com maior motivação, interesse e aprendizagem.

Destarte, entende-se que a escola é um espaço que pode oportunizar a narração de histórias orais, nos seus mais diferentes níveis de ensino, tanto na educação fundamental, quanto na educação básica. O importante é que os alunos sejam estimulados a contar e ouvir histórias para também valorizá-las como uma prática cultural.

1.5 O papel do educador e a narração de histórias

O encanto de ouvir e narrar histórias desperta no ser humano a habilidade de notar a beleza nas coisas mais simples da vida, e trazê-las para o ambiente escolar faz com que as aulas se tornem mais sedutoras e a escola se transforme, efetivamente, num ambiente mais rico em vivências significativas.

As narrativas de histórias sempre almejam fazer bem; as mais antigas, as mais novas, as ouvidas, as contadas, enfim, todas elas sempre trazem para o imaginário um lugar que merece reverência. Para Bettelheim, os contos têm importância educativa porque despertam a habilidade de gerar a afetividade, a capacidade criadora, oportunizam o enriquecimento da linguagem e das habilidades narrativas, desenvolvem a compaixão e a humanidade, educam para a atenção e para a memória, promovem a fantasia, idealizam outras vidas e outros indivíduos, transformam as pessoas em seres que se comovem e se preocupam não somente consigo, mas também com os outros seres humanos e ainda com os animais, trazendo um crescimento interior:

(...) contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e

emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e – sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe - oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes. (1980, p. 14).

Nesse sentido, o prazer de ouvir é maior do que o de ler, pois geralmente a história oral é compartilhada com outros. Ao mesmo tempo, a voz, a entonação, os movimentos, os gestos destacam o contador de histórias, o que instiga a própria leitura. Os contos enriquecem a comunicação uma vez que trazem sentimentos de cultura comunitária e são uma viagem pelo mundo particular de cada pessoa, trazendo consigo um fragmento do grande palco da vida.

A contação de histórias é uma proposta que pode acontecer dentro do ambiente escolar nas séries do ensino fundamental e do ensino médio, exercida por educadores e por aqueles que vêem a necessidade de modificar a estrutura de ensino e a maneira de se mediar os conteúdos trabalhados nas disciplinas oferecidas pela instituição escolar. Para tanto, é preciso uma reflexão sobre a escola como um lugar no qual a cultura esteja presente, e sobre a função do educador como mediador desse processo.

A prática pedagógica, alicerçada na reflexão sobre o que ocorre na sociedade, encontra no contador de histórias um aliado para os professores das diferentes disciplinas e dos diversos níveis de ensino. O professor pode ser esse narrador da palavra oral; ele pode sugerir, nos planejamentos escolares, a inclusão das narrativas orais no currículo escolar, sustentado pelo Projeto Político Pedagógico. Além disso, também na sua formação continuada, é preciso acontecer a discussão acerca da utilização da oralidade nas escolas, independente do nível de ensino ou das disciplinas que essas instituições oportunizem.

A narração de histórias pode ser um dom para muitos, mas, certamente, para os educadores que estão dispostos a praticá-la ela é uma estratégia para tornar as aulas mais dinâmicas, proveitosas, agradáveis, condizentes com a realidade e com a necessidade da sociedade. O educador narrador de histórias orais segue o ritual do “Era uma vez...”, incitando o imaginário e a suave lembrança de fazer da história de cada um uma outra história, como fez Scherazade para nutrir o interesse do rei Shahrair.

A escola que realiza um trabalho no sentido de promover leitores tem, na narração oral, um forte aliado para que os livros comecem a sair das prateleiras da biblioteca e passem

a circular entre alunos, pais, professores, funcionários, enfim, entre a comunidade, pois o público da palavra oral independe de idade. A audição atenta por parte dos alunos, tão sonhada pelos professores, pode se tornar possível, porque as narrações provocam isto: soltam as palavras da boca das pessoas e fazem dos ouvidos um espetáculo de mistérios, de fantasias, de imaginação.

O advento das tecnologias da informação e da comunicação ocasionou a necessidade de uma reflexão no sentido da ação do educador frente às cobranças dessa nova sociedade. É preciso que o professor inclua a grande bagagem de conhecimento que o aluno traz, adquirida fora da escola, para suas aulas, porque esse conhecimento prévio contribuirá para o processo de ensino e aprendizagem dos seus discentes.

Vygotski (1998, p. 110) defende a tese de que qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia, porque, antes de entrar na escola, ela já havia começado a aprender e a se desenvolver desde o seu nascimento. Todavia, a escola parece não levar em conta a biografia, a cultura, as vivências, as falhas e os acertos dos alunos, tratando-os sempre da mesma forma. Além disso, o educador, na maioria das vezes, ignora que o conhecimento precisa partir da individualidade de cada ser humano, das experiências diárias que possui, para, com base nelas, solucionar dificuldades e transformá-las em aprendizado.

Segundo Freire (1996, p. 85), o professor deve saber que, sem a curiosidade que o move, inquieta-o, que o faz buscar, ele não aprende e nem ensina. Desse modo, a formação inicial do professor e também a continuada são fatores essenciais para que as instituições educacionais aproximem-se mais de seus educandos, sendo estes crianças, adolescentes ou adultos.

Nessa perspectiva, o papel do professor também inclui levar os alunos para o estímulo, para a busca do desafio, no sentido de instigá-los para sentirem-se mais motivados para o aprendizado da reflexão e da crítica e de induzi-los à procura contínua do conhecimento. Todavia, se o professor não estiver munido para ostentar um desempenho ativo na sociedade, sua postura de educador estará lesada perante seus alunos, podendo tornar-se vítima do movimento de transformação, bem como das tecnologias de informação e comunicação, que ordenam atitudes e práticas dentro e fora da escola.

Contudo, a discussão acerca da interação de educadores e discentes precisa acontecer.

Assim como é necessária a procura por uma articulação dos níveis de ensino, a interdisciplinaridade aliada a transdisciplinaridade também deve ocorrer. A inclusão nos currículos escolares – devidamente sistematizados no Projeto Político Pedagógico – das propostas pedagógicas; o empenho da comunidade escolar no sentido de adequar a escola às novas tecnologias de informação e comunicação, assim como de promover a narração de histórias durante as aulas, exige esforço e boa vontade, além de comprometimento com a educação voltada para o ser humano. Assim sendo, somente uma educação participativa justifica o papel de educador do professor, na medida em que, a partir desse tipo de educação, os sujeitos poderão se tornar pensantes e agentes de saberes.

1.6 A formação dos educadores e a promoção de leitores

O papel do educador em reconstruir o conhecimento pelo aluno exige mudanças pedagógicas amparadas em propostas pedagógicas discutidas coletivamente, compromissadas com a aprendizagem e a produção própria do aluno. A Proposta Curricular de Santa Catarina faz menção às transformações pedagógicas, no que diz respeito ao projeto edificado coletivamente, da seguinte maneira:

As mudanças pedagógicas do educador em relação ao projeto construído coletivamente devem sempre ter em vista o compromisso com aprendizagem e a produção própria do aluno; caso contrário mudam apenas os procedimentos, a ordem e os materiais utilizados, mas continuamos mistificando nossas atuações pedagógicas. (2005, p. 129).

Os compromissos com a aprendizagem dos alunos passam pelas propostas pedagógicas oferecidas pela escola, pelo trabalho em conjunto, pela interação da comunidade escolar, mas, principalmente, pela formação do professor, um assunto sempre polêmico. A expressão “estar formado” dá idéia de acabamento de alguma pessoa concluída e moldada para efetuar serviços ou operar em circunstâncias antecipadamente situadas. Segundo Zabala, “esta concepção é coerente com a crença de que a aprendizagem consiste na reprodução da informação, sem mudanças, como se tratasse de uma cópia na memória do que se recebe através de diferentes canais”. (1998, p. 89).

Nessa conjuntura, a formação profissional do educador coopera profundamente com a idéia de se treinar pessoas que irão transmitir conhecimentos e, por conseguinte, sustentar uma determinada classe social, com escassas ou nenhuma probabilidade de preparar o aluno para interferir na sociedade e aprimorá-la, um dos motivos fundamentais do processo educativo. A educação que apenas reproduz conhecimentos compromete o processo educativo a condicionar-se na sustentação da situação vigente, com praticamente nenhuma probabilidade de mudança. A esse respeito, Morin enfatiza que “a formação possui conotação de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito”. (2004. p. 10).

Seguramente, sob essa visão, os conhecimentos do professor não podem ser resumidos a sua formação acadêmica, mesmo que seja diversas vezes a ela aplicada. Não é finalidade deste trabalho desqualificar nenhum título adquirido em qualquer nível de formação, uma vez que isso seria tão grave quanto afirmar que após a conclusão da faculdade o professor nada mais tem a aprender. Defende-se, sim, a importância de o professor complementar seus estudos e meditar constantemente sobre sua prática.

O fato de que o conhecimento de um determinado professor abrevia-se essencialmente em sua racionalidade atrapalha esse educador na edificação de uma sociedade mais justa; afinal, para trabalhar com o aluno, é indispensável ir além da cientificidade de qualquer disciplina. Dessa forma, para Freire é possível “conseguir dar às pessoas maior clareza para ‘lerem o mundo’, e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política”. (2001, p. 36).

É nesse sentido que o professor não terá êxito em revelar ao aluno a seriedade da educação se estiver somente aprofundando o conteúdo em sua disciplina, sem manifestar qualquer consideração pelas dificuldades de entendimento dos alunos – sem contar que muitos desses obstáculos são circunstâncias instituídas pela ausência de uma estabilidade entre as habilidades formais e as próprias políticas do professor. As práticas educacionais e os saberes carecem ser seguidamente resignificados, pois a intercessão do educador altera o aluno e ele próprio, porque o professor é diferente a cada aula, assim como o aluno também não será o mesmo.

A arbitrariedade de currículos e conteúdos constituídos previamente, sem qualquer possibilidade de participação dos sujeitos envolvidos no processo, é uma atitude contrária ao

trabalho educativo. Desse modo, ensinar exige indagação, consideração aos saberes dos educandos, criticidade, ética, corporização das palavras pelo exemplo, ousadia, risco, consentimento do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, consideração e elevação da identidade cultural.

Ensinar não é transferir conhecimento; por isso é indispensável que se tenha consciência do incompleto, reconhecimento do ser dependente, consideração à autonomia do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em amparo aos direitos dos educandos, apreensão da realidade, alegria, perspectiva e, sobretudo, convicção de que a transformação é aceitável.

Ensinar exige segurança, eficiência profissional, bondade, comprometimento, livre-arbítrio, tomada consciente de decisões, autonomia e capacidade para perceber que a educação é uma maneira de interferir no mundo. Ensinar é saber ouvir, reconhecer que a educação é ideológica, é ter disponibilidade para o diálogo. Finalmente, ensinar estabelece querer bem aos alunos. Para Kuenzer, a escola

É o espaço privilegiado para o estabelecimento de relações significativas com todas as áreas do conhecimento de modo a preparar o aluno para assumir-se também como sujeito de sua história e da história da humanidade, compreendendo o papel revolucionário da ciência para a destruição das condições geradoras de exclusão, as quais, frutos da práxis humana, só através dela serão superadas. (2002, p. 49).

A escola, conseqüentemente, precisa comprometer-se com a elaboração de um projeto pedagógico que determine conteúdos e metodologias que articulem a base dos currículos, de maneira que os educandos ampliem as suas competências relacionadas à teoria, bem como se sintam interacionados no ambiente escolar. Para que essa interação ocorra é indispensável a participação dos educandos em atividades nas quais se sintam importantes e motivados para fazer inferências e aprender de forma interdisciplinar.

Pensar a formação dos profissionais da educação é de grande relevância, tendo em vista as exigências da atualidade, em que a formação continuada dos profissionais da educação está paralela à habilitação em níveis superiores. A sociedade cobra seres humanos capazes de resolver problemas do dia-a-dia e que transformem o contexto em que vivem. Frente a isso, entende-se que a habilitação obtida em licenciaturas é insuficiente para a atuação do

professor, para que este alcance os resultados esperados no processo educativo. A educação é a afirmação de uma política de formação continuada para os profissionais que precisa atingir a todos os que fazem parte do sistema de ensino. Da mesma forma, os cursos de aperfeiçoamento precisam ter objetivos propostos pela coletividade, e a formação continuada do educador necessita ter como pilar a persistência nos estudos. A sua socialização e a aplicação dos estudos é que trará os resultados desse trabalho. Para Saviani (1996, p. 149), “a formação do educador envolverá, pois, a exigência de compreensão do contexto com base no qual se desenvolve o trabalho educativo”. O planejar e capacitar seus professores é significativo para a escola; do contrário, ela não tem sentido de existir.

O trabalho do professor concentrado exclusivamente à sala de aula não é mais aceitável. Hoje é importante que ele participe de discussões, de planejamentos de atividades, da elaboração de propostas pedagógicas, da gestão escolar, pensando sempre no trabalho coletivo em sala de aula. O professor não pode mais ser aquele mero transmissor do conteúdo, do conhecimento, mas deve ser quem disponibiliza modos de ingresso a ele. A formação continuada, dessa forma, é significativa para o educador, pois ele ainda carece saber que é responsável pelo desenvolvimento das competências de seus educandos e, além disso, o agente maior para a ascensão de novas formas de pensamento e de desenvolvimento desse pensamento.

Assim sendo, a visão do educador frente à ação educativa é o ponto principal da questão, porque sua tarefa não é simplesmente ensinar bem os conteúdos, mas desenvolver pessoas sabedoras da sua função na sociedade da qual faz parte. Sobre a transformação na formação dos professores, Ruz assegura que “a mudança é um problema que a educação deve assumir em toda a sua amplitude” e que “nesta perspectiva surge a urgente necessidade de revisar as práticas que caracterizam a formação de professores e atuar com uma visão prospectiva” (1998, p.93). Então, a formação deve estar de acordo com os desígnios educacionais e, para tanto, os pensamentos precisam mudar, os métodos de educar e aprender precisam ser reavaliados, sobretudo, urge repensar a função da educação a partir do ponto de vista social.

A escola que souber entender essa sua função social será capaz de desenvolver atividades que integrem melhor a comunidade escolar e fará da busca do aprender algo mais significativo. Assim, em meio às discussões de atividades interdisciplinares – que caminham para a transdisciplinaridade – discutidas pela comunidade escolar e amparadas no Projeto

Político Pedagógico da escola, propõe-se que as narrativas de histórias sejam atividades possíveis de serem contempladas no currículo escolar, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio, pois elas servem a muitos propósitos, entre os quais Busatto destaca:

A começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas. (2005, p. 37).

A escritora Fanny Abramovich compartilha a opinião de Busatto, quando diz que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem ouve (...) É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (2004, p. 17).

As escritoras falam das reflexões que surgirão acerca dos contos como um elemento integrador de um trabalho envolvendo os alunos nas diferentes disciplinas, idéia que reforça o caráter interdisciplinar da atividade de narrar histórias e que impulsiona para uma reflexão sobre a contação de histórias fazer parte das atividades desenvolvidas com aluno do ensino fundamental e do ensino médio.

Entretanto, há escolas de educação infantil e de séries iniciais que resistem à narração de histórias orais. No ensino fundamental e no ensino médio essa atividade praticamente inexistente, pois essas instituições preferem utilizar-se da escrita para trabalhar com seus alunos. A esse respeito Reyzábal salienta que “freqüentemente, desprezou-se este especial caudal expressivo (o da tradição oral), em virtude do prestígio da letra impressa: é importante, porém, destacar o valor da voz” (2003, p. 259). Percebe-se, destarte, que a leitura de histórias é mais comum do que a narração oral e, quando esta última ocorre, dificilmente é tratada

como trabalho; ou é abordada como algo que sirva para moralizar e ensinar o conteúdo em questão. Aliás, muitos gestores e professores têm uma grande preocupação com os conteúdos que precisam “ensinar” a seus alunos e não vêem que a palavra falada pode ter caráter educativo, sem ser modelador.

Ouvindo histórias desde a infância, tendo contato com livros, a criança estabelece relações diversas entre os elementos que a cercam. A narração de histórias orais desde os primeiros anos de vida possibilita, de forma lúdica, a interação com o livro, que passa a fazer parte da vivência da criança, sendo seu pensamento verbal construído, conforme menciona Vygotski. Isso indica que essa talvez seja uma possibilidade para que os adolescentes percebam na contação de histórias, uma atividade que, por meio da arte, pode também trazer a ciência até eles, aguçar a curiosidade e fazê-los ir em busca do livro de onde a história narrada foi retirada. Através da narração de histórias, educadores e gestores poderão abrir um leque significativo no sentido de conhecerem melhor seus alunos, uma vez que essa atividade envolve não somente quem narra a história, mas também quem a ouve. Assim, elas possibilitam reconhecer as vivências dos alunos.

Narrar histórias orais é um dom natural de algumas pessoas. Ao mesmo tempo, narrar torna-se um desafio, uma vez que é preciso ser ouvido, se fazer entender e se fazer sentir, o que resulta num exercício que não se tem por hábito praticar; é preciso perceber o que a platéia, o ouvinte deseja ouvir, o que ele tem sede de saber e querer. Assim, narrar é um exercício de conhecimento e, acima de tudo, de muita sensibilidade. A narração de histórias contribui em inúmeros aspectos, principalmente para o desejo de ler. Narrar histórias para as crianças e para todas as pessoas de um modo em geral é fazer com que naveguem num mundo imaginário, estimulando a leitura, o pensamento crítico, a compreensão e a expressão de sentidos.

A figura do narrador de histórias sempre será encantadora e transportará o ouvinte, através da magia do “Era uma vez...”, a outras realidades. A forma de descrição é fundamental na arte de narrar histórias. Para isso, é preciso refletir sobre a importância histórica dessa arte, e, em seguida, partir das atividades vivenciadas concretamente para entender os princípios básicos de um narrador, como a espontaneidade do corpo; a estrutura do pensamento em relação à história que escolheu para contar; ou, ainda, as inúmeras possibilidades de entonação de voz. Com isso, se reforça a valorização dessa atividade como meio de preservar e criar a memória afetiva e coletiva.

Quem ouve uma história concentra-se, desenvolve o hábito de ouvir, a capacidade de recontar e alimenta a criatividade na hora de falar, de escrever. A ação do educador como um narrador de histórias orais, valendo-se de elementos, maquiando-se, aproveitando a melodia, fazendo uso de cenários, ou utilizando simplesmente a voz, traz a probabilidade de a educação se tornar mais humanitária.

A escolha dos contos que serão preparados para contar é uma pesquisa importante para quem é um narrador de histórias. Machado refere-se a essa seleção como algo que

Envolve visitas a livrarias, bibliotecas e sebos, leitura e classificação pessoal de contos. Digo classificar no sentido de organizar em categorias úteis para o contador o registro do material pesquisado. É possível anotar e agrupar contos por temas, semelhanças, climas expressivos. Contos de mulheres, de cavalos, de árvores. Contos de chineses, hindus, brasileiros. Contos para serem relatados de manhã, à tarde ou à noite. Contos para crianças pequenas, maiores, adolescentes e adultos. Contos idênticos encontrados na Índia e no Brasil. Contos de humor, aventura, assombração. Contos de que não gostei. Contos que seleciono para estudar e contar. Contos que quero dar de presente para certas pessoas... e assim por diante. (2004, p. 74).

Regina Machado fala dos lugares a que os narradores de histórias recorrem - livrarias, bibliotecas e sebos; ela também registra a necessidade de se ler e classificar para poder organizar os contos a serem contados; além disso, lembra que os contos são importantes para crianças pequenas, adolescentes e adultos. As palavras da autora reportam para a idéia de que a narração de histórias orais pode constituir-se como uma atividade pedagógica capaz de envolver alunos do ensino fundamental e do ensino médio. A atividade educativa pode vir a se tornar uma aliada na promoção de alunos leitores, já que a leitura é uma preocupação levantada nos cursos de formação inicial de professores e igualmente na formação continuada.

Abramovich destaca a importância das histórias na formação da criança, pois

Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens). (2004, p. 16).

Abramovich fala da importância das narrativas de histórias orais e da aprendizagem para ser leitor por meio delas. As palavras da autora levam para a uma reflexão acerca da leitura e da educação no Brasil.

D. João VI chegou ao Brasil e trouxe uma admirável modernização na sociedade brasileira. O projeto de independência instituiu condições para a elaboração de um novo modo de produção cultural. Lajolo e Zilberman (1991, p. 89) afirmam que, a partir do século XIX, o público ganha personalidade e características diferenciadas, pois incorpora leitores de folhetim, freqüentadores de teatro, intelectuais, estudantes, jornalistas e mulheres capazes de lerem.

A independência política brasileira foi um acontecimento determinante para ampliar a leitura e a escrita como práticas sociais. O Brasil adota como modelo de sua cultura a produção cultural européia; a literatura com teor significativo de patrimônio brasileiro só se estabelece com a instalação da imprensa, mas faltam instituições e instrumentos, tais como escolas, bibliotecas, livrarias e editoras, que divulguem os produtos impressos. Os jornais da época começam a divulgar os livros e há seções dedicadas à literatura, apontando o interesse pelo papel educativo que a leitura poderia oferecer. A partir disso, os livros passam a fazer parte da vida brasileira, sendo inclusive comercializados. Porém, a política educacional caminha a passos lentos e, em consequência disso, o desenvolvimento da cultura escrita também segue lentamente.

Em 1823, surge a preocupação em criar universidades, mas a leitura novamente fica de lado, pois era considerada responsabilidade do ensino das primeiras letras. A atenção volta-se mais para a formação superior do que para um ensino de qualidade e para a leitura no início da vida escolar. Na mesma época, discute-se o livro didático, inexistente no ambiente educacional. Cria-se o Colégio Pedro II em 1838 e algumas outras escolas espalhadas pela Corte, sendo incluídos então esses livros na vida escolar brasileira. A escola e o livro didático fazem com que alguns nomes ligados à cultura literária organizem a historiografia da literatura brasileira; sociedades e revistas de cultura são fundadas; cria-se o romance nacional; finalmente, a leitura literária consolida-se enquanto prática social.

Mediante a consolidação da leitura literária como prática social, surgem entidades e associações voltadas à cultura, como o Gabinete Português de Leitura, em 1837; o Grêmio Literário Português, em 1856, e muitos outros. Essas instituições caminham para uma cultura

letrada, representando iniciativas e atitudes conjuntas que fortaleceram a leitura e a escrita no convívio social. Aos poucos, a impressão e a distribuição de livros crescem. Surgem os folhetins, assim como os tradutores que começaram a produzir seus próprios textos. Para Lajolo & Zilberman, com a vinda dos folhetins, “a imprensa no Brasil abandonou o regaço estatal e saiu para as ruas, à procura do lucro que vinha sob a forma de compradores”. (1991, p. 148).

Em 1850 e 1870, fixam-se, no Brasil, editores que investem em autores brasileiros e se desenvolve o romance nacional. No século XIX um aparelho estatal sustentou o funcionamento das editoras, devido aos seguidos retrocessos no modo de produção cultural brasileiro. Esse aparelho estatal se anunciava nacionalista e empenhado na educação dos brasileiros, por ver aí um mercado promissor. Nessa época, tanto o livro didático quanto a escola espelhavam o modelo capitalista inserido no Brasil.

Em 1889, a República traz a esperança de grandes reformulações no ensino. Cria-se em 1890 a Secretaria de Estado dos Negócios da Instrução Pública e reforma-se a instrução pública, desde a primária até a superior em todo o Brasil. Em 1892, a Instrução Pública é transferida para o Ministério do Interior e Justiça; as próximas mudanças somente ocorreram em 1930.

O século XX inicia com uma República que não cumpria suas promessas; omitem-se os grandes problemas e não há preocupação em implantar uma política educacional eficiente. Em 1930 a instrução passa para o Ministério da Educação, até então vinculado ao Ministério da Saúde. Surgem novas medidas que organizam a vida escolar. O livro didático, a partir desse momento, atende também ao ensino da leitura e da literatura.

A República procura organizar o sistema educacional, mas as forças econômicas e políticas de certos grupos são mais fortes, persistindo na sociedade brasileira conflitos quanto à organização do sistema educacional. Como afirma Zilberman, o ensino sofre a pressão de duas forças opostas:

De um lado, os esforços contínuos visando à manutenção de uma estrutura conservadora e elitista para o ensino, dificilmente criando oportunidades iguais para os diferentes setores da sociedade brasileira; de outro, a necessidade inadiável de transformação, por várias razões: a pressão incessante dos grupos menos favorecidos; e a necessidade de formação de mão-de-obra habilitada para

o país que vem se industrializando (e se modernizando) desde o início do século. (Zilberman apud Betencourt, 2000, p. 20).

Com a modernização, a escola busca democratizar-se, expandindo o ensino médio e profissionalizante, durante a década de 1930, e difundindo o ensino superior, na década de 1970. O projeto educacional implantado em 1970 tinha a intenção de reorganizar o ensino básico e o ensino universitário. O governo oferecia aos estudantes capacitação técnica para responder às necessidades do desenvolvimento industrial do Brasil. O ensino passou a tornar o aprendizado de estruturas repetitivas, tanto de comportamentos quanto de habilidades.

Assim, nota-se que, no transcorrer da história educacional brasileira, as dificuldades referentes à leitura encontram-se tanto na escola quanto no setor responsável pelas produções literárias. Observam-se também as tentativas em busca de uma sociedade brasileira mais pensante e comprometida em desafiar os obstáculos apresentados. A leitura cumpre o papel de trazer a reflexão, os questionamentos e as transformações sociais tão almejadas pela educação.

Conforme Ezequiel Theodoro da Silva, apenas uma política de leitura que aprecie as verdadeiras condições para que aconteça a sua produção pode formar leitores eficientes, de maneira especial no ambiente escolar. No entanto, o autor ressalta que a leitura deve ser vista de forma distinta:

Resulta desse esclarecimento que a leitura deve ser tomada como uma prática social a ser devidamente encarnada na vida cotidiana das pessoas, e cujo aprendizado se inicia na escola, mas que, de forma nenhuma, deve terminar nos limites da experiência acadêmica. Daí, talvez, a diferença entre o ler como uma obrigação puramente escolar e o ler para compreender a realidade e situar-se na vida social. (1998, p. 21-22).

As palavras de Silva falam do valor da leitura na vida cotidiana do ser humano como uma prática social e que o seu aprendizado começa na escola, onde, contudo, não deve terminar. Para ele, se a leitura não for tida como uma obrigação escolar, o aluno irá ler para entender melhor a sociedade da qual faz parte e situar-se enquanto cidadão.

Segundo Cagliari,

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. (2001, p. 148).

A comparação de Cagliari traz à discussão o papel da escola em relação à leitura e o poder de ensinar que esta exerce sobre a maioria das coisas que se aprende na vida. A escola, como cenário para a formação de leitores, precisa refletir acerca do educador como leitor. Betencourt fala da ênfase dada à leitura na formação do professor:

A questão da leitura tem merecido pouca ênfase durante a formação do professor. Em virtude da mínima atenção que o magistério tem dado aos estudos e pesquisas na área da leitura, nota-se uma falta de clareza de qual é realmente a função da leitura e o que seja formar um leitor consciente, crítico. (2000, p. 23).

Betencourt denuncia a precariedade de estudos e pesquisas oportunizadas na área da leitura, destacando que há ausência de clareza do que seria a função da leitura e o que seria formar um leitor consciente, esclarecido.

De uma maneira geral, os cursos de licenciatura apresentados pelas universidades falham na formação dos professores. Silva ressalta que as faculdades reservam muito tempo do curso para discussões que raramente vão colaborar para o trabalho diário do educador, ao passo que o estudo de “questões mais substanciais e pertinentes, como, por exemplo, o estudo de temas inovadores que possam sustentar a orientação da leitura e da expressão escrita em nossas escolas” (1991, p. 77-78), passam praticamente despercebidas.

Assim, os professores saem dos cursos superiores com o mínimo de conhecimentos da área de leitura, o que os leva geralmente a acreditar que a alfabetização é capaz de fazer ler todos os tipos de textos e que uma boa alfabetização trará bons leitores. No entanto, se as atividades de leitura não forem propiciadas de forma intensa e sucessiva na etapa posterior à alfabetização, tanto na escola quanto em todos os outros espaços em que se encontra o aluno, não se concretizará a formação de um leitor. Silva explica que a leitura precisa ser uma constante inquietação dos educadores, tanto dos alfabetizadores como dos demais professores.

O ensino da leitura, segundo Silva, “deve iniciar-se com a alfabetização e prosseguir em densidade de textos como em habilidade devidamente seqüenciadas”. (1991, p. 77).

A leitura, na escola, é apresentada como indispensável ao aluno, porém ela somente é discutida quando passam a existir as dificuldades, quando os alunos afastam-se dela, quando não compreendem um texto. Alguns estudos no campo da educação já confirmaram que a escola, ao invés de gerar leitores, afasta os alunos da leitura. Silva expõe a seguinte indagação: “não seria essa morte paulatina do leitor uma conseqüência do tipo de formação que é fornecida nos cursos de preparação dos professores?”. (1991, p. 78).

As deficiências apresentadas em relação à leitura fazem com que o professor sustente-se no livro didático, cheio de falhas, carente de significados e de sentido. Os professores, por terem uma formação limitada do processo da leitura, passam, conseqüentemente, para seus alunos uma concepção restrita sobre o assunto.

Betencourt aponta uma questão importante no que diz respeito ao professor:

Uma outra questão que não pode ser esquecida diz respeito à figura do professor que não gosta de ler por causa de lacunas na sua própria formação escolar. Em função disso, as metodologias utilizadas nas aulas de leitura com crianças e os adolescentes acabam sendo a repetição do que ele conheceu como “aula de leitura”, pois não há o conhecimento das teorias da leitura, nem a intenção de se formar leitores críticos e maduros. (2000, p. 25).

Betencourt lembra que muitos educadores não conhecem as teorias a respeito da leitura nem as intenções de formação de leitores críticos. Concorda-se com as palavras da autora, porque se o professor não for leitor, não gostar de conviver com o livro, dificilmente conseguirá fazer com que seus alunos gostem. Também é necessário que as crianças, bem como os adolescentes, estejam em contato com vários tipos de histórias contadas ou lidas, desde os clássicos contos de fadas, às fábulas, lendas, mitos e causos que compõem o nosso folclore. Porém, ao educador cabe entender que narrar ou ler histórias apenas para moralizar, para dar noções de higiene, valores morais, enfim, com o objetivo de impor lições, pode ser algo que afasta o aluno do prazer de ouvir as narrações e, conseqüentemente, da leitura. As narrações precisam acolher o ouvinte e trazer brilho para os olhos, precisam agradar, divertir, informar, mostrar os diferentes meios de vida e de pensamento, bem como de atitudes

positivas e negativas dos indivíduos.

Contar histórias tem caráter frutivo, leniente. Weschenfelder atém-se aos narradores de histórias orais que narram seus contos para uma pessoa ou para um grupo com o intuito de transmitir emoção, diversão e conhecimento, lembrando:

Para tal é imprescindível que o contador de histórias seja um artífice da palavra falada, de modo a assegurar à ação artística uma eficiente comunicação. Técnica, arte ou dom, o ato de contar histórias quase sempre nos remete às memórias afetivas da infância. Presos nos prazeres e nos sentidos suscitados pelas narrativas presenciadas quando crianças, pais, educadores e animadores culturais costumam esquecer que a ação de ouvir e contar histórias estimula o gosto pela leitura, o desenvolvimento da expressão oral e a própria escritura. (2005, p.111).

Dessa forma, os educadores podem fazer da narração de histórias orais uma atividade de apoio que poderá estimular não só a leitura, mas também a expressão oral e escrita no ambiente escolar e, da mesma forma, fazer com que aos sentimentos mais profundos dos seus educandos sejam tocados de maneira prazerosa.

A leitura precisa fazer parte da vida das pessoas desde tenra idade. A esse respeito Silva assegura que

O bebê desenvolve um processo de leitura quando se interessa pelo brinquedo, pelo livro, pela música, pela dança e por tudo aquilo que se oferece para o seu desenvolvimento (...) aumentando o seu conhecimento de mundo, aprendendo a gostar de literatura e a ler para além de seu espaço de referência ou espaço imediato para aderir ao mundo mágico dos textos. (2003, p. 18).

Para o autor, um ambiente familiar em que a leitura existe desenvolve o ser humano; mas esse desenvolvimento também precisa fazer parte dos currículos escolares, para que o aluno veja, na escola, um espaço da construção de saberes.

A narração de histórias amplia na criança, no adolescente e, até mesmo, no adulto, a probabilidade de, na vida escolar e na sociedade, refletir acerca das relações familiares e das questões sociais que se apresentam.

Estimular a narração de histórias na escola através de poemas, contos populares, contos de fadas, de músicas, do teatro, da dança, das narrativas, da palavra, é compor um riquíssimo repertório, importante para todos os que acreditam nessa arte; é trazer o desejo de despertar o que está adormecido e dar vida ao mundo que se faz presente no cotidiano de cada ser humano.

Schedlock fala da necessidade da narração de histórias nas escolas, da naturalidade com que esta arte pode envolver a todos na história, lembrando que a narração oral oferece alegria e desenvolve naqueles que ouvem o senso de humor. Para ele, essa atividade não deve dar ênfase didática nem exemplificar e prescrever os ideais que futuramente devem se transformar em ações e desenvolver a imaginação. O autor manifesta seu desejo de que

Algum dia as histórias sejam contadas a grupos escolares apenas por aqueles que dedicaram um tempo especial preparando-se para a arte de narrá-las. É uma grande falácia supor que o estudo sistemático da narração destrua a espontaneidade da narrativa. Após longa experiência, concluo que o inverso é verdadeiro, ou seja, que é somente quando se conseguiu superar as dificuldades mecânicas que se consegue 'deixar levar' pelo interesse dramático da história. (2004, p.20).

Nesse sentido, a arte de narrar histórias faz-se necessária na educação e no seio familiar.

A educação como promotora do desenvolvimento humano tem como criar e orientar seus alunos no sentido de motivá-los ao ensino, à aprendizagem, ao estímulo, ao estudo, fazendo-os agir com a finalidade de se tornarem seres pensantes e detentores de suas idéias e sabedores de seus direitos, uma vez que a história oral sempre se faz presente.

A escola precisa ser repensada quanto às suas práticas pedagógicas, à formação dos seus docentes, à interação professor e aluno. Ela precisa trazer a narrativa de histórias orais aos currículos escolares em todos os níveis de ensino, para que alunos e professores possam interagir de forma mais interdisciplinar e transdisciplinar, levando mais alunos a buscarem, conseqüentemente, a leitura.

No entanto, para que, de fato, a narração de histórias orais passe a fazer parte das práticas pedagógicas é necessário, como mencionado anteriormente, a participação efetiva e

ativa do professor. Segundo Burlamaque, “é mister, pois, enfatizar que a experiência literária do professor é um dos componentes imprescindíveis no trabalho que ele desenvolverá em sala de aula com o objetivo de formar novos leitores literários, pois através de seu contágio os alunos podem se transformar em leitores” (2005, p.35). A narração de histórias na educação somente será possível se a formação dos docentes nas universidades, bem como a formação continuada, for no sentido de também o professor se tornar um leitor, para que possa estimular os educandos, formando leitores em sala de aula. Para isso, é preciso mudar a estrutura social que envolve a educação no país.

O intuito de levar a leitura a todos os cidadãos e a possibilidade de ver na narração de histórias uma atividade que possa também promover leitores fez com que acontecessem várias oficinas e maratonas de contação de histórias por todo o Brasil⁴. É de suma importância que as secretarias de educação, as escolas municipais, as escolas estaduais e escolas particulares, bem como as associações de moradores, os grupos de idosos, os clubes de mães, os hospitais, enfim, a sociedade de um modo geral vivencie essas experiências, valorizando-as na sua contribuição para o conhecimento da História, da Geografia, da Literatura, da Matemática e demais áreas do saber e da cultura de nosso povo. As histórias populares estão cheias de informações e acabam facilitando o acesso à cultura do país, contribuindo para a formação da identidade nacional.

Sabe-se das dificuldades pelas quais os professores passam, pelo restrito tempo que possuem e pela exigência do cumprimento do ementário de cada disciplina exigido pelas escolas. De igual modo, é fato que a contação de histórias exige preparo por parte de quem for fazer uso dela, para que tenha sucesso em sala de aula. As histórias podem ser repetidas nas mesmas turmas, o importante é que sejam ditas com o coração, sem a finalidade de pregar moral, porque proporcionarão o prazer necessário durante as aulas e no ambiente escolar, dando assim sentido ao belo e à vida. Tal recurso, de acordo com Girardello e Fox, principalmente na escola pública onde faltam tantos materiais:

É uma forma de vivência artística plena que podemos oferecer às crianças – seja como espectadoras, seja como contadoras – sem precisarmos de nada além de

⁴ É uma atividade que tem o objetivo de fazer as pessoas ouvirem histórias e passar a contá-las; discute o benefício da contação de histórias como uma prática de leitura; tem o intuito de promover avanços na área educacional e cultural de uma comunidade, atingindo crianças, adolescentes, adultos e idosos. As maratonas de contação de histórias, por meio de diversos contadores de histórias, levam os contos para o público ouvinte de escolas, praças, hospitais, igrejas, clubes etc.

nosso corpo, nossa voz, nossa imaginação e o fundo 'mar de histórias'. (2004, p.116).

Na opinião dos escritores, é através da narração de histórias que caminhos podem ser trilhados para a formação de leitores capazes de transformar o que está estabelecido ou pré-estabelecido, atuando na comunidade na qual estão inseridos como cidadãos conscientes e ativos. Para eles o importante é que essa arte leve a perceber que todos podem e devem opinar, dizendo o que desejam para si e para toda uma sociedade, valorizando o que o outro sabe e fazendo-se compreender através do seu saber. Assim, a narração de histórias é uma facilitadora da construção de conhecimentos que auxilia no processo de ensino e de aprendizagem, quer na escola, quer na família, quer na sociedade.

Dessa forma, percebe-se que a educação sempre lutou por um espaço digno em toda sua caminhada histórica, e que a formação inicial do professor e igualmente a continuada são uma necessidade social. A formação profissional, voltada para uma educação comprometida com a comunidade escolar, fará com que o ensino seja de maior qualidade e permitirá que a aprendizagem ocorra dentro de um planejamento coletivo, centrado na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade. A união da arte e da ciência resulta num processo de aprendizagem, articulando o ensino fundamental e o ensino médio. Por meio das narrações de histórias orais, objeto desta pesquisa, torna-se possível desenvolver uma atividade pedagógica amparada pelo Projeto Político Pedagógico que poderá também levar os alunos para as bibliotecas, livrarias e escolas, permitindo que esse contato lhes traga o conhecimento.

2 A PESQUISA

Hoje não há mais a fogueira e o ritmo da noite, aconchegando ouvintes em torno dos acontecimentos guardados na memória do narrador tradicional.

Hoje não há mais a música do tear entrelaçando as histórias que se contavam como cânticos de trabalho.

Também há a distância e o tempo empurrando os olhos para as imagens prontas e as palavras frouxas que não acendem a imaginação. Com tudo isso, poder-se-ia dizer: contar histórias é uma arte sem lugar às portas do século XXI.

Celso Sisto

As portas do século XXI foram transpostas. Desse modo, é preciso discutir e repensar o ensino e a aprendizagem, saber o que é realmente importante para a sociedade e para a educação, em meio aos reflexos provocados pelo uso das tecnologias de informação e comunicação – a televisão, o rádio, a internet, entre outros – encontradas no meio em que vivemos. Da mesma forma, é necessário pensar sobre a formação profissional do professor que trabalha com alunos do ensino fundamental e do ensino médio, bem como saber se a narração de histórias orais é uma atividade pedagógica que se fez e faz presente no dia-a-dia da comunidade escolar, e, ainda, se as experiências vivenciadas na infância, na adolescência e na vida adulta são importantes para alunos, professores e gestores. Além disso, é indispensável entender se, por meio da contação de histórias, pode acontecer o ensino e a aprendizagem, amparados no currículo escolar e no Projeto Político Pedagógico como uma atividade construída com a ajuda da comunidade escolar, e se essa atividade pode acontecer em todos os níveis de ensino, nas mais diferentes áreas do saber. Finalmente, é mister verificar se arte e ciência são um processo de aprendizagem e se os contos orais levam os alunos a procurarem livrarias, bibliotecas e sebos, construindo-se a partir disso uma proposta de promoção de leitores.

Diante de tantas lacunas, foi necessário traçar um caminho metodológico a fim de demarcar a trajetória do universo cultural da narração de histórias, na promoção de leitores, no ensino e na aprendizagem de alunos do ensino fundamental e médio, e a formação de seus professores e gestores, de modo a verificar se ocorre efetivamente a apropriação da narração oral nas diversas disciplinas que a escola oferece. A pesquisa objetivou investigar como se deu esse processo e se a narração de histórias orais ocorreu ou não, bem como se ainda acontece nas diversas fases das vidas dos investigados – infância, juventude, idade adulta, seja no seio familiar ou escolar.

Num primeiro momento, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica, conforme orientação de Teixeira (2005, p. 143), acerca dos assuntos norteadores da pesquisa para demarcar o enfoque básico da investigação. Em seguida, avaliou-se, por meio da aplicação de questionários e da realização de seminário dialógico, as vivências da aprendizagem dos alunos, as experiências didático-pedagógicas dos professores e a administração escolar da gestora no ensino fundamental e no ensino médio da Escola de Educação Básica Arabutã, localizada no Município de Arabutã, Santa Catarina.

A natureza qualitativa e exploratória do trabalho, que, segundo Teixeira (2005, p. 137), constitui-se na observação dos fatos, na busca de uma profunda compreensão do contexto da situação, na ênfase do processo de acontecimentos, dando flexibilidade à pesquisa, e do emprego de mais de uma fonte de dados, foram os motivos que levaram à necessidade de se recolher dados junto aos alunos, professores e gestora da escola pesquisada, que tiveram ou não contato com a narração de histórias orais desde o seio familiar até a vida escolar em seus mais diversos níveis de ensino.

2.1 A pesquisa exploratória

Esta pesquisa constitui-se num trabalho de investigação exploratória e qualitativa a respeito da narração de histórias na vida de alunos, professores e da gestora da Escola de Educação Básica Arabutã, localizada no Município de Arabutã, no oeste de Santa Catarina.

O *corpus* da pesquisa foi composto por 14 alunos da 8ª série do ensino fundamental, 17 alunos da 3ª série do ensino médio da Escola de Educação Básica Arabutã, bem como por 10

professores e a gestora da escola, cujos conhecimentos de vida são extremamente ricos e cujas memórias desvendam o empenho com a prática da leitura. A seleção dos sujeitos da pesquisa teve como critério básico o fato de serem alunos da 8ª série do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio, concluintes de cada nível de ensino, os quais, supostamente, teriam uma visão mais ampla do ensino oferecido, assim como da aprendizagem que lhes está sendo proporcionada e da metodologia empregada pelos seus professores e pelo gestor à frente do estabelecimento educacional.

O instrumento utilizado foi um questionário auto-aplicável que continha questões subjetivas referentes à identidade; às primeiras vivências com as narrações orais, às primeiras experiências de leitura; às preferências de narrações orais ou lidas; aos hábitos sociais envolvendo leitura; à influência das tecnologias no ensino e na aprendizagem de alunos, professores e gestores; e às suas experiências com a contação de histórias como um recurso de estímulo para as diversas disciplinas oferecidas pela instituição escolar.

Trata-se de uma pesquisa que segue uma abordagem sociológica, pois privilegia a manifestação direta do sujeito envolvido, no caso alunos, professores e gestor de uma escola pública de ensino fundamental e ensino médio, no sentido de traçar-lhes o perfil de sujeitos envolvidos com a narração oral e com a leitura. Os sujeitos pesquisados na sua função de leitores e mediadores de leitura foram considerados na sua individualidade e diversidade.

A coleta de informações da pesquisa, relacionada com a contação de histórias, realizou-se mediante a aplicação de questionário escrito (Anexos 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11), o qual foi respondido individualmente e sem a presença da pesquisadora, como sugerem Lakatos & Marconi. (1996, p. 89).

Devido ao fato de se acreditar que encontros dialógicos e reflexivos podiam mostrar respostas e desencadear discussões que ainda não haviam sido encontradas em outras formas de investigação, foi organizado um seminário de discussão para coletar informações pertinentes aos objetivos da pesquisa, com a participação dos alunos de 8ª série do ensino fundamental e dos alunos da 3ª série do ensino médio. Investigou-se se estes foram agraciados pela narração oral em casa e na escola; posteriormente, os professores explicitaram seu pensamento sobre o assunto. Em um terceiro momento, houve a participação da gestora da Escola de Educação Básica Arabutã, que também opinou sobre o tema.

A opção pela utilização de seminários para proporcionar falas coletivas dos grupos de

investigação justifica-se por propiciar momentos de discussão em que os envolvidos foram incentivados a dividirem suas experiências acerca da narração de histórias orais, bem como a respeito dos objetivos desta pesquisa, citados anteriormente.

A narração de histórias orais foi escolhida para provocar discussões com os grupos pesquisados. O assunto em questão surgiu a partir de observações feitas ao longo de alguns anos, do que os contos orais representam para a educação, destacando as novas diretrizes de edificação do conhecimento na sociedade da informação e, sobretudo, por ser um material que propõe o resgate da memória, da oralidade, objetivando promover a participação dos alunos, dos professores e do gestor da escola durante os encontros.

Como se optou por uma investigação de cunho qualitativo e exploratório, a pesquisadora operou como sujeito partícipe no sentido de conduzir os grupos em debate, pois o intuito maior era apreender as falas dos componentes dos grupos para posterior análise. Durante o processo de recolhimento de informações no seminário dialógico, os momentos de discussão foram fotografados, para mais tarde servirem de registro. Tais fotos encontram-se em anexo. (Anexos 1, 2 e 3).

Realizaram-se reuniões com alunos, professores e com a gestora e, em seguida, passou-se pessoalmente o questionário escrito aos envolvidos com o objetivo de obter as informações sobre conteúdos relevantes à pesquisa. Porém, não deixa de ser uma reação adversa, pois apenas uma das pessoas é objeto do conhecimento, cabendo ao outro apenas o papel de indagar e, às vezes, de comentar o discurso alheio.

A narração de histórias orais é uma arte na qual as pessoas relatam suas vivências com suas próprias palavras. Trata-se de um relato subjetivo, no qual o sujeito questionado tem a oportunidade de refazer o percurso de sua vida, aceitando fluir livremente o curso de sua lembrança.

Na presente pesquisa, após a investigação qualitativa e exploratória, avaliaram-se os dados pertinentes ao trabalho em questão, analisando-os em relação a seus objetivos, ao tema proposto e aos pressupostos teóricos revisados, os quais orientam a investigação do ponto de vista metodológico.

2.2 O contexto da realização

A colonização do município de Arabutã, localizado no oeste do estado de Santa Catarina, teve início em 1912, com a construção da ferrovia que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo. Posseiros caboclos chegaram ao Vale do Rio do Peixe em busca de trabalho e formaram ali a primeira vila. Em 1927, chegaram os imigrantes alemães vindos da Romênia, que batizaram as terras de Nova Germânia; mais tarde, chegaram mais alemães, dessa vez vindos de Montenegro, no Rio Grande do Sul. A Segunda Guerra Mundial, porém, provocou alteração no nome para Mauá. O nome Arabutã surgiu apenas em meados da década de 1950, homenageando uma árvore encontrada às margens do Rio Jacutinga. Arabutã na língua indígena significa “pau-brasil”. Emancipado do município de Concórdia em 1991, o pequeno município possui atualmente uma economia essencialmente agropecuária.

Praticamente 100% da população é descendente de imigrantes alemães que mantêm seus hábitos, suas danças, seus costumes, suas comidas, suas casas, conforme a descendência germânica; a maioria trabalha na agricultura de subsistência, ou seja, na agricultura familiar. As danças típicas e o ritmo da bandinha animam os bailes da comunidade. A comida é típica da colonização germânica; a cuja delícia a família e os visitantes que chegam para um passeio. O *chopp* e a cerveja são as bebidas mais consumidas entre as famílias.

A igreja tem muita influência na maneira das pessoas pensarem, agirem e se divertirem, um exemplo disso é a Festa do Kerb, que reúne pessoas de todas as faixas etárias para dançarem, oferecerem suas comidas típicas, suas histórias, seu artesanato, enfim, sua cultura, para todos os munícipes e visitantes que participam dessa comemoração. Dessa forma, a riqueza cultural fez com que os investigados fossem conhecendo as histórias trazidas pelos mais antigos sobre a vinda destes da Alemanha para o Brasil e sua trajetória até chegar à região na qual moram atualmente, bem como foram incentivados a conviver na religiosidade, no idioma e a estudar.

Na comunidade de Arabutã há uma biblioteca pública que se encontra dentro das dependências da Prefeitura Municipal; as demais bibliotecas encontram-se nas quatro escolas distribuídas pelo município. Não há livrarias em Arabutã, também não há bancas de revistas e cinema; presume-se que isso se deva ao fato de o pequeno município fazer divisa com Concórdia, onde há muitas ofertas do gênero. Porém, as atividades culturais são intensas, pois

há freqüentemente festivais de danças e músicas nos quais a participação é massiva.

A Escola de Educação Básica Arabutã atende alunos de 5^a a 8^a série do ensino fundamental e alunos de 1^a a 3^a série do ensino médio, aproximadamente 500 alunos estudam na sede do município e em torno de 100, na extensão da instituição localizada na Escola de Ensino Fundamental Marcolino Pedroso, situada no Distrito de Nova Estrela, onde vivem alguns dos alunos investigados. A instituição de ensino preocupa-se em conservar a cultura do município, aliando-a ao ensino e aprendizagem de seus alunos. Além de danças, teatros, festivais de música, a escola preocupa-se em trazer a linguagem de libras e a participação em eventos culturais para alunos especiais, com deficiências auditivas e visuais, tendo destaque mundial com o trabalho que realiza com o grupo de discentes e também com alunos egressos da escola. Além disso, traz a literatura para mais perto de seus alunos, promovendo momentos em que títulos são indicados para leitura por meio de projetos, campanhas de arrecadação e compra de livros, e de trabalhos em sala de aula.

O contato inicial com os investigados foi feito através de reuniões. Após serem consultados a respeito da participação na pesquisa, os alunos, os professores e a gestora escolhidos dispuseram-se a receber a entrevistadora na Escola de Educação Básica Arabutã. Os participantes da pesquisa foram informados de que o trabalho consistia no relato de suas vivências com a contação de histórias dentro da família e na escola. Os questionários e as reuniões foram realizados no período de fevereiro a abril de 2006, nas dependências da escola referida.

Na entrega dos questionários e nas reuniões todos os sujeitos - alunos, professores e gestora - tiveram a oportunidade de responderem ao que era solicitado. Os alunos escreveram se ouviam ou não histórias, e quem eram as pessoas que as contavam quando eram pequenos e na medida em que foram crescendo no seio familiar e na escola. Já os professores e a gestora, além de serem questionados a respeito da narração oral, se esta ocorreu ou não e quem eram os que traduziam essa arte, ainda tiveram a oportunidade de falar sobre a sua prática educacional, sendo levadas a questionamentos sobre a narração de histórias orais no ensino fundamental e ensino médio, em todas as disciplinas. A gestora também pôde relatar como seus trabalhos administrativos ocorrem no que tange à narração de histórias.

2.3 O *corpus* da pesquisa

O perfil dos questionados é praticamente homogêneo. A maior parte dos alunos e educadores investigados mora no município de Arabutã, localizado no oeste de Santa Catarina, o qual, segundo o censo do IBGE do ano de 2000, apresenta uma população de 4.160 habitantes, e, conforme estimativa do ano de 2006, 4.223 habitantes, sendo destes 1.823 homens acima de 10 anos de idade e 1.737 mulheres acima de 10 anos de idade.

Segundo dados do INAF, comprova-se que é importante o ambiente familiar tanto para pessoas com escolaridade baixa como alta, e que a influência dos pais, especialmente da mãe, reflete sobre o gosto e os hábitos de leitura dos filhos. Em 2005, a mãe é mencionada por 41% dos entrevistados, o pai é citado por 31%, ao passo que o professor e a professora são indicados por 33%.

Através dos dados acima, percebe-se a influência dos pais nos hábitos de leitura dos seus filhos. Isso nos induz a tese de que é preciso levar o professor a compreender sua identidade como educador e fazê-lo refletir sobre a relação entre sua história de vida e a história social; fazendo-o interpretar, por meio da investigação, os significados sociais do cotidiano, tomando consciência das marcas que a escola imprime em sua vida e na vida de seus educandos.

O contato inicial com os alunos, professores e gestora foi feito pessoalmente no espaço escolar, o qual é dividido entre a escola da sede do município e a escola localizada no distrito, nas salas de aula, nas salas dos professores e nos pátios. Para contar com a participação dos sujeitos na pesquisa, esclareceu-se a seriedade do tema investigado e a necessidade da pesquisadora de obter informações para melhor avaliar o assunto estudado. Então, os questionários foram distribuídos para serem respondidos e, posteriormente, foram sendo devolvidos, pouco a pouco, para a pesquisadora.

A gestora da escola auxiliou sobremaneira a pesquisa, pois contactou com os alunos e professores para que estes recebessem a pesquisadora para discutir a temática da narração oral e se a tecnologia no meio educacional influenciava, negativamente ou não, as aulas dos educadores e se, além disso, a formação dos professores em todas as áreas do conhecimento era promotora de leitores.

Os investigados, educandos, docentes e a gestora, foram indagados sobre a presença das narrativas de histórias orais na escola. Cada segmento foi questionado a respeito das narrativas e se estas os motivam a aprenderem, a ensinarem e a gerenciarem a escola na qual estão inseridos. O objetivo foi desvendar se essa prática é comum durante as aulas e se é considerada como uma atividade na qual o educador consegue aliar o conteúdo trabalhado; se a oralidade de seus alunos é permitida, deixando que estes contem seus “causos”, suas crendices, suas tradições, seus costumes, suas histórias; e se a narração de histórias orais pode trazer benefícios para a memória, para a história social, política, econômica, religiosa e cultural do município de Arabutã.

2.3.1 Os alunos

Fizeram parte como sujeitos desta pesquisa 14 alunos da 8ª série do ensino fundamental e 17 alunos da 3ª série do ensino médio da Escola de Educação Básica Arabutã. O critério de seleção dos sujeitos da pesquisa era de que os alunos deveriam ser da turma que estava concluindo o ensino fundamental e da turma que estava concluindo o ensino médio.

Os alunos são adolescentes, na faixa etária que vai dos 13 aos 20 anos, considerando que a maior parte deles estuda durante o dia, por exigência dos pais, que acreditam que à noite a violência e o acesso às drogas é maior. Segundo eles, é preferível que seus filhos façam falta no trabalho braçal nas propriedades em que vivem e trabalham do que estudem à noite. A maioria apresenta uma condição sócio-econômica estável; a maior parte deles mora no interior e ajuda seus familiares na agricultura, na suinocultura e na avicultura.

A cultura alemã está bastante presente no cotidiano dos alunos; todos praticamente falam ou entendem a língua germânica, passada de pai para filho. Na escola, a língua estrangeira é o alemão. A comida é típica da colonização teutônica, assim como as danças folclóricas que muitos deles dançam.

2.3.2 Os professores

Os 10 professores selecionados para compor o *corpus* da pesquisa são aqueles que atuam – em todas as disciplinas – da 8ª série do ensino fundamental e da 3ª série do ensino

médio.

Os professores estão na faixa etária que vai dos 21 aos 48 anos, cursaram o Ensino Superior, e a maioria fez também uma pós-graduação na disciplina em que se graduou, considerando que todos têm uma jornada semanal de trabalho de 40 horas. A experiência profissional na área de atuação dos professores mais jovens, em sua maioria, também já vem de uma caminhada de trabalho de quatro a cinco anos de trabalho, porque são egressos da escola pesquisada que se destacaram enquanto alunos e foram sendo convidados para substituírem professores titulares que, por motivos diversos, não podiam ministrar suas aulas. Dessa forma, acabaram graduando-se e pós-graduando-se na área da educação e assumindo, posteriormente, as turmas como professores titulares. Já em relação aos professores com mais tempo de experiência pode-se dizer que quase todos tiveram muitas dificuldades para se tornarem docentes graduados e pós-graduados, em razão das dificuldades financeiras pelas quais passaram na vida familiar e acadêmica. Muitos destes, para poderem trabalhar, moravam, até mesmo, em casa de alunos, longe de sua família, porque nem sempre havia ônibus para locomoverem-se e, muito menos, dispunham de carro para o acesso às escolas.

A maioria dos educadores apresenta uma condição sócio-econômica estável; alguns moram em municípios vizinhos de Arabutã, mas a maior parte deles reside na sede do município ou no Distrito de Nova Estrela.

A cultura alemã também está bastante presente na vida cotidiana dos educadores. A maior parte deles fala ou entende a língua teutônica trazida pelos tataravôs e bisavôs da Alemanha, a qual foi passada adiante pelos seus avós para seus pais e, por fim, para eles.

Em relação à pesquisa propriamente dita, é necessário salientar que três professores não retornaram o questionário, justificando falta de tempo para respondê-lo; dois atuam nas ciências exatas e o outro nas ciências humanas.

2.3.3 A gestora

A gestora da Escola de Educação Básica Arabutã também foi indagada para expor seu pensamento frente à temática que serviu de referência a esta pesquisa.

A educadora que administra a Escola de Educação Básica Arabutã tem 43 anos, é uma

Pedagoga que direcionou seus estudos para a Orientação Escolar e tem pós-graduação em Interdisciplinaridade na Educação Básica. Sua trajetória profissional iniciou muito cedo, quando estudava e trabalhava ao mesmo tempo. Muitas vezes permanecia por muitas horas dentro de ônibus que servia de meio de locomoção para que as atividades de estudar e lecionar pudessem ser conciliadas.

A gestora tem boa condição sócio-econômica, mora na sede do município de Arabutã, e é de origem alemã, assim a sua cultura também é a germânica, assim como sua língua, sua comida. Como os demais sujeitos pesquisados, valoriza igualmente as danças típicas ainda muito cultivadas pela comunidade.

2.4 Os questionários

O intuito fundamental do uso do questionário foi delinear a totalidade da escola onde os sujeitos da pesquisa se encontram, além de trazer subsídios sobre as percepções e as necessidades dos pesquisados acerca da contação de histórias e, como consequência, da promoção de leitores. Igualmente, visou-se à procura de subsídios, a fim de saber se as narrativas orais são aplicadas na prática docente, objetivando, também, colher informações importantes sobre quem são os alunos e os educadores, sem, no entanto, nomeá-los.

Para melhor distinção destes grupos, será utilizada a seguinte nomenclatura: GA – componente do grupo dos alunos investigados, GE – componente do grupo dos educadores investigados e GES – gestora da escola investigada.

Embora o roteiro dos questionários fosse igual para cada grupo pesquisado, cada um seguiu um percurso de apontamentos, organizados a seu modo, uma vez que todos os envolvidos já sabiam qual seria o tema do questionário, explicado no contato inicial.

Por meio dos dados colhidos, obteve-se uma visão das informações prestadas pelos investigados; através dos contatos pessoais, das reuniões e, principalmente, por meio dos questionários por eles respondidos, foi possível traçar o perfil dos alunos, dos professores e da gestora.

O questionário respondido pelos alunos, professores e pela gestora apresentou

informações que foram situadas no contexto escolar e nas relações profissionais, os quais, muitas vezes, interferem no seu trabalho e na construção de uma proposta pedagógica que contemple um ensino e uma aprendizagem com mais qualidade.

Com a intenção de colaborar na investigação da narração de histórias orais como promotora de leitores, os discentes, os docentes e a gestora que fazem parte da pesquisa responderam ao questionário, que serviu de instrumento para estabelecer alguns focos temáticos. Através dele, esperava-se levantar dados, tais como: as vivências pessoais, as experiências individuais de leitura, o processo de leitura, o ensino e aprendizagem, as tecnologias de comunicação e informação no cotidiano dos investigados, a narração de histórias orais no ensino fundamental e no ensino médio.

3 OS RESULTADOS

3.1 Os dados revelados pelos alunos

Os 14 alunos da 8ª série do ensino fundamental e os 17 alunos da 3ª série do ensino médio da Escola de Educação Básica Arabutã, concluintes de cada nível de ensino, e que, portanto, supostamente, apresentariam uma visão mais ampla do ensino oferecido, bem como da aprendizagem que lhes está sendo proporcionada e da metodologia empregada pelos seus professores e pelo gestor à frente do estabelecimento educacional, responderam os questionários, revelando que o primeiro contato com as narrações orais de histórias deu-se entre os dois e seis anos de idade, aproximadamente. A maioria dos questionados recorda que foram principalmente as avós, as mães, as irmãs mais velhas e a professora as pessoas que contavam histórias. Alguns alunos também falaram que os pais narravam histórias orais. Tais dados podem ser comprovados nos fragmentos abaixo, extraídos das informações dadas pelos alunos no questionário: *"Minha irmã mais velha, minha mãe e minha professora me contavam muitas histórias"; "contavam-me histórias antes de dormir, geralmente minha mãe e minha irmã contavam"; "minha mãe, que era minha professora, meu pai e meus avós"; "a mim sempre contaram bastante histórias, principalmente minha mãe. Quando tinha uns quatro a cinco anos, minha irmã, que fazia magistério, sempre fazia isso" e "minha avó contava histórias de como foi difícil nos primeiros momentos da chegada a nossa região".*

Uma informação revelada no questionário chamou a atenção, porque um dos alunos lembrou de uma situação diferente em que a narração de histórias orais aconteceu: *"Lembro de uma vez que estive internada e o médico contou várias histórias para mim"*. Esse dado é interessante porque mostra o valor leniente da contação de histórias. Verônica de Carvalho, no livro *Baús e Chaves da narração de histórias*, organizado por Gilka Girardello, conta que se

emociona ao lembrar do que a auxiliar do Hospital Infantil de Florianópolis disse de João, um menino que estava se recuperando de uma biópsia que havia feito há três dias: “A senhora pode trazer alguém aqui para contar umas histórias para o João? Ele precisa comer. Acho que assim ele pode se animar um pouco”. (2004, p. 178).

Os alunos são adolescentes, na faixa etária que vai dos 13 aos 20 anos. Alguns deles disseram não lembrar quando o contato com as narrativas de histórias orais iniciou-se, mas, para a maioria, este aconteceu antes de entrarem no ensino fundamental, comprovado pelas seguintes falas: “*Foi antes de eu começar a ir na escola*”, “*desde pequena*” e “*em casa*”. Essas falas lembram que os saberes e competências carecem ser edificados no reconhecimento das famílias como parceiras ativas e essenciais na educação de um modo geral.

Ao serem perguntados sobre as histórias que eram narradas, muitos deles lembraram dos contos de fadas, das fábulas, histórias dos pais, e salientaram o papel dos avós e suas histórias, como se comprova nos excertos abaixo: “*histórias de contos de fadas e fábulas que traziam uma moral*”; “*histórias dos avós, da época deles*”; “*histórias de família*”; “*história da vida dos meus pais*”; “*pelos meus avós (histórias mais marcantes), do passado, de como chegaram aqui e como a vida foi difícil*”; “*eram contadas as famosas fábulas infantis e outras histórias que minha mãe lia (às vezes em alemão) em jornais mais antigos e depois me contava, às vezes na roça enquanto ela carpiá*”; “*contos de fadas. A gente tinha que se deitar, ouvir e dormir*”; “*as histórias que eram contadas eram relacionadas à juventude da avó, nas escolas, feitos etc. E que eu lembro até hoje*” e “*isso aconteceu quando eu era bem pequeno, pois meu avô sempre gostou de contar as suas aventuras de infância*”. Confirma-se, assim, que os narradores de histórias orais trazem o conflito ou a procura dos personagens de suas histórias, delineiam os obstáculos e as provações a serem vencidas, revelam o temor, o risco, a frustração, o encontro com o afeto. As falas comprovam que a contação de histórias trazia para mais perto o desejo de um mundo repleto de valores importantes, como a dignidade, o afeto, o amor, a amizade e a perspectiva de poder alcançar os sonhos, as aspirações, de concretizar os anseios de cada pessoa fazendo com que o sono chegasse logo. Percebe-se que a contação de histórias era uma aliada na maneira de educar das pessoas, fossem elas pais, mães, avós, irmãos, vizinhos, entre outros, que conviviam com os alunos questionados.

Os alunos também descreveram que, antes de entrarem para o ensino fundamental, as narrativas de histórias orais mais contadas eram os contos tradicionais, contos populares, as

fábulas e as histórias bíblicas, entre elas: *Chapeuzinho Vermelho, Saci Pererê, Os Três Porquinhos, Cinderela, Branca de Neve*. Nota-se que as pessoas que contavam histórias aos educandos propagaram seus conhecimentos também no que diz respeito aos contos tradicionais, tornando-se responsáveis por estes estarem vivos na existência de cada aluno.

Os educandos foram questionados se, na época em que entraram no ensino fundamental, os professores liam ou narravam histórias. As respostas dadas pela maioria foram de que as histórias eram contadas e lidas; alguns também observaram que estas eram encenadas. Isso se comprova com os seguintes depoimentos: "*As histórias eram legais e divertidas, algumas eram contadas algumas lidas, encenadas*"; "*(...) me interessava muito escutar a leitura*". Chamou a atenção que nenhum aluno mencionou não ter tido algum tipo de contato com histórias lidas ou narradas. Os depoimentos revelam que os professores que liam ou contavam histórias também propagaram o conhecimento através da contação de histórias e contribuíram para que esta se fizesse presente na vivência dos educandos.

Os alunos foram indagados se, com a chegada da adolescência, as narrativas de histórias orais estariam presentes, se ouviam e contavam histórias. Apresenta-se algumas respostas: "*Se for uma história legal e que fale sobre algum assunto interessante, sim*"; "*eu adoro ouvir as histórias que as pessoas mais idosas contam sobre a sua vida e suas dificuldades. Conto e ouço histórias*" e "*eu adoro ouvir histórias, gosto das histórias que meus pais contam, meus avós contam, de quando eles eram crianças, que meus irmãos contam, também gosto de contar*". Os alunos pesquisados são adolescentes que revelam gostar de histórias. Os teóricos estudados, como Gilka Girardello, Betty Coelho, Cléo Busatto, Fanny Abramovich, Celso Sisto, Regina Machado, entre outros, falam das narrativas de histórias, enfatizando que a contação de histórias acontece mais comumente entre as crianças. Alguns desses teóricos mencionam a contação de histórias como uma prática que ocorre com pessoas que se encontram hospitalizadas, em asilos, em grupos da terceira idade. Os depoimentos dos educandos pesquisados revelam que os adolescentes também apreciam essa arte e que gostam quando esta é relacionada com as disciplinas que lhes são oferecidas pela escola. Isso se corrobora com estes depoimentos: "*Gosto de ouvir histórias engraçadas, de terror, de adrenalina e também gosto de ouvir histórias que têm a ver com a matéria*" e também "*ainda gosto de ouvir histórias, gosto de ouvir histórias para ficar informado, para saber de tudo o que acontece no mundo atual*". Nas respostas dadas, chama a atenção que apenas um aluno disse não gostar muito de ouvir histórias. Betty Coelho (2004, p. 11) fala sobre a sensibilidade em saber escolher a história e contar apenas o que aconteceu,

emprestando vivacidade à narrativa, cuidando para escolher bem o texto e recriando-o na linguagem oral, sem as imposições da escrita. As palavras de Betty lembram que é preciso tomar cuidado com a seleção das histórias que serão narradas, para que se obtenha sucesso entre os ouvintes. É possível que o aluno que mencionou não gostar muito de ouvir histórias tenha tido pouco contato com as histórias orais e, quem sabe, as com que teve contato não foram adequadas para sua faixa etária, não foram do seu interesse, tornando-se, assim, pouco significativas.

Os alunos foram questionados se os seus professores narram histórias orais, ao que responderam: "*Contam de vez em quando*"; "*sim, alguns*"; "*sim, mas poucos*" e ainda "*eu acho que nós temos muito poucos professores que contam histórias para nós*". As respostas mostram que são raros os professores que têm esta atividade como um instrumento a mais para fazer uso em sala de aula.

Questionados sobre o que pensam a respeito da contação de histórias durante as aulas, responderam "*Sinceramente, os professores deixam muito a desejar, deveriam contar mais histórias, para que mais alunos leiam*"; "*eu acredito que minha formação é relativamente fraca, pois atualmente são poucas as pessoas que ainda contam histórias*"; também disseram: "*acho que a contação de histórias deveriam acontecer, mas o ensino que tivemos não foi voltado para isso, os professores não incentivam*" e "*tenho, contam histórias relacionadas aos conteúdos*". A maioria dos depoimentos revela a insatisfação dos adolescentes pesquisados no que diz respeito à contação de histórias, por esta não estar acontecendo no decorrer das aulas, dados que merecem atenção por parte da comunidade escolar.

Indagados sobre a possibilidade de, através das narrativas de histórias orais, compreenderem melhor os conteúdos trabalhados pelos professores de todas as disciplinas, responderam: "*É muito interessante, aprendemos muito mais ouvindo*", "*sim, porque às vezes o que parece muito difícil se torna mais fácil*"; "*(...) a pessoa se interessa em ouvir histórias, também aprenderá com elas, ajudam a agilizar pesquisas e trabalhos direcionados a aula*"; "*acredito que sim, pois assim podemos ter um fundamento para compreender melhor os fatos, para mudar a rotina das aulas, pois me envolve numa viagem de imaginação e conhecimento*". Um depoimento que chama a atenção é dado por um aluno que diz que não é pelo fato de ter crescido que as histórias não devam mais fazer parte de sua vida: "*Acho que não é por ter crescido que não mereço mais ouvir histórias*". Os depoimentos apontam que é imprescindível discutir as falas dos alunos e, posteriormente, dar maior atenção aos conteúdos que fazem parte das disciplinas que compõem o currículo escolar. Os dados revelam que é preciso que a inclusão das narrativas de histórias esteja no rol das discussões dos docentes em

suas propostas pedagógicas, e lançá-la no momento em que se elabora o Projeto Político Pedagógico é importante para que o acesso ao ensino e à aprendizagem seja facilitado.

Um dos objetivos do estudo foi saber se a promoção da leitura pudesse ser possível através da contação de histórias. O fato de os alunos terem mencionado a motivação para a leitura, por meio das narrativas de histórias orais, antecipa uma das perguntas do questionário elaborado para eles, a qual averigua se eles vêem na narração de histórias orais um caminho para levá-los a ler. Nessa questão, os alunos revelaram respostas como: "*(...) é uma maneira de ler cada vez mais, ela me leva a um bom livro*"; "*eu acredito que a contação de histórias desperte os alunos para a leitura*"; "*acredito, com certeza, que a leitura pode ser estimulada nos alunos*". Alguns alunos impressionaram pela maneira enfática de seus depoimentos, ao afirmarem: "*Acho fundamental a contação de histórias para termos mais leitores*"; "*sinceramente, os professores deixam muito a desejar, deveriam contar mais histórias, para que mais alunos leiam*"; "*sim. Porque se a história que foi contada foi legal e eu achar que vale a pena eu retirar este livro para eu ler esta história, irei me interessar pela leitura cada vez mais*" e, também, "*sim, pois elas estimulam a leitura e facilitam o aprendizado*". As respostas mostram o interesse que os adolescentes têm em relação à contação de histórias no ambiente escolar. Percebe-se que as narrativas de histórias orais podem ser também um caminho para que os adolescentes procurem mais as bibliotecas, os sebos e as livrarias.

Os alunos opinaram em relação à narração de histórias orais em sua infância e hoje, em sua adolescência, e, para alguns, em sua vida adulta. Percebe-se que tiveram contato com as narrativas de histórias orais na sua infância e que esse papel de narrador de histórias era desempenhado por pessoas geralmente muito próximas. Atualmente, alguns deles ainda têm contato com as narrativas de histórias orais, principalmente na família, como foi descrito acima.

3.2 Os dados revelados pelos professores

Os 10 professores revelaram nos questionários que tiveram contato com as narrativas de histórias orais desde muito cedo. Foram os vizinhos, os pais, principalmente a mãe, os avós, sobretudo a avó, os irmãos e as professoras da escola e da escola dominical (culto infantil, realizado pela Igreja de Confissão Luterana no Brasil) os responsáveis para que esse contato fosse mais intenso. Isso é descrito nos registros dos questionários quando escrevem:

"*Sim, meu pai e minha mãe, minhas avós*" e "*minha mãe e meus irmãos*". Percebeu-se que a religiosidade estivera muito presente nas histórias que eram contadas aos educadores, principalmente quando relataram: "*Minha professora da escola dominical*"; "*minha mãe sempre me contou muitas histórias (religiosas, populares, folclóricas). Ficava muito com ela e o tempo todo ela cantava ou contava histórias. Também uma senhora de idade, mãe da nossa vizinha, contava muitas histórias 'de antigamente'. Meu pai contava das coisas da sua época de criança*" e, ainda, "*quem contava era meu pai. Histórias de quando ele era criança e de sua vida. Também histórias da Bíblia*".

Ao serem indagados se recordavam que histórias eram narradas, muitos deles lembraram dos contos de fadas, contos de assombração, contos folclóricos alemães, das fábulas e histórias dos pais e, especialmente, dos avós, além das histórias da Bíblia. Entre as narrativas de histórias orais que mais escutavam estão: "*Chapeuzinho Vermelho, Os Três porquinhos, histórias de vida, de lobos, fantasmas, de assombrações e histórias da Bíblia*"; "*histórias de quando era criança e da idade de meu pai*", "*Histórias reais das nossas famílias (fatos ocorridos), histórias do folclore alemão histórias infantis (clássicas: Branca de neve, Gata borralheira, Patinho feio...)*. A maioria delas eram contadas oralmente, não lidas"; "*Eram contadas histórias sobre mula sem cabeça, fantasmas, lobisomem e 'velho do saco' (que pegavam as crianças que não obedeciam) e "muitas lendas (desde pequena já ouvia lendas de Andersen, Grimm etc). Também me contavam histórias reais passadas na vida (principalmente as avós). Às vezes contavam livremente, outras vezes a partir de fotografias ou lendo de livros*". Os depoimentos denotam uma viagem às memórias, pelo interior dos pensamentos de muitos dos educadores, que demonstram que a vivência com a contação de histórias foi uma experiência real em sua infância.

Um depoimento chama atenção porque a professora diz que se alfabetizara antes de entrar no ensino fundamental, mas na língua alemã. Ela descreve: "*Minha mãe me ensinou a ler em alemão antes de freqüentar a escola e aprender o português*".

As descrições dos professores revelaram que todos os educadores que responderam o questionário tiveram contato com a contação de histórias antes de ingressarem no ensino fundamental e, para a maioria, este contato manteve-se mesmo depois de terem se alfabetizado: "*(...) mas na alfabetização minha professora também contou muitas histórias de livros infantis*"; "*antes e também durante a alfabetização*". As falas mostram que a narrativa de histórias acontecia não somente no seio familiar, mas também era apreciada pela escola que os professores freqüentavam.

Os professores foram questionados se na época em que entraram no ensino

fundamental, liam ou narravam histórias. Eles responderam: "*Eram várias histórias, algumas contadas e outras lidas*"; "*os professores liam e contavam histórias*"; "*eram na maioria das vezes lidas e posteriormente mostradas as figuras*". Essas descrições evidenciam que, ao entrarem no ensino fundamental, as narrativas orais continuaram a fazer parte da vida dos professores, mas estes também passaram a ouvir histórias lidas. Uma das falas apresentadas no questionário traz uma reflexão acerca da contação de histórias que merece atenção, pois a descrição evidencia que o contato deste professor com as narrativas de histórias começa a diminuir no cotidiano da escola que frequentou: "*Até a 5ª série eram contadas e lidas muitas histórias. Depois disso cada vez menos as ouvia (apenas alguns professores o faziam)*". Betty Coelho (2004, p. 14) lembra que "(...) uma boa história agrada a todos" e que é natural o ser humano gostar de histórias. Assim, percebe-se na fala desse educador que a contação de histórias foi diminuindo gradativamente, sendo destinado cada vez menos espaço a essa atividade.

Os professores foram indagados se atualmente as narrativas de histórias continuam presentes, se ouvem e contam histórias na escola ou fora dela. Muitos se detiveram a falar sobre a leitura, dizendo: "*Gosto de ler muito e, apesar de ter pouco tempo, procuro estar lendo algo*"; "*leio livros com teorias sobre a educação*"; "*leio livros de literatura brasileira, indicados pelos professores da Universidade*" e "*livros sobre educação e especificamente sobre minha área, jornais e cultura geral*". Esses relatos deixam transparecer que o educador falou das leituras que vêm fazendo, as quais são praticamente direcionadas a conteúdos teóricos, voltados à sua área de atuação profissional. Além disso, nota-se que o fator "tempo" é algo precioso para o educador, quando ele menciona "*apesar do pouco tempo*", e essa é uma informação que merece atenção por parte da educação.

Os educadores, ao serem indagados se hoje as narrativas de histórias permanecem presentes, se ouvem e contam histórias na escola ou fora dela, disseram: "*O conteúdo de História escrito nos livros didáticos é pouco atraente para os alunos lerem, chega a ser maçante. Quando comenta-se aspectos envolvendo o cotidiano de certos momentos históricos os alunos adoram*"; "*os alunos têm bastante deficiência na escrita e na leitura, acho que talvez com a leitura e a contação de histórias, ajudaria bastante*"; "*de vez em quando conto histórias*" e, também, "*vejo que a contação de histórias pode despertar mais o interesse dos alunos por determinados assuntos*"; "*acredito, sim, que a contação de histórias poderia auxiliar o aluno a querer buscar mais (além da sala de aula) e a entender melhor os conteúdos*". Esses relatos evidenciam a percepção dos educadores no sentido de as narrativas de histórias serem mais uma maneira para poder se levar o conhecimento aos educandos.

Outros depoimentos revelam que há educadores que, de fato, fazem uso da contação de histórias em suas aulas e vêem nela uma maneira para despertar maior interesse pela aprendizagem do aluno e, até mesmo, apontam resultados positivos ao dizerem *"Vejo que, com isso, ao menos desperto um pouco mais o interesse do aluno em relação ao conteúdo e à aula e também facilito o entendimento (e aprendizagem) dele"*; *"percebo que quando conto alguma história interessante eles ficam muito atentos"* e, também, *"conto histórias pessoais, mas para dar algum exemplo de vida. Vejo resultado, porque eles prestam atenção"*. Esses apontamentos demonstram que a contação de histórias é utilizada por educadores que trabalham com alunos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental e de 1ª a 3ª série do ensino médio em sala de aula, o que mostra que a contribuição das narrativas de histórias é algo que merece atenção por parte da escola.

Ainda em relação à pergunta que discorre sobre a presença das narrativas de histórias na sala de aula, se histórias são contadas e ouvidas, obteve-se o depoimento de um educador que trabalha com diferentes áreas do saber, a qual merece maiores comentários: *"Na área da matemática, não conto histórias, mas em áreas como estudos regionais, por exemplo, eu conto e eles aprendem com facilidade, melhor do que com livros"*. A fala é significativa porque esse educador faz uso da contação de histórias em uma das disciplinas, porém, em outra, não. Seria importante que esse educador fosse orientado para saber que há pessoas como, por exemplo, Malba Tahan e Hans Magnus Enzensberger, que se servem de histórias para fazer os alunos compreenderem a matemática. Ainda em relação à pergunta feita, houve depoimentos de alguns professores que mencionaram já terem contado ou ainda contarem histórias para seus filhos: *"Eu incentivo contando histórias e fazendo com que ela escute eu contar e depois me conte também uma história"* e *"sempre contei muitas histórias para eles e ainda conto ou leio. Desde cedo colocava revistas e livros na caixa de brinquedos para tornar-se de manuseio diário deles. Às vezes só contava, outras lia, mostrando figuras"*. Essas respostas mostram a preocupação dos docentes em oportunizar as narrativas de histórias orais também aos filhos; fica evidente, também, que a expressão oral é incentivada ao permitir que seus filhos contem também as histórias. Acredita-se que isso se dá porque os educadores, quando eram crianças, foram estimulados pelos pais a ouvirem e conterem histórias.

Os professores foram questionados sobre o que pensam a respeito das narrativas de histórias orais fazerem parte do currículo escolar como uma atividade pedagógica possível de fazer os alunos compreenderem melhor os conteúdos trabalhados pelos educadores em todas as disciplinas, obtendo-se como respostas: *"Sim, primeiro que ao contar histórias pessoais é possível criar um vínculo maior com o aluno (transportar a distância entre professor e aluno).*

Segundo, é possível direcionar as histórias para determinados conteúdos e servirão de auxílio para a aprendizagem”; “deveria ser mais incentivada. Acredito que tornariam as aulas mais interessantes e os conteúdos mais significativos para os alunos (aplicação na prática)”; “sim, porque enriquece o conteúdo e torna as aulas mais atrativas”; “as histórias cativam os alunos, com isso fica mais fácil o desenvolver do trabalho” e, ainda, “através das histórias fica mais fácil envolver os alunos com o objeto de estudo” As descrições dos docentes mostraram que a maioria deles acredita que a inclusão da contação de histórias como uma atividade pedagógica nos currículos da escola é possível, e, com base nos depoimentos, percebe-se que para eles essa atividade possibilita um vínculo afetivo maior entre professor e aluno, maior facilidade de internalização do conteúdo e um aumento no interesse pelo ensino e pela aprendizagem.

As respostas de alguns professores fazem menção à motivação para a leitura por meio das narrativas de histórias orais; em outra pergunta do questionário, no que diz respeito à leitura, também revelam: *“A contação de histórias pode trazer mais interesse pelo estudo e levá-los a lerem, pois incentiva o hábito de leitura dos alunos tanto quanto a criatividade e a imaginação”; “penso que esta atividade pode fazer com que os alunos leiam mais” e “os alunos têm deficiência na escrita e também na leitura, acredito que através da contação de histórias a leitura é mais facilmente possível”.*

Um dos depoimentos revela que as narrativas orais são uma possibilidade de oportunizar a leitura por meio da contação de histórias de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e de 1ª a 3ª séries do ensino médio na escola: *“Acredito que a contação de histórias poderia auxiliar os alunos do ensino fundamental e também do ensino médio a buscarem mais a leitura”.* Essa fala indica que esse educador possivelmente já teve experiências positivas com relação às narrativas de histórias, quer quando tenha sido aluno, quer quando professor, e percebeu que, por meio das narrativas orais, o conhecimento também pode ser alcançado mais facilmente.

Algumas respostas dadas pelos professores dizem respeito às tecnologias de informação e comunicação, mostrando sua decepção na utilização desses recursos: *“Os meios eletrônicos interferem no aprendizado de sala de aula, porque está tudo pronto na internet, não tem mais trabalhos de leitura e pesquisa”; “acho que as crianças que usam muito esses meios eletrônicos tornam-se mais acomodadas e não querem ler para não precisar raciocinar/imaginar”.* As respostas dos educadores alertam para a necessidade de um estudo mais profundo em outra ocasião, numa outra investigação.

Os professores opinaram em relação à contação de histórias em sua infância e como

esta foi acontecendo até o momento. Percebe-se que tiveram um intenso contato com as narrativas de histórias orais na sua infância e que esse papel de narrador de histórias era desempenhado por pessoas geralmente muito próximas. Atualmente, alguns deles contam histórias para seus filhos e também fazem uso das histórias de vida durante suas aulas.

3.3 Os dados revelados pela gestora

A gestora revelou no questionário que teve contato com as narrativas de histórias orais desde muito cedo. Ao ser questionada se quando era criança contavam-lhe histórias e quem as contava, ela disse ter sido a avó materna a responsável para que esse contato fosse mais intenso: "*Sim. A minha avó materna. Aos quatro ou cinco anos*". A seguir, justifica, escrevendo: "*Morei sempre com meus avós. E tenho grandes lembranças*". O depoimento da educadora é um exemplo de que as avós desempenharam um papel importante dentro do mundo da contação de histórias, para que estas não fossem relegadas ao esquecimento.

Ao ser indagada se lembrava que histórias eram narradas, ela respondeu: "*Histórias bíblicas e reais, clássicos da Literatura Infantil. Os três porquinhos...*". A lembrança revela o mundo apresentado para a gestora, na sua infância, por meio de histórias, o qual ainda parece estar bem presente em seu íntimo. Sobre as narrativas de histórias, Busatto (2005, p. 85) lembra: "Recuperar esta literatura é também fazer o trabalho com os alunos, sugerindo que eles saiam a campo para coletar histórias com seus avós, vizinhos, pessoas mais velhas, e em outras fontes onde este material possa ser colhido". As palavras da escritora fazem refletir sobre as histórias que todos os povos têm a contar e que estão apenas à espera do momento de se tornarem conhecidas.

A descrição da gestora mostra que ela teve contato com as narrativas de histórias orais antes de ingressar no ensino fundamental, e este contato fez com que também incentivasse sua filha, conforme descreve: "*A minha filha gosta de ler justamente por eu ter lido e contado muitas histórias*".

A gestora foi questionada sobre o que pensa a respeito das narrativas de histórias orais fazerem parte do currículo escolar como uma atividade pedagógica, possível de fazer os alunos entenderem melhor os conteúdos trabalhados pelos educadores em todas as áreas do conhecimento. A gestora sugere acreditar nessa probabilidade, respondendo que *Sim, pois é um projeto que envolve a leitura*", e ainda reforça: "*Tento possibilitar a atividade e os*

resultados são positivos”.

A gestora faz referência à sua formação enquanto educadora e gestora para o envolvimento da narração de histórias orais, descrevendo: *“Houve muitas falhas no que se refere à leitura”.* Ela destaca ainda que a narração de histórias orais traz estímulo para o desenvolvimento dos alunos de ensino fundamental e de ensino médio: *“A leitura desenvolve muitos aspectos na vida do aluno da Escola de Educação Básica Arabutã, acredito que a contação de histórias orais inova a prática pedagógica”.*

No questionário dirigido à gestora buscou-se saber também qual sua visão à respeito das tecnologias de comunicação e informação, obtendo-se como resposta: *“A escola precisa inovar a sua prática para acompanhar a tecnologia”.*

A gestora opinou em relação à narração de histórias orais em sua infância e sobre como esta foi importante para sua família. Ao referir-se à sua filha, menciona: *“Fiz com minha filha o que fizeram comigo. contei-lhe histórias desde o início (ou as lia para ela) e ela adorava. Hoje gosta muito de ler e o faz sempre”.* Percebe-se que a educadora teve um intenso contato com as narrativas de histórias orais na sua infância e que esse papel de narrador de histórias era desempenhado pela avó, sempre muito presente em sua vida.

A gestora tem uma profunda preocupação com a leitura, e diz observar que este é o melhor caminho para a aprendizagem dos alunos da Escola de Educação Básica Arabutã, em que trabalha há muitos anos: *“Tento possibilitar a atividade de contação de histórias orais, realizando, assim, projetos que desenvolvam a leitura”.*

3.4 Aspectos comuns revelados nos questionários e encontros com os pesquisados

Com base nos dados obtidos através dos questionários e dos relatos do GA – componentes do grupo dos alunos investigados –, GE – componentes do grupo dos educadores investigados – e GES – gestor da escola investigada –, nos encontros com os sujeitos da pesquisa, inferiu-se que as histórias de vida dos alunos e educadores são semelhantes. Percebeu-se que a leitura para muitos partiu da experiência que tiveram com a oralidade na vida familiar e nos primeiros anos de escolaridade, conforme transcrito anteriormente.

O GA teve contato com a contação de histórias, a qual foi diminuindo gradativamente ao longo dos anos, à medida que foram avançando nas séries do ensino fundamental, e praticamente inexistindo nas séries do ensino médio. Eram os avós, as mães, os pais, os

irmãos e alguns vizinhos as pessoas que contavam histórias para os alunos quando estes eram crianças. Já na escola, alguns professores continuaram com essa atividade, porém, a maioria deles partiu para a leitura de livros. Percebe-se, ainda, que os professores do culto infantil, da aula dominical, na igreja, também tiveram influência na narração de histórias orais bíblicas, o que os alunos evidenciaram nas suas respostas, através do questionário.

Entre o GE e GES, percebeu-se a difícil trajetória de vida, as dificuldades dos seus familiares em proporcionar moradia, alimentação e estudo. Desse modo, também os livros eram raros em suas casas, conforme relataram nos encontros dialógicos. Assim, o contato com as histórias se deu predominantemente de forma oral; estas eram contadas de pai para filho, ou então de avós para netos. As histórias consistiam em contos tradicionais, contos do folclore brasileiro e, principalmente, alemão, uma vez que os investigados falaram, nos encontros dialógicos, de sua descendência germânica. Esse contato oral também se deu através das fábulas, das histórias reais e inventadas, dos causos, das crendices, das superstições e, principalmente, das histórias bíblicas, o que nos encontros com os grupos ficou evidente nas falas dos pesquisados por serem, em sua maioria, evangélicos protestantes. Durante os seminários, notou-se que o GE e o GES sentiram-se contagiados pelas lembranças do passado; as histórias foram retornando à lembrança e houve um momento em que os educadores acabaram contando-as, envolvendo todos os participantes. Esse foi realmente um momento mágico, pois naquele círculo de contação de histórias, o encantamento parecia tomar conta dos presentes.

Além disso, o GE e o GES mencionaram que, para a maioria dos narradores de histórias orais, estas tinham o propósito moralizador, no sentido de *"isso você não deve fazer, porque o bicho papão vem te pegar"*, ou, então, *"cuidado com o homem do saco"*. Muitos educadores confessaram que essa também foi uma maneira que eles adotaram na conduta da educação de seus próprios filhos e, em alguns casos, com seus alunos, como mencionaram nos encontros, conforme fotos em anexo. (Anexos 2 e 3).

Através da comparação dos relatos obtidos nos questionários, evidenciou-se que as histórias de vida são semelhantes entre si e que a oralidade apresentava-se na vida dos educadores, e também na vida de alguns alunos, como uma forma de propagar os acontecimentos, a história trazida por seus pais, seus avós, seus bisavós, seus vizinhos de mais idade. Verificou-se, igualmente, que as histórias dos antepassados ainda prevalecem entre as pessoas, principalmente as da cultura alemã. Já entre os alunos, as narrativas de histórias orais diminuíram muito, uma vez que a maior parte de histórias que conheceram são aquelas que foram contadas antes de ingressarem no ensino fundamental, bem como as que foram lidas

quando foram alfabetizados, em sua maioria, pela professora da educação infantil ou da 1ª série do ensino fundamental, conforme reunião dialógica com GA registrada por fotos que estão em anexo. (Anexo 1).

Constatou-se que a família, geralmente os avós, o pai, a mãe e os irmãos, é a responsável por despertar as crianças para as histórias orais. Muitos dos educadores informaram que as histórias mais lembradas eram as da Bíblia, as quais eram narradas nos encontros dos cultos infantis, nos cultos dominicais e nas famílias, conforme mencionaram nas reuniões dialógicas.

Entre o GA, como as histórias orais ocorreram com menos frequência, as histórias lidas foram os contos tradicionais, fábulas, histórias do folclore brasileiro, como as do Saci Pererê, as dos Irmãos Andersen e Irmãos Grimm, por exemplo. Evidenciou-se uma diminuição significativa do contato com a contação de histórias durante as falas dos alunos nas reuniões dialógicas. Para a maioria as narrativas de histórias são parte do passado de seus pais e de seus avós, embora isso não signifique que não gostem de ouvir as histórias. Já os que ainda mantêm contato com as mesmas, não vêem sua vida sem elas e, sempre que possível, gostam de ouvir e poder contar histórias. Isso mostra que as narrativas de histórias ainda poderão sensibilizar a educação para que esta as valorize como uma atividade pedagógica na escola.

O GE e o GES mostraram que, na sua infância, tinham preferência pelas narrações de histórias orais e que a maioria tinha contato com o livro somente na escola. Relataram que na adolescência liam os clássicos da literatura, o que era uma exigência dos educandários; alguns se arriscavam nas “leituras proibidas, censuradas”, como se comprova nas seguintes falas: *“lia revistas pornográficas, escondido dos meus pais”* e *“lia revistas de fotonovelas que havia em casa e eram proibidas por meus pais”*. Alguns dos professores mencionaram na reunião dialógica que as histórias lidas e ouvidas na fase da adolescência eram os romances, porque estes os levavam para o universo do amor procurado. As falas remetem à educação rígida mantida pelos pais em relação aos filhos, o que também acontecia na maioria das escolas, como muitos dos professores com mais experiência lembraram nas reuniões dialógicas. Os depoimentos dos educadores confirmam o que muitos pensadores dizem sobre a educação exigida pela escola tradicional.

A família e a escola são importantes para que a leitura aconteça. É, geralmente, a família que inicia a pessoa no universo dos livros; no entanto a escola também tem uma missão muito importante, pois muitas vezes as crianças chegam a ela sem nunca terem entrado em contato com a leitura, cabendo-lhe, portanto, despertar o interesse pela atividade.

Com base nos depoimentos do GE e GES constatou-se que a escola sente necessidade de promover a leitura para que ocorra uma aprendizagem maior por parte dos alunos. Percebeu-se, também, que os componentes do GA desejam aprender e ser estimulados para o universo da leitura, e mencionam a narração de histórias orais como um dos caminhos para que isso ocorra: "*Se a história que foi contada foi legal e eu achar que vale a pena eu retirar este livro para eu ler esta história, irei me interessar pela leitura cada vez mais*"; "*acredito que sim, porque ela incentiva a leitura*"; "*acredito, com certeza, que a leitura pode ser estimulada nos alunos*".

Abramovich diz que "o livro da criança que ainda não lê é a história contada" (2004, p. 24). A escritora fala da criança, mas as reuniões dialógicas revelam que os adolescentes pesquisados também compartilham esse pensamento em relação às narrativas de histórias. Acredita-se que a contação de histórias pode ser promovida também através das narrativas de histórias, uma vez que em muitos momentos elas são os primeiros passos para que a leitura se concretize.

O GE e o GES disseram, nas reuniões, que, ao ingressarem na faculdade, tinham de ler livros relacionados ao curso que estavam freqüentando; então se dedicavam praticamente a esse tipo de leitura, como pode se perceber nos fragmentos abaixo: "*Leio livros com teorias sobre a educação*"; "*leio livros de literatura brasileira, indicados pelos professores da universidade*" e "*livros sobre educação e especificamente sobre minha área, jornais e cultura geral*". As falas abordam um assunto muito discutido pelos educadores nos encontros dialógicos, em que a maioria disse não ter tempo para conciliar família/estudo/trabalho/leituras de livros relacionados ao curso que freqüentavam ou freqüentam. Grande parte manifestou insatisfação com a intensa jornada de trabalho a que necessitam submeter-se semanalmente para poder atender às suas necessidades financeiras e de sua família, o que também, segundo eles, desestimula-os a fazerem outros tipos de leituras. Diante do desânimo demonstrado em relação a essas questões, fica evidente que a educação precisa dedicar-se mais aos educadores, permitindo que suas jornadas de trabalho sejam menores e que os profissionais sejam mais bem remunerados, para que possam poder dedicar-se às formações continuadas e às leituras de modo geral.

Os educadores contam que passaram a ler menos quando começaram a namorar ou se casaram. A leitura ficou mais restrita ainda quando chegaram os filhos, pois passaram a dedicar-se praticamente às atividades domésticas, ao cônjuge, às crianças e ao preparo das aulas de seus alunos. Nessa fase, os educadores com filhos pequenos falaram que liam contos clássicos para eles porque se preocupavam com sua formação; alguns demonstraram ter

conhecimento de que a leitura se conquista na criança desde muito cedo. Entretanto, a maioria dos educadores com filhos adolescentes ou até mesmo adultos confessou que foi abandonando esse hábito à medida que os filhos iam crescendo, chegando a diminuir a frequência da leitura, com a desculpa clichê de falta de tempo, conforme revelado nas reuniões dialógicas realizadas com os grupos.

Os alunos questionados dizem ter menos contato com as narrativas de histórias orais agora que estão na 8ª série do ensino fundamental e na 3ª série do ensino médio. Eles relataram esse dado no encontro e também no questionário: *"Acho que não é por ter crescido que não mereço mais ouvir histórias"*. O GA acredita que seja pela falta de tempo dos pais e dos professores que isso esteja acontecendo: *"Meus pais trabalham muito e os professores dão aula em muitas escolas para poderem sobreviver"* – esta, aliás, também foi a observação que alguns educadores fizeram no questionário e nas reuniões: *"Eu tenho pouco tempo, sempre estou muito atarefado, tenho muitas aulas para planejar porque trabalho em muitas escolas"*.

Conforme o relato dos professores nos encontros de discussão, para alguns foi uma surpresa saber que poderiam usar a narração de histórias orais em suas aulas, ainda mais em disciplinas como matemática, química, física, e que poderiam valer-se dessa atividade tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Alguns educadores disseram-se surpresos consigo mesmos porque usavam a narração oral em suas aulas e não sabiam, e que, após esse trabalho, descobriram que já eram narradores de histórias há muito tempo. A esse respeito Abramovick lembra: *"É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de pensar (...) É ficar sabendo de História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula..."* (2004, p. 17). Concorda-se com a escritora, e as falas dos professores são importantes indícios para que a escola discuta os planejamentos pedagógicos que são promovidos, adequando-se às necessidades reais da comunidade escolar.

Alguns professores que acreditavam não poder utilizar a narração de histórias orais em suas aulas perceberam, pelos depoimentos de outros colegas de trabalho, que poderiam também aderir a essa atividade, e que, para tanto, não precisariam deixar de lado os conteúdos. Dessa forma, muitos deles passaram a ver com outros olhos a narração de histórias orais. Esse fato fez com que a pesquisadora se sentisse motivada para prosseguir seus estudos em relação à contação de histórias.

Por meio das informações coletadas com GA, notou-se que estes gostariam que, em sala de aula, alguns professores usassem essa atividade, principalmente no ensino de

conteúdos mais significativos. Para eles, tal estratégia traria aprendizagem, os auxiliaria a valorizar o professor, a aprender a ouvir e evitaria as aulas restritas a atividades de mera cópia do conteúdo. Para muitos, a possibilidade de expressar-se oralmente é uma grande satisfação, por isso gostariam que a contação de histórias fizesse parte da rotina didática de seus professores, em todas as disciplinas e nos diferentes níveis de ensino, conforme mencionado em citações anteriores e nas reuniões dialógicas.

Constatou-se, pelas respostas dos alunos, que a contação de histórias é bem aceita, na medida em que estes disseram que quando eram pequenos apreciavam muito a atividade e que aprenderam muito com ela. Assim, acreditam que as aulas de 5^a a 8^a série e ensino médio também ficariam mais interessantes e mais produtivas.

Muitos questionados citaram obras como *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*, *Os três porquinhos*, histórias bíblicas, contos do folclore brasileiro e alemão, entre outros, como as histórias mais ouvidas em sua infância. Nesse sentido, houve semelhanças nos depoimentos de alunos, professores e da gestora.

Constatou-se que a trajetória de vida dos educadores e dos alunos foi marcada pela narração de histórias orais no início de sua vida, atividade que, com o passar dos anos, foi deixada de lado, supostamente porque já não os interessava tanto, uma vez que já não eram tão pequenos assim. Aos adolescentes e adultos, tal prática é praticamente inexistente, pois, equivocadamente, acredita-se que estes estão mais interessados em outras atividades e não desejam mais ouvir histórias.

Com base no questionário, percebeu-se que a gestora da escola pesquisada está preocupada com a falta de interesse pela leitura dos alunos, quando cita: "*Tento possibilitar a atividade de contação de histórias orais, realizando, assim, projetos que desenvolvam a leitura*". Os educadores apontaram sugestões nas reuniões dialógicas, dizendo que somente com o comprometimento de todos os colegas será possível realizar um trabalho realmente voltado para a promoção de leitores. Sobre isso, um deles recomendou: "*O trabalho coletivo no sentido de promover atividades que façam nossos alunos lerem com prazer se faz cada vez mais necessário, porque estas têm amparo de toda a comunidade escolar que quer sempre o melhor para cada um dos seus filhos*". Alguns salientaram a importância do professor leitor, a importância de seu "contágio" nos alunos, ao dizerem: "*Colegas professores, temos que ler mais e dar o exemplo*". Os docentes também enfatizaram a necessidade da valorização de sua profissão pelas autoridades governamentais: "*As instituições governamentais deveriam pensar na educação, compreender que ela é o melhor caminho para o entendimento*" e "*a aprendizagem somente é possível quando pensada no coletivo, com o envolvimento de toda a*

comunidade escolar". As respostas trazem muitas discussões acerca da escola, do trabalho coletivo. Acredita-se que o trabalho construído coletivamente seja, quem sabe, o início para que a educação caminhe, de fato, para atender as necessidades da comunidade escolar.

O que se constatou nos relatos dos professores questionados é que as histórias e a leitura dos mais variados gêneros literários esteve presente e tornou-se um hábito extremamente indispensável e significativa na vida dos educadores. Os gêneros literários apreciados por eles são aqueles consentidos e até indicados pelas famílias e a escola, os quais contribuía para moldar comportamentos e nutrir o imaginário das crianças, sem ocasionar rupturas. Constatou-se, pelas reuniões e pelos depoimentos citados anteriormente, que, enquanto eram adolescentes – antes de se casarem –, as narrações orais e a leitura passaram pela triagem de pais e professores, tanto que histórias e livros lhes foram proibidos (como as revistas pornográficas e as de fotonovelas, por exemplo). Durante esse período, os educadores questionados consumiram literatura com enredos leves, como poesias e textos que acentuam o conhecimento.

Nos relatos apresentados, os alunos pensam, no que se refere à escola, que muitas aulas poderiam ser diferentes, atrativas; gostariam que os educadores tivessem condições de proporcionar aulas mais instigantes, mais expressivas: "*Acredito, com certeza, que a leitura pode ser estimulada nos alunos*". Ao se referir às narrativas de histórias orais durante as aulas, afirmam: "*Ajuda muito, porque diverte e auxilia na aprendizagem de conteúdos*"; "*acho fundamental a contação de histórias para termos mais leitores*"; "*sinceramente, os professores deixam muito a desejar, deveriam contar mais histórias, para que mais alunos leiam*". Já em relação à leitura mencionam: "*O gosto pela leitura aumenta, mas são poucos os contadores de histórias*"; "*sim, acho esta atividade importante porque fui influenciada para o lado da leitura*". Dessa forma, evidenciou-se, nos questionamentos realizados, que, através da narração de histórias orais, a leitura pode ser proporcionada de uma maneira diferente, que também pode trazer aprendizagem.

Com base em tudo isso, pensa-se que somente uma educação construída coletivamente é capaz de discutir seus anseios, suas necessidades, seus objetivos; de rever seus currículos escolares, suas posturas frente ao ensino e à aprendizagem, e, sobretudo, de construir um Projeto Político Pedagógico voltado para toda a comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas de histórias sempre foram fontes de prazer, de deslumbramento e sensação de viagem pelo imaginário, pelos sentimentos, pelos sonhos, pelas fantasias, pelas imagens, pelos encantamentos, pelos anseios do ser humano. Contar uma história é uma maneira de socializar saberes, interesses, desejos, opiniões, pensamentos similares ou distintos. Assim, corroboramos com Abramovick, quando diz: “É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve”. (2004, p. 17).

O interesse pelo resgate da narrativa de histórias, neste estudo entendida como o ato de contar histórias, se dá, no Brasil e no mundo, por ser ela uma herança cultural. Girardello (2004, p. 14) lembra que há resistência política quando se conta ou se ouve histórias de antigas tradições e de grupos silenciados; esse fato também contribuiu para que houvesse um empenho ainda maior, por parte da pesquisadora, em estudar a contação de histórias, uma vez que, ao mesmo tempo, há cada vez mais pessoas que crêem que a narração de histórias pode apurar a habilidade de observação, desenvolver a memória e o pensamento, promover a capacidade criadora, despertar ou expandir o gosto pela leitura, fazer vencer a timidez, enriquecer, apurar e aprimorar a linguagem, habituar a organização das palavras, ponderar gestos, adquirir fluência, com a finalidade de expressar-se melhor oral e corporalmente e, sobretudo, ser um modo de oferecer voz ao livre-arbítrio das pessoas para que possam ampliar do mesmo modo seu lado social, político e econômico.

A pesquisa *Narrativa oral: uma arte milenar* foi realizada na Escola de Educação Básica Arabutã, localizada no Município de Arabutã, no oeste do Estado de Santa Catarina.

Fizeram parte das investigações 14 alunos que freqüentam a 8ª série do ensino fundamental e 17 alunos que freqüentam a 3ª série do ensino médio, bem como os 10 professores que atuam em todas as disciplinas dos alunos das séries pesquisadas e a gestora da escola. Alunos, professores e a gestora responderam questões subjetivas acerca de suas vivências pessoais, das experiências individuais de leitura, do ensino e da aprendizagem, da narrativa de histórias no ensino fundamental e no ensino médio. Posteriormente, realizaram-se reuniões dialógicas com os grupos com o intuito de saber mais a respeito das atividades pedagógicas da escola, da organização curricular, do Planejamento Político Pedagógico da instituição, do trabalho coletivo no sentido de promover o ensino e a aprendizagem, das ações realizadas pela unidade escolar a fim de formar leitores entre a comunidade escolar.

Pretendeu-se, neste trabalho, investigar se os alunos pesquisados, bem como os professores e a gestora da escola, os quais orientam o ensino e a aprendizagem desses educandos, ouvem e narram histórias orais; se a narração de histórias orais é uma prática de sociabilidade e interação entre as pessoas das mais diferentes faixas etárias que se encontram nas séries pesquisadas; se essa atividade poderia ser instrumento de motivação para a prática da leitura; se a formação inicial dos docentes, como também a continuada, poderia contemplar a narração de histórias orais no ensino fundamental e no ensino médio. Finalmente, pretendeu-se saber se a educação discute a narração de histórias orais como uma ferramenta a mais para o ensino e a aprendizagem.

A investigação mostrou que as experiências vivenciadas na infância, na adolescência e na vida adulta foram importantes para os alunos, para os professores e para a gestora da escola pesquisada. Percebeu-se, com este estudo, que, através da narração de histórias, é possível promover o ensino e a aprendizagem nas mais diferentes áreas do saber, em todos os níveis de ensino, sempre com o amparo da comunidade escolar, com uma proposta pedagógica que tenha como pressuposto a interdisciplinaridade, assim como a transdisciplinaridade, para que não haja a desarticulação do saber com que os estudantes e, também os professores, deparam-se, como alertam Alves e Garcia (2002, p. 27), e, sobretudo, tendo o Projeto Político Pedagógico como direção desse processo de ensino-aprendizagem.

Comprovou-se que a narração de histórias orais, de fato, é uma arte que pode ser aliada à ciência e ser utilizada na promoção de leitores, conforme apontam os resultados obtidos nos questionários e que se confirmaram nas reuniões dialógicas. Corroboram tais idéias Girardello e Geoff, para os quais “as histórias não apenas ajudam a gerar aquele senso

de comunidade colaborativa que é crucial a toda sala de aula, como também abrem um leque de formas valiosas de ensinar”. (2004, p. 125).

Verificou-se, também, que as narrativas de histórias orais permitem a socialização de saberes, de interesses, de gostos, de idéias e de pensamentos semelhantes ou diferentes do ser humano e são um meio de levar alunos até as bibliotecas, livrarias e sebos, ajudando-os também a se tornarem leitores. Em virtude disso, corroboramos com o pensamento de Busatto (2005, p. 45), que acredita que se conta histórias para formar leitores, para fazer a diversidade cultural um fato, para valorizar as etnias, para sentir se vivo e manter presente a História, para sensibilizar e encantar o ouvinte, para instigar o imaginário e a sensibilidade, ser fonte de alimento ao espírito, resgatando significados para nossa vivência e reativar o que é sagrado.

Finalmente, o trabalho não almejou resolver os problemas que abrangem a educação; somente discutiu se a narração de histórias pode ser mais um instrumento para a escola proporcionar o ensino e a aprendizagem e socializar saberes, bem como interagir com os alunos das mais diversas faixas etárias e níveis de ensino, auxiliando os docentes na sua prática pedagógica. O estudo mostrou, sim, que o momento presente exige que se discuta e se repense o ensino e a aprendizagem, o que é importante para a sociedade e para a educação, tendo em vista a formação do professor que trabalha com alunos do ensino fundamental e ensino médio.

Assim, a narração de histórias é uma atividade que se faz necessária no dia-a-dia da comunidade escolar, como revelaram os questionários e as reuniões dialógicas desenvolvidos com alunos, professores e a gestora da Escola de Educação Básica Arabutã, para que a musicalidade, o prazer, o encanto, o maravilhoso, a sensação de viagem pelo imaginário, os sonhos, as imagens, os desejos do ser humano permaneçam, e a socialização de saberes, os interesses, o pensamento possam promover leitores que serão agentes da comunidade em que vivem.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2004.
- ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos*. São Paulo, Verus Editora, 2005.
- ARIÈS, Philippe. Trad. de Dora Flaksman. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LCT, 1981.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.
- BECHER, Paulo & BARBOSA, Márcia Helena S. (org.). *Questões de literatura*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.
- BELLO, Sérgio Carneiro. Por que devemos contar histórias na escola? In: GIRARDELLO, Gilka (org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SC, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- BETENCOURT, Maria Fátima Ávila. *A leitura na vida do professor*. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.
- BETTELHEIM, Bruno. Trad. de Arlene Caetano. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- BLEICHER, José. *Hermenêutica contemporânea*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.
- BURLAMAQUE, Fabiane V. A mediação docente na formação do leitor. In: RÖSING, Tania M. K. *Práticas leitoras para uma cibercivilização*. Volume V. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

- BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar*. São Paulo: Vozes, 2003.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. São Paulo: Scipione, 2001.
- CALVINO, Ítalo. *Fábulas italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através dos tempos*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Paulus, 2004.
- COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil, teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. *O conto de fadas*. São Paulo: DCL, 2003.
- COLOMER, Teresa. Trad. de Laura Sandroni. *A formação do leitor*. São Paulo: Global, 2003.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil, teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1998.
- DINORAH, Maria. *O livro infantil e a formação do leitor*. São Paulo: Vozes, 1995.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. Trad. de Sérgio Tellaroli. *O diabo dos números*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ECO, Humberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1997.
- FILHO, Francisco Carlos dos Santos & ARRUDA, Rosistela C. de (org.). *Um enlace entre a psicanálise e literatura infantil*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.
- FOX, Geoff & GIRARDELLO, Gilka. A narração de histórias na sala de aula. In: GIRARDELLO, Gilka (org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SC, 2004.
- FRANZ, Marie-Louise von. *A sombra e o mal nos contos de fadas*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 29 Ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1984.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Algumas reflexões em torno da utopia. In: ARAÚJO, Ana Maria. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

FRÓES, Teresinha. Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: LUBISCO, Nídia M. L. et al. *Informação e informática*. Salvador: Edufba, 2000.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Curitiba: Positivo, 2005. Série Práticas Educativas.

GALLO, Sílvio. O corpo que fala dentro e fora da escola. In: ALVES, Nilva & GARCIA, Regina Leite (org.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GIRARDELLO, Gilka (org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.

HAVELOCK, Eric A. Trad. de Ordep José Serra. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo, UNESP, 2002.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos; 23.

KUENZER, A. Z. (org.). *Ensino médio – construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LELIS, Isabel Alice. Do ensino de conteúdos aos saberes do professor: mudança de idioma pedagógico? In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Rumo a uma nova didática*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. São . Atlas, 1996.

MACHADO, Regina. *Acordais*. São Paulo: DCL, 2004.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NÓVOA, António. *As organizações escolares em análise*. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992. Temas de educação-2.

ONG, Walter. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. *Oralidade e cultura escrita*. São Paulo: Papirus, 1998.

ORTIZ, Estrella. Ler, interpretar, recitar... In: GIRARDELLO, Gilka (org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: ME/SEF, 1997.

Proposta Curricular de Santa Catarina: estudos temáticos. Florianópolis: IOESC, 2005.

PROPP, Vladimir. *Las raices historicas del cuento*. Madri: Fundamentos, 1974.

RESENDE, Vânia Maria. *Literatura infantil & juvenil. Vivências e expressão criadora*. São Paulo: Scipione, 2003.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RETTENMAIER, Miguel & RÖSING, Tânia (Org). *Questões de Leitura*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

REYZÁBAL, Maria Victoria. Trad. de Waldo Mermeltein. *A comunicação oral e sua didática*. Bauru: EDUSC, 1999.

RUZ, Juan. Formação de professores diante de uma atitude formadora e de eixos articuladores do currículo. In: SERBINO, Raquel Volpato et al (org.). *Formação de professores*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SAVIANI, Demerval; BICUDO; Maria Aparecida Viggiani; JUNIOR; Celestino Alves da Silva (org.). *Formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1996.

SHEDLOCK, Marie. Da introdução de arte do contador de histórias. In: GIRARDELLO, Gilka (org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

SILVA, Ana Araújo. *Literatura para bebês*. Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed, abril 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva. *Elementos de pedagogia da leitura*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Marcos. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: ARGOS, 2001.

SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELLO, Gilka (org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

SOUZA, Renata Junqueira de Souza (org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. São Paulo: Conquista, 1961.

_____. *O homem que calculava*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

VALENTE, José Armando. *O computador na sociedade do conhecimento*. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

VIGOSTKI, Lev Semonovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WESCHENFELDER, Eládio. Contar histórias: vozes contagiantes da narrativa presencial. In: RETTENMAIER, Miguel & RÖSING, Tânia. *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura na escola*. São Paulo: Global, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1 – Fotos dos encontros com GA.





























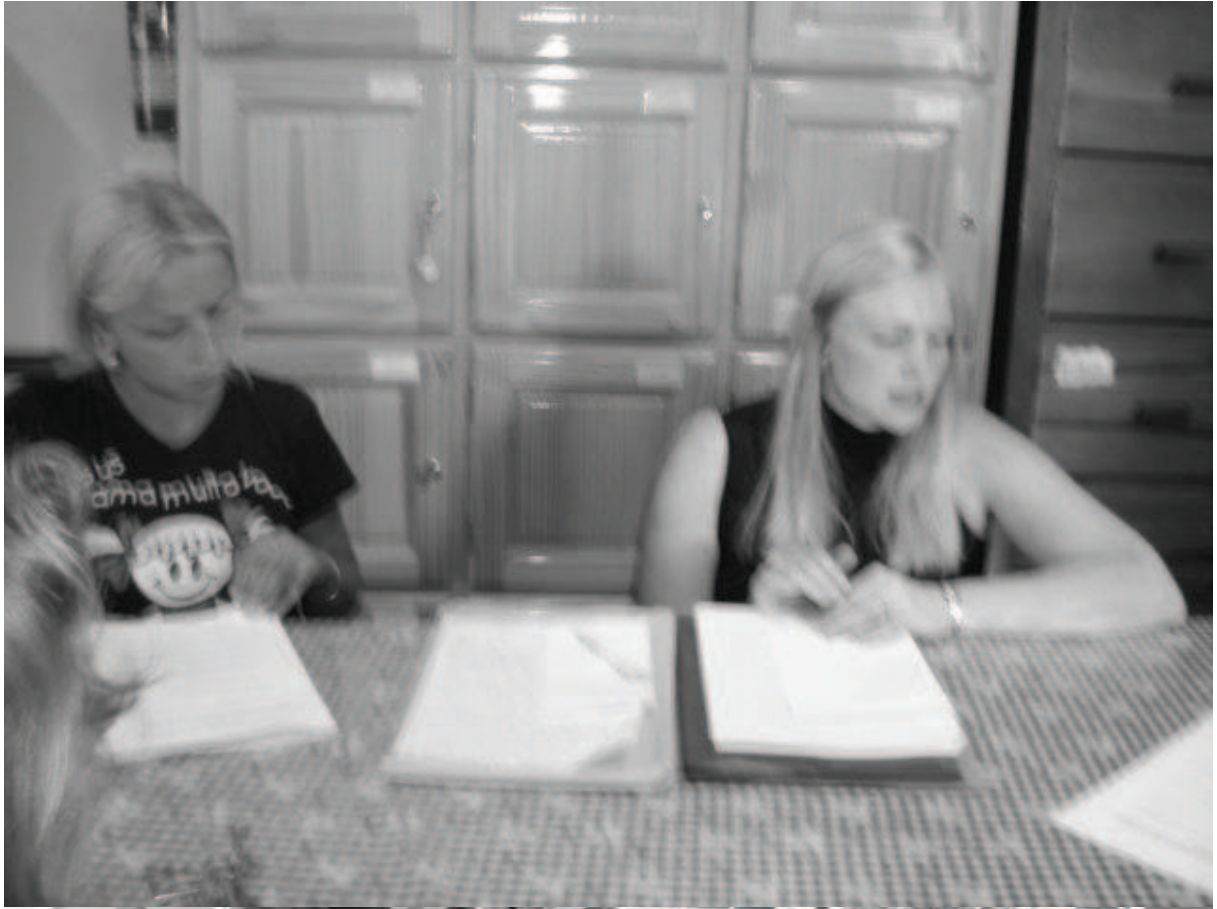




ANEXO 2 – Fotos dos encontros com GE.















ANEXO 3 – Fotos dos encontros com GE e GES.







ANEXO 4 – Roteiro de questionário apresentado aos alunos da 8ª série do ensino fundamental da Escola de Educação Básica Arabutã

- 1) Onde vivias na tua infância? Existia em tua casa um ambiente propício à contação de histórias antes mesmo de frequentares a escola? Quem contava as histórias?
- 2) Na tua casa havia material escrito à disposição, como livros, jornais, revistas etc.?
- 3) Com que idade aconteceu o primeiro contato com a contação de histórias?
- 4) Lembra quais histórias eram contadas? Como eram contadas?
- 5) Descreva a escola em que estudavas quando era criança? Os professores te contavam histórias? Como eram as histórias? Eram contadas? Eram lidas? Que história ouvia?
- 6) Qual foi a história que te contaram que mais gostaste de ouvir? Sabes se esta história está escrita em algum livro? Caso saibas, qual é o nome do livro e seu autor?
- 7) Hoje, na tua escola, tens professores que te contam histórias?
- 8) A contação de histórias estimula teu interesse para a leitura?
- 9) Tu contas histórias? Vê a contação de histórias no ensino fundamental e no ensino médio como uma possibilidade do aluno desenvolver seu potencial? Vê resultados positivos ou negativos quando os professores contam histórias durante as aulas?
- 10) Acreditas que a contação de histórias pode auxiliar no teu ensino e na tua aprendizagem? Ela pode fazer com que leias? Por quê?
- 11) Gostarias de escrever algo sobre a contação de histórias?

ANEXO 5 - Respostas dos alunos da 8ª série do ensino fundamental da Escola de Educação Básica Arabutã ao questionário

Aluno 1

1. Morava em Arabutã (centro). Sim. Contavam muitas histórias, às vezes os professores do pré, meus pais, padrinhos etc.
2. Sim.
3. Um ano de idade pelos meus pais.
4. Histórias infantis como: bruxa, coelho, lobo mau etc. Em forma de conto.
5. Era uma escola com tudo, livros, brinquedos, meus colegas, um pátio bem grande, era legal. Lidas e contadas. *Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, Pinóchio, A Bela e a Fera* etc.
6. *Chapeuzinho Vermelho*. Histórias infantis, porque despertavam em mim o interesse e as descobertas.
7. Sim, sobre os assuntos específicos.
8. Sim, pegava livros e tentava ler (inventava).
9. Sim, porque gosto de dramatização e teatro. Sim.
10. Sim, pois me envolve numa viagem de imaginação e conhecimentos. Sim, pois me dão oportunidade de aprofundar meus conhecimentos.
11. Gosto quando os professores diversificam as aulas com a contação de histórias, pois desperta para o conhecimento.

Aluno 2

1. Eu morava em Chapecó. Sim. Minha mãe e minha irmã mais velha.
2. Sim.
3. Três anos.
4. *O Rei Leão*.
5. Era uma escola grande, mas sempre havia briga nas aulas e no recreio. Eram ótimas e a maioria das vezes contadas. Mitos e lendas.
6. *O Rei Leão*.
7. Sim.
8. Sim.
9. Não conto, prefiro escutá-las. Sim.
10. Sim, porque vai ser mais alguma coisa que eu vou colocar na minha vida. Vou ler cada vez mais.
11. Não.

Aluno 3

1. Nasci e até hoje moro no município de Arabutã. Lembro-me de quando ia na creche e brincava com meus colegas de “o lobo está no campo” etc. Quando minha mãe era a minha professora. Sim. Minha mãe, que era a minha professora, meu pai e meus avós.
2. Sim, muitos.
3. Desde pequena.
4. Histórias de livros e de vida. Oralmente, lidas, com acessórios.
5. A escola em que eu estudava tinha bastante jogos, livros diversos, atividades de recreio etc. Eram histórias com bichinhos, contos... Representadas, contadas. Fábulas, contos da Bíblia, histórias de vida etc.
6. *O Gatinho doente*. Do *Bambi*, sim, Editora Maltese.
7. Sim.

8. Sim.
9. Sim. Sim, sou contadora de histórias por ter ouvido histórias contadas pela minha mãe e pelos professores da escola de educação infantil. Sim, vejo resultados positivos.
10. Sim, porque tendo a contação acontece a leitura, porque lendo aprendemos novas palavras e vamos nos aprimorando.
11. Sim.

Aluno 4

1. As lembranças são muitas, de quando eu me divertia com meus irmãos e amigos. Eu vivia no mesmo lugar que moro atualmente. Sim. Contavam-me histórias antes de dormir. Geralmente minha mãe e minha irmã as contavam.
2. Jornais e livros sempre tinham e eu sempre gostava de ler.
3. A idade não me lembro exatamente, mas eu sei que foi antes de eu começar a ir na escola.
4. *Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Os Três Porquinhos, A Bela e a Fera.* Eram contadas como minha mãe e irmã sabiam.
5. É a mesma escola onde as crianças estudam atualmente. A escola é bonita, bem legal. As histórias eram contadas e lidas. Costuma ouvir histórias infantis.
6. -
7. Alguns sim.
8. Sim.
9. Conto, fui influenciada pois tenho dois sobrinhos pequenos em casa.
10. Sim, porque com as histórias nós temos a chance de aprender mais.
11. Não.

Aluno 5

1. Morei em Lindóia de um a três anos e depois fui morar em Concórdia. Sim. Desde que eu me lembro sim, minhas irmãs me contavam.
2. Sim, livros de história e outros.
3. Com uns dois ou três anos.
4. *Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos,* eram contadas na hora de dormir. *Histórias da Bruxa Onilda, O Rei da Banheira.*
5. Eu gostava, era muito bonita e lá aprendi muitas coisas. Depende, tinha vários tipos, eram contadas e também lidas. Ouvia histórias como *Branca de Neve.*
6. Todas que eu ouvi eram interessantes. Sim, estão escritas em um livro, mas não me recordo o nome.
7. Alguns contam. Acho que por ter crescido poderiam ainda contar.
8. Sim.
9. Conto, minhas foram as minhas irmãs. Sim.
10. Sim, pois cada vez mais ficamos mais informados. Sim.
11. Não.

Aluno 6

1. Quando eu ia no pré-escolar, a gente tinha um dia por semana ou por bimestre, para se deitar, ouvir uma história e dormir, no início, eu não gostava muito, mas mais tarde achava muito legal. Nessa época eu vivia em Linha Jundiáí – Arabutã, onde continuo vivendo. Sim. A professora do pré-escolar.
2. Não.
3. Com cinco anos.
4. Contos de fadas. A gente tinha que se deitar, ouvir e dormir.
5. Era boa, mas hoje ela está bem melhor. As histórias eram bonitas e legais. Não eram

contadas. Eram lidas. *Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, O Três Porquinhos, Pinóquio, A Bela Adormecida* e outros contos de fadas.

6. Sim, o nome do livro é: *O Pequeno Príncipe* e o autor não me lembro.

7. Às vezes.

8. Sim.

9. Sim, conto mais histórias pessoais. A escola deveria valorizar mais a leitura. Quando os professores contam histórias os resultados são positivos.

10. Sim. Porque se a história que foi contada foi legal e eu achar que vale a pena eu retirar este livro para eu ler esta história, eu irei me interessar pela leitura cada vez mais.

11. Eu gostaria que, uma vez por semana, uma professora contasse uma história bem engraçada, ou uma história de terror, ou uma história de adrenalina ou também pode ser uma história que tem a ver com a matéria que talvez seja difícil. Porque eu acho isso muito interessante.

Aluno 7

1. Primeiro em Concórdia e depois em Arabutã, Linha Paraíso, com meus avós, minha mãe e não tinha condições. Eu comecei a ir na aula na 1ª série e daí que comecei a entender melhor histórias. Quem contava as histórias era a mãe, a avó e a bisavó.

2. À disposição não, mas tinha alguma coisa para usar.

3. Com cinco ou seis anos.

4. *Chapeuzinho Vermelho, Saci Pererê, Os Três Porquinhos* e histórias dos avós, da época deles.

5. Eu estudava no Bairro Nicolau Petry e a escola tava sendo reformada para os alunos. As histórias eram contadas algumas lidas. Ouvia histórias legais do tempo da minha mãe.

6. Eu gostava de todas, mas as histórias que eu gostava era do tempo da minha avó.

7. Sim.

8. Sim.

9. Não, só ouço histórias. Sim, vejo.

10. Sim, eu acho que pode, porque ler você aprende bastante, se a gente não ler como a gente vai descobrir o que está escrito nos jornais e revistas etc.

11. Comentar as histórias é muito legal.

Aluno 8

1. Numa casa de madeira, sem luz, no meio do mato. São lembranças boas. Também existia ambiente propício à contação de histórias. Quem contava era Alice, a minha tia.

2. Sim.

3. Não lembro.

4. Não.

5. Bonita, cheia de figuras ilustradas, com muitos brinquedos. Eram contadas e lidas. As histórias que ouvia eram infantis.

6. De animais, sobre o matemático que inventou o computador. Não sei o nome do livro e do autor.

7. Sim.

8. Sim.

9. Não. A contação de histórias pode ser uma possibilidade de desenvolver mais o gosto pela leitura.

10. Sim.

11. Não.

Aluno 9

1. Em Linha Canoas. Sim, existia um ambiente propício à contação de histórias. Quem contava eram os avós, pais e professores.
2. Sim.
3. Três anos.
4. *Histórias de família, Três Porquinhos*, entre outros. Oralmente.
5. Legal. As histórias eram legais, às vezes eram contadas. Ouvia aventura.
6. Histórias de amigos, livros, entre outros. Histórias de Monteiro Lobato.
7. Alguns.
8. Sim.
9. Às vezes.
10. Sim. Leva a ler um bom livro.
11. -

Aluno 10

1. Na casa da minha vó, boneca Barbie. Sim, existia. Quem contava eram os pais e os avós.
2. Sim, muitos, inclusive gibis.
3. Com três anos.
4. Histórias infantis, história da vida dos meus pais etc, através de livros e fala.
5. Repartição de uma casa alugada antes de ser construído a Cinderela (escola). Ouvia histórias infantis.
6. A história de uma menina que perdeu a mãe cedo e teve que aturar uma madrasta – *Cinderela. Branca de Neve*.
7. Sim.
8. Sim.
9. Sim. Vejo resultados positivos.
10. Sim, porque através de histórias que vem o meu aprendizado.
11. -

Aluno 11

1. Eu gostava de brincar de casinha. Em Linha Aurora, Arabutã. Algumas, nem todas, pois depois que comecei a estudar me interessei mais pelas histórias. Minha irmã.
2. Sim, principalmente livros.
3. Quando comecei a estudar. Também em casa.
4. Eram várias, *Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho*, entre outras. Pela narrativa, encenação.
5. Era um lugar alegre, criativo. Cheia de companheiros (professores, amigos). As histórias eram contadas, lidas, encenadas. Ouvia *Chapeuzinho Vermelho, Saci- Pererê...*
6. Eu gostava de ouvir histórias encenadas (*João e Maria, Cachinhos de Ouro*), *Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e os Sete Anões. A Fantástica Fábrica de Chocolates*, ela está escrita num livro, mas eu não sei quem é o autor.
7. Sim.
8. Sim, principalmente livros.
9. Às vezes eu conto, acho que na infância tive um pouco. Gosto de inventá-las. Os resultados são positivos, pois com cada história se aprende alguma coisa.
10. Sim, porque aprendemos novas palavras, como escrevemos.
11. Agora estudamos mais romances (livros longos), crônicas e contos.

Aluno 12

1. Era ativa, colega, brincalhona, estudiosa, interessada. Eu vivia em Concórdia, no Bairro

Primavera. Para mim foram contadas histórias depois que me alfabetizei. Minha irmã mais velha e minha professora.

2. Sim, era diversificado.

3. Com sete anos.

4. Histórias de contos de fadas, fábulas e que traziam uma moral. Com livros.

5. Não era muito grande, ia até a 4ª série, mas muito bem equipada, com ótimos funcionários. Eram interessantes as histórias. Eram contadas e lidas. Ouvia *Maria-vai-com-as-outras* e *Chapeuzinho Vermelho*.

6. *Maria-vai-com-as-outras*. Não lembro.

7. De vez em quando.

8. Sim, e muito.

9. Sim, minha própria história. Sim, positivos.

10. Sim, e muito, porque nos ensina mais. A contação de história faz com que eu leia cada vez mais.

11. -

Aluno 13

1. Vivía em Laranjeiras do Sul, Paraná, não me lembro de nada importante. Sim, antes de ser alfabetizado, mas depois também. Meu vô me contou muitas histórias legais com lições de moral.

2. Não, pois ninguém tinha o hábito da leitura.

3. Desde os 3 anos de idade.

4. Contos populares e passagens bíblicas eram contadas com muita calma.

5. Pequena, mas muito bonita. Era em Itá, Santa Catarina. Minha professora se chamava Elisabete. As histórias eram bastante legais, pois me interessava muito em escutar a leitura. Ouvia *Reis Magos*.

6. A história *Joãozinho e as bananas*.

7. Sim.

8. Mesmo gostando de histórias, eu não tenho muito interesse pela leitura.

9. Poucas. Vejo que a contação de histórias é positiva.

10. -

11. -

Aluno 14

1. Eu me lembro de vários lugares, cidades, pois meus pais viajavam muito. Já contavam histórias antes de ser alfabetizado. Elas eram contadas pela minha mãe e minha vó.

2. Sim, havia muitos livros na casa dos meus avós.

3. Com seis anos.

4. Não.

5. As histórias eram lidas e contadas na escola.

6. Não lembro. Mas tenho um livro *O Homem da Máscara de Ferro* que gosto.

7. Sim, alguns.

8. Sim e quem me estimulou foram meus pais e meus professores.

9. Não. Vejo resultados positivos nos trabalhos.

10. Sim, porque lendo eu posso aprender fatos da atualidade ou que acontecem há muito tempo. Sim, e, através da contação de histórias, os professores estimulam a todos a ler textos informativos.

11. Não.

ANEXO 6 - Roteiro de questionário apresentado aos alunos da 3ª série do ensino médio da Escola de Educação Básica Arabutã

- 1) Onde vivias na tua infância? Existia em tua casa um ambiente propício à contação de histórias antes mesmo de frequentares a escola? Quem contava as histórias?
- 2) Na tua casa havia material escrito à disposição, como livros, jornais e revistas etc.?
- 3) Com que idade aconteceu o primeiro contato com a contação de histórias?
- 4) Lembra quais histórias eram contadas? Como eram contadas?
- 5) Descreva a escola em que estudavas quando era criança? Os professores te contavam histórias? Como eram as histórias? Eram contadas? Eram lidas? Que história ouvia?
- 6) Qual foi a história que te contaram que mais gostaste de ouvir? Sabes se esta história está escrita em algum livro? Caso saibas, qual é o nome do livro e seu autor?
- 7) Hoje, na tua escola, tens professores que te contam histórias?
- 8) A contação de histórias estimula teu interesse para a leitura?
- 9) Tu contas histórias? Vê a contação de histórias no Ensino Fundamental e no Ensino Médio como uma possibilidade do aluno desenvolver seu potencial? Vê resultados positivos ou negativos quando os professores contam histórias durante as aulas?
- 10) Acreditas que a contação de histórias pode auxiliar no teu ensino e na tua aprendizagem? Ela pode fazer com que leias? Por quê?
- 11) Gostarias de escrever algo sobre a contação de histórias?

ANEXO 7 - Respostas dos alunos da 3ª série do ensino médio da Escola de Educação Básica Arabutã ao questionário

Aluno 1

1. Eu passava os dias com minha avó paterna ou materna quando meus pais trabalhavam. Eu brincava muito com minha irmã e com meus tios mais novos. Eu morava em Mariano Moro, Rio Grande do Sul. Antes de ser alfabetizado já me contavam histórias, assim que aprendi a ler não queria mais que me contassem histórias, pois eu queria lê-las.
2. Não lembro direito, mas acho que foi a partir de oito anos que tive meus próprios livros.
3. Assim que comecei a entender o que as pessoas me diziam, com aproximadamente dois anos.
4. *Bicho Papão, Bicho Folha*, histórias relacionadas a Papai Noel, entre outras. Essas histórias eram contadas nas horas em que meus pais não trabalhavam.
5. Era a Escola Básica Marcolino Pedroso. Na pré-escola fiquei dois meses. Era uma escola rudimentar, mas onde se aprendia mesmo. As histórias eram contadas e lidas e não havia muita diversidade. Ouvia histórias que envolviam bruxas, princesas, príncipes, como *Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau* etc.
6. Aquelas em que os “mocinhos” saíam-se bem no final, *Os Três Porquinhos* e *Lobo Mau, Romeu e Julieta* de Shakespeare, isto é um livro.
7. Tem, eles contam ainda hoje, exemplificando o conteúdo didático.
8. Não sempre. Em alguns casos os professores contavam o início de uma história e pediam para lermos o final se nos havia chamado a atenção.
9. Conto para meu irmão e outras pessoas que tenho afinidade. Sim, percebo que é mais fácil entender o conteúdo.
10. Talvez, quando há participação da grande maioria teria resultados positivos. Sim.
11. Não.

Aluno 2

1. Vivía no interior com meus pais, na comunidade de Costa e Silva, costuma brincar muito com minha sobrinha e vizinha Laís, andávamos muito de bicicleta, jogávamos futebol no campo que ficava ao lado e, como boas meninas, o que não faltavam eram bonecas e panelinhas para brincar de casinha. Algumas, muito poucas, a maioria foi contada após a alfabetização. Poucas histórias eram contadas a mim, geralmente quem as contava era meu pai e, de vez em quando, minha mãe ou irmã.
2. Quase nada, apenas algumas revistas de roupas e alguns livros de séries iniciais.
3. Da idade não me recordo, mas sei que foi na 2ª série, após a minha alfabetização.
4. Poucas histórias eram contadas na escola, na maioria das vezes, os professores nos faziam ler livros, para que a alfabetização fosse melhor.
5. Era bem simples e todos os alunos estudavam em uma única sala, era divertido, descontraído e aprendíamos mais. Sabe a curiosidade de saber o que você ainda não tem idade para saber? Poucas eram contadas, a maioria delas eram lidas. Ouvia a *Cabra Briguenta, Sete Anões, Os Três Porquinhos, O Patinho Feio, Cinderela, A Bela e a Fera, A Bela Adormecida, Joelho Juvenal* etc.
6. Histórias que aconteciam de verdade, no cotidiano das pessoas; ainda hoje adoro ouvir as histórias que meus pais contam. A história de meu pai. É uma lástima que ela não esteja escrita em nenhum livro.
7. Um ou dois, no máximo.
8. Sim, sem dúvida nenhuma, até o dia em que essa prática foi feita, quem me estimulou foi minha professora Anelise.
9. Conto para divertir a mim e aos outros. Acho que se os professores contassem histórias

sobre os conteúdos aproveitaríamos mais.

10. Sim, é muito interessante, aprendemos muito mais ouvindo do que apenas lendo histórias.

11. Deveria ser mais praticada pelos professores.

Aluno 3

1. Lembro das brincadeiras que eu e meu irmão fazíamos, lembro-me do primeiro dia de aula. Nesta época eu vivia em Linha Pelotas. Sim, mas eram poucas as histórias que contavam para mim. Quando criança, contavam-me histórias. Normalmente quem as contava era meu pai.

2. Havia, esse foi o passo inicial para que eu pudesse ter contato com a leitura.

3. Aconteceu aproximadamente aos cinco anos de idade.

4. Normalmente muito antigas, como, por exemplo: *Chapeuzinho Vermelho, João e Maria*, eram contadas de diversas formas (várias versões).

5. Era uma escola no interior, onde uma só professora dava aula para quatro turmas, apesar disso, acredito eu, que aprendi algo. As histórias eram normalmente histórias clássicas, que marcaram tempos. Essas histórias eram normalmente lidas. Costumava ouvir histórias como *Pinóquio, Branca de Neve, Os Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho*, entre outros.

6. Uma história que eu gostei muito de escutar é a *Ilha Perdida*. Havia várias histórias dentro de um livro das quais eu gostava de ler. O nome do livro era *Lendas e Mitos do Brasil*.

7. Há poucos que contam. As histórias procuram trazer a disciplina para mais perto, pois elas ajudam a compreender o mundo.

8. Sim, estimulou meu interesse pela leitura, quem me estimulou a ler foram meus pais, pois eu percebia muitas coisas interessantes nas histórias.

9. Procuo contar histórias, a televisão me influencia a contar os fatos que eu vejo. Eu conto histórias, eu procuro relatar os mesmos fatos que me foram contados. Os resultados normalmente são positivos.

10. Acredito que sim, pois assim podemos ter um fundamento para compreender melhor os fatos. Eu acredito que a contação de histórias desperte os alunos para leitura.

11. Acredito que a contação de histórias deve ser mais incentivada, pois para mim ela representa um fundamento a mais para a compreensão da realidade.

Aluno 4

1. Sempre vivi no interior com meus pais e meus irmãos. Quando pequena sempre convivi mais com meus irmãos, mas depois eles foram para outros lugares estudar. Fui a mais mimada da família. Sim, e mesmo depois de já ler, minha mãe ainda me contava histórias, pois aquelas que eu mais gostava estavam escritas em jornais antigos e todas em alemão. A mim sempre contaram bastantes histórias, principalmente, minha mãe. Quando tinha uns quatro a cinco anos, minha irmã, que fazia magistério, sempre trazia vários livros para mim.

2. Havia jornais que eram ainda do tempo em que minha mãe era criança, livrinhos.

3. Não me recordo muito bem, mas deve ter sido quando eu comecei a falar e me interessar em olhar as figuras dos livros.

4. Eram contadas as famosas fábulas infantis e outras histórias que minha mãe lia (às vezes em alemão) em jornais mais antigos e depois me contava, às vezes na roça enquanto ela carpia.

5. Era no interior de Seara, uma escola muito pequena, tinha apenas duas salas de aula e livros não havia tantos e tão diversificados como hoje. Na maioria das vezes eram lidas, mas não muito freqüentemente. Ouvia *Cinderela, Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, A Bruxa Onilda*.

6. Quando era pequena as histórias que mais gostava de ouvir eram as de príncipes e princesas, fadas. Eu já gostei muito de histórias, não tenho preferidas.

7. Tem alguns que contam sobre sua vida pessoal.
8. Com certeza, quando a gente ouve uma história que gostamos, ela nos dá o interesse de buscar outras histórias em outros livros.
9. Não conto muito, conto coisas que acontecem comigo. Às vezes algumas experiências vividas e contadas servem de exemplo.
10. Acredito que sim, pois ela incentiva a leitura.
11. Também é importante no ensino médio, assim como é nas outras séries da escola. Mas têm aqueles que não se interessam em ouvir histórias e outros que não acham importante os alunos do ensino médio ouvirem histórias.

Aluno 5

1. Eu sempre vivi aqui, afastada de grandes centros, levei uma vida envolvida com a natureza. Brinquei de ser professora para árvores e objetos, contando histórias que sabia. Algumas histórias foram contadas antes da alfabetização. A maioria foi quando estava sendo alfabetizada. As professoras liam historinhas no prezinho para a gente era um momento muito bom.
2. Não.
3. Eu lembro que foi com quatro ou cinco anos. Minha irmã contou-me pela primeira vez a história d'*Os Três Porquinhos*.
4. *Cinderela, Os Três Porquinhos, Os Sete Anões*, histórias sobre bruxas, sobre animais numa floresta.
5. Era muito precária, tinha apenas alguns jogos e alguns livrinhos. A maioria das histórias eram lidas. Ouvia histórias sobre princesas, animais que tinham poderes, as histórias envolviam muita magia, às vezes, o que fazia com que a gente sonhasse.
6. Gostava de muitas e ainda gosto. As que mais me chamam a atenção são as que meus pais relatam sobre a vida de meus avós, as dificuldades. Eu gostava da história de *Pinóquio* e *A Bela Adormecida*.
7. Não muitos, têm aqueles que contam sobre a sua vida.
8. Sim, me estimulou. Criei curiosidade e é ainda assim hoje.
9. Eu conto quando me pedem. Alguns professores contam e sempre vejo resultados positivos.
10. Sim, porque, às vezes, o que parece muito difícil, se torna mais fácil. Dependendo do conteúdo ajuda muito. Acho que os professores deveriam contar de como era há anos atrás, para divertir, às vezes, até, auxiliar na aprendizagem de conteúdos.
11. É uma boa idéia, mas penso que poucos iriam contar, acham que isso é coisa de criança. Eu penso que se fossem histórias relacionadas ao conteúdo, muitos se dedicariam mais aos estudos.

Aluno 6

1. Desde que nasci, sempre habitei a mesma casa. Adorava andar de bicicleta e fazer travessuras. Sim, antes de ser alfabetizado. Minha avó contava histórias de como foi difícil nos primeiros momentos da chegada à nossa região.
2. Havia alguns recortes.
3. O primeiro contato ocorreu por volta dos cinco anos de idade.
4. Minha avó e minha mãe contavam histórias, diziam também que o nosso vizinho recolhia as crianças dentro de um saco e levava junto.
5. A nossa escola era pequena, continha apenas três salas. Os professores eram legais conosco. Eu tinha muitos amigos. A professora contava histórias, mas também fazia uso do livrinho de leitura. Ouvia *Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau, Saci Pererê*.
6. Sobre o povoamento dos primeiros moradores daqui da região, *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco.

7. Querendo ou não, todos acabam contando alguma história.
8. Não, a vida.
9. Acho que todos contam histórias. São prerrogativas do ser humano. Acho fundamental a contação de histórias.
10. Sim, o aluno pode se envolver mais.
11. Eu não conheci o livro na minha infância. Todos têm o seu talento, falta uma pequena ajuda para que eles mostrem que são capazes de mover montanhas. A força da inveja é a velocidade do meu sucesso. Acho muito importante essa frase.

Aluno 7

1. Até hoje vivo no mesmo local. Tenho poucas lembranças, mas brinquei com minhas vizinhas. Antes da alfabetização já ouvia histórias da vida real, a maioria. Os clássicos (*Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho*) escutei na escola pela primeira vez. Os pais e amigos mais velhos contavam-me histórias.
2. Sim.
3. Não sei a idade, mas bem cedo.
4. Pelos meus avós (histórias marcantes) do passado, de como chegaram aqui e como a vida foi difícil. Quanta aventura!
5. Em Nova Estrela, numa casa de madeira, com dois pisos (a primeira).
6. Do meu avô que veio da Romênia para o Brasil, em plena 2ª Guerra Mundial e como começou a vida, mortes que ocorreram. Sim, naquele livro que a Almita Driemeier escreveu sobre Arabutã. O nome não sei.
7. Sim, sobre o conteúdo.
8. Sim.
9. O gosto pela leitura faz com que eu tente mostrar aos outros um mundo diferente, visto de outro ângulo. Sim, em uma conversa com amigos, por exemplo, passando o exemplo, o que aprendi em tal situação e o que mudaria.
10. Sim. Talvez para algumas pessoas, se até agora não gostam, acho pouco provável que comecem a gostar.
11. -

Aluno 8

1. Não lembro muitas coisas sobre minha infância. Só lembro das casas onde já vivi em Arabutã, das pessoas que me cuidavam quando criança e dos meus primeiros colegas, uns que estão estudando comigo até hoje. A contação aconteceu antes e depois da alfabetização. Meus pais, meus avós, minha professora contavam as histórias. Lembro de uma vez que estive internada e o médico contou várias histórias para mim.
2. Havia poucos materiais, mas, quando se quer, o pouco é o suficiente.
3. A partir dos cinco anos, mas eu acho que ouvimos histórias desde que nascemos, as histórias fazem parte da nossa vida.
4. Várias histórias, histórias infantis, histórias reais. Eram lidas ou relatadas.
5. A primeira escola onde estudei era, na verdade, uma casa onde hoje é um mercado. Era muito legal, nós brincávamos muito e ouvíamos algumas histórias. Foi onde conquistei os meus primeiros amigos. As histórias eram diversificadas. Ouvia histórias infantis e histórias verdadeiras.
6. A história da minha família, dos meus pais, das dificuldades, dos sofrimentos passados.
7. Sim.
8. Com certeza todas as pessoas que me contavam histórias estimularam-me a ler.
9. Gosto de contar histórias reais, histórias que eu vivenciei.

10. Sim. Gostaria de ler mais, mas os poucos livros que tenho já li todos. A biblioteca da nossa escola é bem antiga, precisaria de muitos livros novos. Dessa forma acabo lendo muito pouco.

11. -

Aluno 9

1. Eu lembro-me que quando era criança eu gostava muito de jogar bola, nós éramos uma turma muito divertida. Eu sempre morei no interior e nunca gostei da idéia de morar na cidade. Sim, já muito antes de ir para a escola, minhas irmãs estudavam, aí as histórias que elas liam, elas tinham que me contar.

2. Havia, eu olhava as figuras e me imaginava na história (antes de saber ler).

3. Eu não me lembro com que idade, mas sei que antes mesmo de ir para a escola meus pais já me contavam histórias e depois que comecei a estudar foram muitas as histórias que ouvi.

4. Quando comecei a estudar eram: *Os Três Porquinhos*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, essas histórias nesse estilo.

5. Era uma daquelas escolas isoladas que tinha no interior que só tinha de 1ª a 4ª série. Não tinha biblioteca. Na maioria das vezes eram lidas. Ouvia histórias sobre reis, rainhas, fadas, bruxas, princesas, príncipes etc.

6. Gosto de várias. Eu adoro *Peter Pan*.

7. Alguns.

8. Sim, com certeza, eu só ouvia histórias de vez em quando, então eu pensava se eu soubesse ler eu poderia ler histórias a qualquer hora, não dependeria dos outros para me contá-las.

9. Conto algumas histórias para a minha priminha. Eu acho o resultado positivo, pois com as histórias é mais fácil de guardar o conteúdo.

10. Com certeza. A contação de histórias, com certeza, é uma possibilidade de desenvolver o gosto pela leitura.

11. Eu acho que a contação de histórias seria uma ótima idéia, mas tenho certeza que muitos acham que isso seria coisa de criança.

Aluno 10

1. Lembro-me de minha irmã, que naquele tempo ainda morava conosco, eu tinha a obrigação de ajudar a varrer o pátio, mas não gostava. Morava no interior do município de Seara. Algumas antes e, ao entrar na escola, elas foram se tornando presentes no dia-a-dia. Contavam. Geralmente, no começo, era minha irmã, meus pais, mas pouco mais tarde foram sendo contadas na escola.

2. Pouco, mas trazia-se da escola.

3. Não saberia dizer ao certo, mas creio que tenha sido a partir do momento em que tive capacidade de prestar atenção nelas e entendê-las.

4. As mais populares, como *Os Três Porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho*, além de outros fatos que eram contados de forma simples e fácil de entender.

5. Escola de interior com duas salas, em cada sala estudavam duas turmas, havia a estante com os livros e o professor indicava quais deveriam ser lidos. A maioria lidas, já eram histórias envolvendo personagens do cotidiano como animais, por exemplo. Ouvia aventuras, fatos acontecidos ou vividos por alguém.

6. *A Bela Adormecida*, uma história que li há pouco tempo que fala da honestidade de um menino. Mas, não lembro o nome.

7. Alguns contam fatos históricos.

8. Muito. Se era bom ouvir histórias, seria muito melhor ainda descobri-las nos livros.

9. Conto os fatos que fazem parte do dia-a-dia. A vivência se recebe de qualquer contador.

Vejo melhoras contando histórias.

10. Sim, se a pessoa se interessa em ouvir histórias, também aprenderá com elas. Poderá incentivar a leitura.

11. Ela não é bem desenvolvida, ela deveria ser uma constante em cada professor, em cada matéria e não depender da vontade do professor.

Aluno 11

1. Vivía no interior trabalhando na agricultura somente com o pai e a mãe. A contação de histórias aconteceu mais tarde quando eu ia na 2ª série. Minha avó contava várias histórias.

2. Havia material, pouco material.

3. Quando tinha oito a nove anos.

4. As histórias que eram contadas eram relacionadas à juventude da avó nas escolas, nas festas etc., e que ainda lembro até hoje.

5. Era legal, pequena, e cada aluno fazia a faxina cada final de semana, as aulas eram diversificadas. As histórias eram mais lidas do que contadas.

6. Os gibis da Mônica.

7. Alguns professores contam, mas é difícil.

8. A contação de histórias estimulou para a leitura bastante. Os professores foram os estimulantes.

9. Conto algumas histórias.

10. Sim, porque sempre há alguma coisa que você estará aprendendo. A contação de histórias no ensino médio é, com certeza, uma possibilidade de desenvolver mais o gosto pela leitura.

11. Não contaram histórias na 2ª e na 3ª série do ensino médio.

Aluno 12

1. Sempre morei com meus pais e com minha avó onde moro até hoje. Umas antes e depois também ainda eram contadas histórias. Me contavam histórias, quem as contava era meu pai, minha mãe, meu professor de 1ª a 4ª série.

2. Havia jornais, revistas e gibis.

3. A partir dos cinco anos de idade meu pai, minha mãe começaram a me contar histórias.

4. Histórias para eu dormir e histórias de vida.

5. A escola era boa, porque aprendemos a ler, escrever. As histórias eram lidas e, de vez em quando, eram contadas. Ouvia *Branca de Neve* e *Os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*.

6. Histórias que deixam mensagens de vida, não lembro do nome.

7. Só mensagens ainda.

8. Não gosto de ler os livros de biblioteca, só leio a *Bíblia* e os livros que eu gostaria de ler não tenho dinheiro para comprá-los, como livros de livraria.

9. Não.

10. Sim, para mudar a rotina das aulas.

11. Não, porque já não são contadas histórias.

Aluno 13

1. Eu sempre vivi em Canhada Grande, as minhas principais lembranças são as coisas que conquistei durante a minha vida. Sempre gostavam de me contar histórias. As pessoas que me contavam eram meus avós.

2. Sim, mas muito pouco.

3. Isso aconteceu quando eu era bem pequeno, pois meu avô sempre gostou de contar as suas aventuras de infância.
4. As principais histórias que me contavam eram aquelas de quando eles vieram morar nesta cidade.
5. Quando eu estudei em Canhada Grande, as salas eram divididas em dois grupos (1ª e 3ª séries). As histórias eram lidas. Ouvia *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve* e muitas outras.
6. *Patinho Feio*.
7. Raramente, um ou outro.
8. Não, muito. O que eu sempre gostei de ler foi jornal e revista.
9. Não.
10. Sim, pois ela estimula a leitura e facilita o aprendizado.
11. A contação de histórias no ensino médio pode incentivar o aluno à leitura e facilitar o aprendizado.

Aluno 14

1. Viviam com meus pais, avós maternos e meu tio, que sempre brincava muito comigo, assim como o meu avô. Antes e depois, as que foram contadas antes quase não lembro. Geralmente eram contadas pelo meu tio, mas ele não sabia muitas.
2. Havia, que eu me lembro, um livro só, que minha mãe usava na escola.
3. Não sei ao certo, mas era quando era pequeno. Minha mãe achou um livro velho onde havia algumas.
4. As que eu lembro mais eram *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Saci Pererê*, isso já na escola.
5. Era uma escola no interior onde eu passei os dois primeiros anos, ia a pé, mas nos divertíamos muito. Minha professora lia e contava histórias para a turma, era sempre um momento de recreação e diversão, pois todo mundo gostava de ouvi-las. Ouvia histórias infantis.
6. *Chapeuzinho Vermelho*, só para ver o lobo mau se dar mal.
7. Tem alguns, contam fatos que acontecem na faculdade, com os amigos ou mesmo na vida pessoal, com marido e filhos.
8. Muito pouco, atualmente quase não leio nada, a não ser revistas e algum jornal.
9. Conto, mas pouco ou não me dou conta. Gosto de ouvir histórias dos outros.
10. Sim, desde que traga conteúdos. Se a história é boa, te chama atenção, você busca ir adiante, por sua própria iniciativa.
11. Seria interessante, mas não sei se muitos iriam se envolver, pois a maioria iria achar uma idiotice.

Aluno 15

1. Eu gostava muito de brincar e correr, sempre dava um jeitinho de sair e brincar com meus amigos. Eu ainda moro no mesmo lugar de sempre, no interior. Sim, algumas foram. Eram as professoras do primário. Meus pais não contavam muitas histórias.
2. Havia, mas não muito, no que eu mais me interessava era nos jornais.
3. Não me recordo exatamente com que idade ouvi a primeira história, mas eu acho que foi aos três anos.
4. As mais conhecidas, como *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *Cinderela*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, todas as histórias sempre tinham várias versões, sempre com um personagem bom e outro mau.

5. Estudava numa escola pequena, com poucos alunos, não havia recursos para a escola. As histórias eram contadas e lidas, às vezes algumas eram dramatizadas. Ouvia *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *Branca de Neve e os Sete Anões* e outras.
6. *A Bela Adormecida*.
7. Sim, alguns.
8. Eu sempre gostei de ler e ouvir histórias. Quem mais me estimulou a ler foram professores e amigos quando indicam um certo livro para ler, dizendo que é bom.
9. Sim, conto.
10. Pode ser que sim, porque nos incentiva a sermos bons contadores de histórias.
11. Não.

Aluno 16

1. Me lembro um pouco das lembranças, eu brincava muito, não precisava trabalhar nada, com o passar do tempo eu tinha que começar a trabalhar, eu vivia em casa, só saía para ir na escola. As histórias contadas para mim foram no mesmo tempo, ou seja, quando começaram a me contar histórias também comecei a ser alfabetizado. Contavam-me poucas histórias, quem me contava as histórias era meu pai e minha mãe, mas poucas histórias eu acreditava.
2. Havia material, mas não muito, eu me interessava mais, ia atrás de livros para aprender a ler e a escrever.
3. O primeiro contato com a contação de histórias foi a partir de seis anos, porque antes ninguém contava histórias.
4. Não me lembro quais histórias eram contadas, apesar de serem poucas.
5. Ela ficava longe da minha casa, estudava à tarde, tinha que me aprontar cedo para ir na estrada esperar o caminhão. Quando comecei ir na escola, as histórias eram lidas, o professor lia as histórias, mais tarde as histórias eram contadas. Nós costumávamos ouvir histórias que chamavam a nossa atenção e que eram engraçadas.
6. A história que me contaram e eu mais gostei de ouvir foi a história d' *Os três porquinhos*, mas não sei se esta história está escrita em algum livro, porque me contaram quando eu era pequeno.
7. Tem só alguns que contam histórias.
8. A contação de histórias estimulou muito meu interesse para a leitura, quando eu era pequeno, gostei de leituras, mas com o passar do tempo, não me contavam histórias, não gostei mais de leituras.
9. -
10. Pode auxiliar, porque com a contação de histórias fica-se informado sobre tudo o que acontece no município e na região.
11. -

Aluno 17

1. Quando criança brincava bastante com minha irmã e amigas, era tudo diferente de como é hoje, naquela época brincávamos com coisas da natureza, hoje as crianças brincam nos computadores e em outras tecnologias mais. Morava no interior de Canhada Grande. Muitas antes de ser alfabetizada, mas continuo ouvindo histórias nos dias de hoje. Sim, contavam-me somente histórias de livros, mas também histórias da vida de cada um. Quem as contava eram meus pais, tios, avós, vizinhos, amigos, professores etc.
2. Não muitos, mas havia, o que eu achava bastante interessante eram os livros do meu avô.
3. Não me recordo a idade, mas desde pequena ouço pessoas contando histórias.
4. Histórias para mim, não somente publicadas em livros, mas sim todo o acontecimento que uma pessoa conta para a outra, por isso já ouvi muitas, como por exemplo: *Os Três*

Porquinhos, A Branca de Neve e os Sete Anões etc.

5. Estudava numa escola pequena e com poucos recursos, ela se situava na minha comunidade. A maioria delas eram lidas, pela professora. Ouvia *Branca de Neve, Os Três Porquinhos, Cinderela, Os Sete Anões, A Bela Adormecida* e, como já falei antes, histórias da vida das pessoas.

6. Gostava muito de ouvir histórias de aventuras. Não sei.

7. Sim, exatamente histórias de livros, mas também histórias da vida deles.

8. Um pouco. Quem mais estimulou meu interesse pela leitura foi a professora Anelise, nas aulas de leitura.

9. Às vezes. Fora da sala de aula ou nas aulas, quando sobra algum tempo, contamos histórias, mas somente algumas vezes. Porque, muitas vezes, os professores não nos dão tempo para fazer tal coisa.

10. Às vezes, tudo depende da história e de como é contada.

11. Não.

ANEXO 8 - Roteiro de questionário apresentado aos professores da Escola de Educação Básica Arabutã

- 1) Onde vivias na tua infância? Existia em tua casa um ambiente propício à contação de histórias antes mesmo de frequentares a escola? Quem contava as histórias?
- 2) Na tua casa havia material escrito à disposição, como livros, jornais e revistas etc.?
- 3) Com que idade aconteceu o primeiro contato com a contação de histórias?
- 4) Lembra quais histórias eram contadas? Como eram contadas?
- 5) Descreva a escola em que estudaste? Os professores te contavam histórias? Como eram as histórias? Eram contadas? Eram lidas? Que história costumava ouvir?
- 6) Qual foi a história que te contaram que mais gostaste de ouvir? Sabes se esta história está escrita em algum livro? Caso saibas, qual é o nome do livro e seu autor?
- 7) A contação de histórias estimulou teu interesse para a leitura?
- 8) Tu contas histórias? Vê a contação de histórias no Ensino Fundamental e no Ensino Médio como uma possibilidade do aluno desenvolver seu potencial? Vê resultados positivos ou negativos contando histórias para teus alunos durante as aulas?
- 9) Acreditas que a contação de histórias pode auxiliar os educadores no ensino e na aprendizagem? Ela pode ser um instrumento na promoção de leitores? Por quê?
- 10) Gostarias de escrever algo sobre a contação de histórias?

ANEXO 9 - Respostas dos professores da Escola de Educação Básica Arabutã ao questionário

Professor 1

1. Até os dez anos morava com os pais e irmãos no interior. A partir dos onze anos com os avós na cidade para poder estudar. Apesar de termos sido relativamente pobres, guardo boas lembranças de minha infância, pois éramos livres e felizes (brincávamos muito). Sim. Mas também continuaram depois da minha alfabetização. Sempre me contaram muitas histórias. Essas eram contadas pelos meus pais e pelas minhas avós (principalmente a avó paterna que morava conosco).
2. Na minha casa sempre havia muitos livros, jornais e revistas, pois todos gostam muito de ler.
3. Não recordo, pois desde muito pequena já me contavam histórias (desde sempre, eu acho).
4. Muitas lendas (desde pequena já ouvia lendas de Andersen, Grimm etc). Também me contavam histórias reais passadas na vida (principalmente as avós). Às vezes contavam livremente, outras vezes a partir de fotografias ou lendo livros.
5. Até a 5ª série freqüentei uma escola multisseriada (acho que foram os meus melhores anos escolares), depois freqüentei por dois anos uma escola particular (freiras católicas) e depois essa mesma escola comprada pelo estado. Aí só consegui conquistar meu lugar pelos conhecimentos/rendimento escolar, pois eu não fazia parte da “elite” econômica.
6. Até a 5ª série eram contadas e lidas muitas histórias. Depois disso cada vez menos as ouvia (apenas alguns professores o faziam). Histórias da Bíblia, lendas, contos, anedotas, textos retirados de livros didáticos, histórias referentes a conteúdos trabalhados (ex.: história do Brasil) etc. Lembro de minha avó contando a história da ressurreição de Cristo. Ela contou de tal maneira que, embora na época eu fosse bem criança, consigo vê-la sentada ao meu lado até hoje contando a história. Pelo relato dela eu imaginei como tudo ocorreu e consegui viver o que ela me contou. Sim, primeiro me contaram (minha avó) e depois eu mesma li *Die Inkainsel*, cujo autor não me lembro quem é. A história é uma mistura de ficção com história real do massacre dos incas pelos espanhóis.
7. Com certeza, pois queria buscar por conta própria o que me era contado.
8. Vejo que nossos alunos lêem muito pouco e também não gostam de ler, o que os prejudica muito na interpretação e produção de textos. Acredito, sim, que a contação de histórias poderia auxiliar o aluno do ensino médio a querer buscar mais (além da sala de aula) e a entender melhor os conteúdos trabalhados. Vejo que, com isso, ao menos desperto mais o interesse do aluno em relação ao conteúdo e à aula e também facilito o entendimento (e aprendizagem) dele. Em Língua Estrangeira é importante trabalhar primeiro a parte oral (e de ouvir) e depois a escrita (e lida).
9. Sim. Primeiro que ao contar histórias pessoais é possível criar um vínculo maior com o aluno (transpor a distância entre o professor e aluno). Segundo, é possível direcionar as histórias para determinados conteúdos e servirão de auxílio para a aprendizagem.
10. Deveria ser mais incentivada. Acredito que tornariam as aulas mais interessantes e os conteúdos mais significativos para os alunos (aplicação na prática).

Professor 2

1. Sempre vivi no local onde nasci – Nova Estrela – Arabutã – saindo temporariamente para estudar. Tive uma infância alegre, em contato com a natureza e muitas, muitas brincadeiras. Minha mãe ensinou a ler em alemão antes de freqüentar a escola e aprender o português. Minha mãe me contou muitas histórias (religiosas, populares, folclóricas). Ficava muito com ela e o

tempo todo ela cantava ou contava histórias. Também uma senhora de idade, mãe da nossa vizinha, contava muitas histórias “de antigamente”. Meu pai contava das coisas da sua época de criança.

2. Tinha uma coletânea de histórias infantis que minha mãe organizou quando ela era menina, na língua alemã, tiradas de um jornal, um dicionário e livros de quando a mãe ia na aula.

3. Desde bem pequena, não lembro a idade.

4. Histórias reais das nossas famílias (fatos ocorridos), histórias bíblicas, histórias do folclore alemão, histórias infantis (clássicos: *Branca de Neve*, *Gata Borralheira*, *Patinho Feio...*). A maioria delas eram contadas oralmente, não lidas.

5. Uma escola pequena, com classes multisseriadas: 1ª a 4ª série em uma sala, e 3ª e 4ª em outra sala. Os professores liam e contavam histórias. Fábulas, lendas, clássicos.

6. Tem uma história infantil, *A Dama e o Vagabundo*, que ainda gosto de ler e ouvir.

7. Muito. As histórias que minha mãe contava foram fundamentais para desenvolver meu gosto pela leitura. Gosto de ler de tudo.

8. Vejo que a contação de histórias pode despertar mais o interesse dos alunos por determinados assuntos. Vejo que alguns lêem somente o necessário. De vez em quando conto histórias.

9. Sim. Como já escrevi anteriormente, contando histórias penso ser mais fácil envolver o aluno com o objeto de estudo.

10. Não.

Professor 3

1. Nessa época vivia em Linha Aurora, em Arabutã, e em Linha Pelotas. Nessa época para nós a vida não era fácil. Sim. Meu pai e minha mãe. No jardim de infância os professores.

2. Sim, sempre.

3. Mais ou menos três anos.

4. *O Patinho Feio*, *Cinderela*, *Branca de Neve e os Sete Anões*.

5. Boa. E sempre incentivando a leitura. Algumas contadas e geralmente lidas. Todas.

6. *Chapeuzinho Vermelho*.

7. Sim.

8. Sim. Tentando trazer para o dia-a-dia deles. Resultados positivos.

9. -

10. -

Professor 4

1. Não tenho muitas lembranças de minha infância, morei até os cinco anos no interior, depois disso viemos para a cidade de Concórdia em busca de uma vida melhor. Sim, mas na alfabetização minha professora também contou muitas histórias de livros infantis.

2. Havia revistas da Sadia, pois meu pai era funcionário da empresa.

3. Por volta de quatro a cinco anos.

4. Eram contadas histórias sobre mula sem cabeça e “velho do saco” (que pegavam as crianças que não obedeciam). Geralmente quem me contava as histórias era minha mãe antes de dormir.

5. Foi marcante, porque os professores do primário eram bastante rígidos, ensinavam, mas exigiam comportamento dos alunos ou aplicavam corretivo como: “cantinho da bobeira”, “cheirar parede”, “rezar para São Francisco” etc. Eram, na maioria das vezes, lidas e, posteriormente, mostradas as figuras. *Patinho Feio*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Três Porquinhos* etc.

6. Todo tipo de história bem ilustrada e bem contada. Não consigo me lembrar o nome da história, mas foi na 2ª série quando nossa professora nos levou para assistir uma “Hora do Conto”, mas não lembro o nome.

7. Com certeza, pois sempre gostei de ouvir histórias e a partir disso fiquei muito curiosa em saber o que traziam os livros.
8. Vejo sim, pois percebo que quando conto alguma história interessante eles ficam muito atentos a ela. Conto histórias pessoais sim, mas para dar algum exemplo de vida e erros cometidos. Vejo resultado sim, porque eles questionam e prestam atenção.
9. Acredito sim, pois incentiva o hábito de leitura dos alunos tanto quanto a criatividade e a imaginação deles.
10. -

Professor 5

1. Vivia numa cidade grande até os nove anos e depois fui morar no interior. Sim, na minha casa havia um ambiente propício à contação de histórias. Minha mãe sempre contava histórias da *Bíblia*, histórias de quando ela era pequena. Também nos cultos infantis se contavam muitas histórias bíblicas. Também minhas avós contavam histórias da vinda da Alemanha para o Brasil, do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, da construção da igreja e do lugar em que viviam. Ainda lembro de uma vizinha que era muito querida e sempre tinha histórias maravilhosas para contar.
2. Havia livros antigos, do tempo de escola da minha mãe.
3. Desde que nasci.
4. Muitas histórias da *Bíblia*, contos de fadas, causos, piadas, acontecimentos da vida dos meus pais e dos meus avós, da vida de outras pessoas. Eram contadas enquanto se tomava chimarrão, antes de dormir (quando eu já estava deitada).
5. Estudei em várias escolas, todas muito boas. Gostava muito de estudar, aprender coisas novas. Ficava feliz quando os professores liam e/ou contavam histórias. Mas eram poucos os professores que contavam histórias e quanto mais eu ia crescendo, quanto mais ia avançando nas séries, menos histórias ouvia durante as aulas. Eu sempre aprendia mais quando os professores contavam histórias que envolvessem os conteúdos que eram trabalhados.
6. *A Arca de Noé, A Branca de Neve e os Sete Anões, Os Três Porquinhos.*
7. Com certeza, eu sempre queria encontrar o livro em que estaria aquela história e pensava em escrever livros um dia.
8. Conto histórias, mesmo para os adolescentes e adultos, porque os resultados são positivos.
9. Certamente, porque tenho muitos alunos que lêem porque sempre ouviram histórias.
10. A contação de histórias parece estar ressurgindo, muitos pais e professores estão acreditando nessa atividade para educarem seus filhos.

Professor 6

1. Não lembro. Acredito que sim. Sim, minhas avós.
2. Sim.
3. -
4. Reis, rainhas da Europa.
5. Escola multisseriada de 1ª a 4ª série. Lidas pelo professor. Contos de fadas e contos populares.
6. Sei lá.
7. Sim.
8. -
- 9.-
- 10.-

Professor 7

1. Sim. Minha mãe e meus irmãos.
2. Sim.

3. Desde bebê quando me contavam histórias para dormir.
4. Contos de fadas, lendas.
5. Era uma escola multisseriada na qual tínhamos um dia por semana com uma aula de leitura. Eram lidas e também contadas. Sempre me interessava mais pelos contos de fadas.
6. -
7. Sim.
8. Sempre que for possível.
9. Sim, aluno que lê é mais criativo.
10. Precisamos estimular nossos alunos à leitura, se não gostam de ler, que ouçam histórias, quem sabe seja o início para desenvolver o gosto pela leitura.

Professor 8

1. Morei em vários lugares e viajei bastante, por isso as minhas lembranças são muitas. Das pessoas, do que ocorreu, dos lugares, das coisas diferentes que vi, conheci, comi etc. Sim. Meu pai, minha mãe, professora da escola dominical.
2. Sempre houve.
3. Não me recordo, acredito que seja muito cedo.
4. Sim, histórias da *Bíblia*, umas eram contadas sem utilizar livros e outras eram lidas.
5. Quando morei em vários lugares e em vários estados, então frequentei várias escolas públicas e particulares. Cada uma possuía suas particularidades. Na maioria das vezes eram lidas. Depende da idade de cada criança, dos gostos (animais, coisas, pessoas).
6. Quando se trata de histórias bíblicas, elas trazem sempre uma lição para aprender, portanto, todas são e sempre serão interessantes. *O Morro dos ventos Uivantes*, *Paixão Segundo GH* são alguns romances que eu li e gostei. *História das Mulheres no Brasil* de Mary Del Priore.
7. Até a 5ª série não me interessava ler, a não ser quando tinha alguma atividade para fazer na escola. Na 5ª série fui aluna da professora Araceli Guimarães Sá, foi quem me estimulou.
8. O conteúdo de História escrito nos livros didáticos é pouco atraente para os alunos lerem, chegam a ser maçantes. Quando se comenta aspectos envolvendo o cotidiano de certos momentos históricos os alunos adoram.
9. Sim, porque enriquece o conteúdo e torna o estudo da História mais interessante.
10. Quando se fala em cidadania, parece uma coisa tão distante e muitas vezes o professor é o único meio de acesso do aluno. Os alunos de ensino médio lêem por pressão e não por prazer, penso que as bibliotecas deveriam valorizar muito mais os clássicos porque são patrimônios culturais e sociais da humanidade brasileira.

Professor 9

1. Vivia com meus pais no interior. Gostava de brincar de ir à escola e também de preparar, ou seja, construir nossos próprios brinquedos. Éramos pobres, mas a felicidade sempre reinou em nosso lar. Antes e também durante a alfabetização. Quem contava era meu pai. Histórias de quando ele era criança e de sua vida. Também algumas histórias da *Bíblia*.
2. Não. Todas as histórias que escutei quando era criança foram contadas pelo meu pai sem livros ou revistas.
3. Acho que com cinco anos.
4. Histórias de fadas, fantasmas, assombrações e histórias da *Bíblia*.
5. Estive em bastante escola, mas o que mais lembro foi a 1ª a 4ª série, uma escola sem recursos, sem livros e um professor para as quatro séries. Eram contadas/inventadas, pois os livros eram poucos. Lobos, histórias de vidas, bíblicas etc. Histórias que deixam uma mensagem no final ou uma lição de vida.
6. *João e o pé de feijão*. *A Bíblia* e *O carro*. Não sei se está escrita em livros.

7. Sim, bastante, principalmente por cantos. Quem estimulou foi uma professora de português da 6ª série.
8. Na área de Matemática, não conto histórias, mas em áreas como Estudos Regionais, por exemplo, eu conto e eles aprendem com facilidade, melhor do que com livros.
9. Sim, porque as histórias cativam os alunos, com isso fica mais fácil o desenvolver do trabalho. Os alunos têm bastante deficiência na escrita e na leitura, acho que talvez com leitura e a contação de histórias, ajudaria bastante.
10. Não.

Professor 10

1. Vivia no mesmo local que hoje. Lembro-me que brincava com uma vizinha. Sim. A mãe contava.
2. Sim.
3. Não lembro.
4. Histórias de vida. *Chapeuzinho vermelho, Três Porquinhos* e assim por diante.
5. Simples, em Nova Estrela, de madeira com porão. Os clássicos, mais lidos.
6. De superação, de vida.
7. Talvez.
8. -
9. Talvez.
10. -

ANEXO 10 - Roteiro de questionário apresentado à gestora da Escola de Educação Básica Arabutã

- 1) Onde vivias na tua infância? Existia em tua casa um ambiente propício à contação de histórias antes mesmo de frequentares a escola? Quem contava as histórias?
- 2) Na tua casa havia material escrito à disposição, como livros, jornais e revistas etc.?
- 3) Com que idade aconteceu o primeiro contato com a contação de histórias?
- 4) Lembra quais histórias eram contadas? Como eram contadas?
- 5) Descreva a escola em que estudaste? Os professores te contavam histórias? Como eram as histórias? Eram contadas? Eram lidas? Que história costumava ouvir?
- 6) Qual foi a história que te contaram que mais gostaste de ouvir? Sabes se esta história está escrita em algum livro? Caso saibas, qual é o nome do livro e seu autor?
- 7) A contação de histórias estimulou teu interesse para a leitura?
- 8) Tu contas histórias? Vê a contação de histórias no Ensino Fundamental e no Ensino Médio como uma possibilidade do aluno desenvolver seu potencial? Vê resultados positivos ou negativos contando histórias para teus alunos durante as aulas?
- 9) Acreditas que a contação de histórias pode auxiliar os educadores no ensino e na aprendizagem? Ela pode ser um instrumento na promoção de leitores? Por quê?
- 10) Gostarias de escrever algo sobre a contação de histórias?

ANEXO 11 - Respostas da gestora da Escola de Educação Básica Arabutã
ao questionário

Gestora

1. Morei sempre com meus avós e tenho grandes lembranças. Sim. A minha avó materna.
2. Na época tínhamos muitos gibis.
3. Aos quatro ou cinco anos.
4. Histórias bíblicas e reais contadas pela minha avó.
5. A minha escola primária foi muito tradicional. Havia livros significativos. Na maioria das vezes eram lidas. Clássicos da literatura infantil. *Três Porquinhos*.
6. Histórias que envolviam animais. *A Branca de Neve*.
7. Sim.
8. Sim. Tento possibilitar a atividade e os resultados são positivos.
9. Sim. Realizar projetos que envolvam a leitura. A leitura desenvolve muitos aspectos na vida do aluno.
10. Os assuntos devem ser relativos à adolescência.